



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**



**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado

**Área de Concentração: Psicologia Aplicada**

*Débora Nogueira Tomás*

**Conhecendo o perfil mediacional de mães sociais: um estudo  
sobre as interações em abrigos**

**UBERLÂNDIA  
2010**

*Débora Nogueira Tomás*

**Conhecendo o perfil mediacional de mães sociais: um estudo  
sobre as interações em abrigos**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientadora: Professora Doutora Celia Vectore

**UBERLÂNDIA  
2010**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

T655c Tomás, Débora Nogueira, 1983-  
Conhecendo o perfil mediacional de mães sociais [manuscrito] :  
um estudo sobre as interações em abrigos / Débora Nogueira Tomás.  
2010.  
119 f..

Orientadora: Celia Vettore.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui bibliografia.

1. Crianças - Desenvolvimento - Teses. I. Vettore, Celia. I. Uni-  
versidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em  
Psicologia. III. Título.

CDU: 159.922.72

---

Conhecendo o perfil mediacional de mães sociais: um estudo  
sobre as interações em abrigos

Débora Nogueira Tomás

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientadora:  
Professora Doutora Celia Vettore

Dissertação defendida em ...../...../....., perante a Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cláudia Dechichi

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Helena de Ornellas Sivieri Pereira

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Celia Vettore  
Presidente

**UBERLÂNDIA**  
**2010**



*Crianças (Orfanato) - Tarsila do Amaral, 1935*

*A todos aqueles que cuidam de  
crianças abrigadas, em especial  
às mães sociais.*

## AGRADECIMENTOS

*É com muita alegria que chego ao final de mais uma jornada, com muita satisfação. É um prazer lembrar aqui e agradecer as pessoas tão especiais que me ajudaram nesta trajetória.*

*À minha querida orientadora professora Doutora Célia Vectore, por quem tenho grande carinho e admiração, obrigada pelo exemplo de pessoa e de profissional dedicada à pesquisa. Muito obrigada pela confiança, pela sensibilidade com que me conduziu neste trabalho e pelos conhecimentos construídos a partir de suas orientações.*

*Aos participantes desta pesquisa, toda equipe do abrigo, em especial às mães sociais e às crianças, pela participação, pela aprendizagem e pelos exemplos de vida que me proporcionaram.*

*À querida Professora Doutora Eulália Maimone, pela atenção e pelo carinho dedicados a mim desde a Graduação, pelas valiosas sugestões e pelas reflexões na Banca de Qualificação, que muito me auxiliaram no desenvolvimento desta pesquisa.*

*À professora Helena, muito obrigada por estar presente em mais uma etapa importante na minha vida, ao aceitar o convite para participar da banca de Defesa.*

*À Professora Doutora Cláudia Dechichi, pelas contribuições na qualificação e por aceitar compor a banca de Defesa.*

*A toda minha família (pais, avó, irmãos, tios e primos), pelo auxílio financeiro, pela força nos momentos difíceis, pelo exemplo de amor e de união, porque a vida em família nos ensina a amar e a compartilhar.*

*Às amigas construídas durante o Mestrado, que me incentivaram nos momentos mais difíceis, e principalmente, pelas discussões intelectuais, tão importantes na minha formação.*

*Aos amigos de infância e às amigas de faculdade, pelo auxílio constante, pela compreensão e pelo apoio, pelo ombro amigo e acolhedor, que nunca deixou o sorriso apagar-se de minha face.*

*Ao meu querido Neto, companheiro que comigo recomeça sempre, apoiando minhas escolhas. Obrigada pelo amor, pela presença mesmo que distante e pelo estímulo nos momentos de desânimo e de cansaço.*

Não digas: Este que me deu corpo é meu pai.  
Esta que me deu corpo é minha mãe.  
Muito mais teu Pai e tua Mãe são os que te fizeram  
Em espírito.  
E esses foram sem número.  
Sem nome.  
De todos os tempos.  
Deixaram o rastro pelos caminhos de hoje.  
Todos os que já viveram.  
E andam fazendo-te dia a dia  
Os de hoje, os de amanhã.  
E os homens, e as coisas todas silenciosas.  
A tua extensão prolonga-se em todos os sentidos.  
O teu mundo não tem pólos.  
E tu és o próprio mundo.  
(Cecília Meireles)

## RESUMO

Este estudo objetivou identificar e avaliar o perfil mediacional de mães sociais atuantes em contextos de abrigo, haja vista a importância de interações adequadas, fomentadoras de vínculos seguros junto à criança em situação de risco. A pesquisa foi realizada em uma instituição abrigo do modelo Casa Lar, situada em uma cidade do interior de Minas Gerais e contou com a participação de quatro mães sociais responsáveis pelo cuidado de crianças de até seis anos de idade. Foram feitas observações do cotidiano institucional, entrevista com a Assistente Social, de modo a caracterizar a instituição e entrevistas semiestruturadas com as mães sociais. Para a coleta de dados, foram realizadas videografações dos momentos de interação entre mães sociais e crianças ocorridas durante atividades rotineiras como: banho, alimentação, acordar, brincar e assistir televisão. Foram realizadas vinte filmagens de dez minutos cada, sendo cinco de cada mãe social, totalizando três horas e vinte minutos de gravação. As filmagens foram transcritas e analisadas, conforme os critérios mediacionais — *Focalização, Mediação de Significado, Recompensa, Regulação de Comportamento e Expansão* — propostos pela abordagem relativa à Aprendizagem Mediada. Os resultados revelaram que, entre os critérios de mediação elencados, o mediacional mais utilizado foi o de *Regulação de Comportamento*, que, muitas vezes, se refere ao que as crianças não devem fazer ou apenas orientam ou direcionam os comportamentos. Os dados trouxeram à luz que, nas interações entre mães sociais e crianças os diálogos são empobrecidos, restringem-se a poucas falas, o que pode ser devido à falta de formação dessas profissionais para o exercício de sua função. O trabalho discute a necessidade de um programa contínuo de formação para mães sociais e, além disso, aponta a relevância de novos estudos para a compreensão mais abrangente da infância sob risco que, infelizmente, faz parte do universo de um grande contingente de crianças, vivendo em contextos de abrigamento e, quiçá, podem nortear políticas públicas que respondam aos anseios e direitos, desses pequenos brasileiros.

Palavras Chave: abrigo, mãe social, critérios mediacionais, desenvolvimento infantil



## ABSTRACT

This study aimed to identify and evaluate the mediation profile of social mothers who act in shelter contexts, due to the importance of adequate interactions which foster the ties with infant in risk situation. The search was performed in a Home model shelter institution, in a Minas Gerais state city, Brazil. Four social caregivers of children up to age six have participated on it. Observations on the institutional daily life and interviews to social worker were done as well semi-structured interviews to the social mothers. For data collecting, the moments of interaction between the social mothers and the children were video taped during routine activities such as bath, feeding, waking, playing, and watching television times. Un amount of twenty ten minutes duration films were done, five to each social mother, which corresponds to three hours and twenty minutes tape. These films were transcribed and analyzed according to mediation criteria proposed by the Mediate Learning approach: *Focalization, Meaning Mediation, Reward, Behavior Regulation* and *Expansion*. The results showed that the most used mediation criterion was the Behavior Regulation one. Sometimes, it refers to what the children can do or not; sometimes, they guide or regulate their behavior. Data showed that the dialogues are poor between the social mothers and the children. I may be due to the lack of formation of these professionals for developing this function. The study discusses the need of a continuous program to form social mothers and besides it points the relevance of further studies in order to widely understand risk childhood, which, unfortunately, is a part of the universe of a great number of children who lives in shelter context. They perhaps can guide public policies that could respond to these small Brazilian concerns and rights.

Key words: Sheltering, Social Mother, Mediation Criteria, Child Development.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Formação e experiência profissional das mães sociais .....	45
Tabela 2 Concepções de infância das mães sociais .....	52
Tabela 3 Concepção das mães sociais sobre as crianças abrigadas .....	53
Tabela 4 O que é feito pra promover o desenvolvimento das crianças .....	54
Tabela 5 Frequência de critérios mediacionais de Ana nas videograções .....	61
Tabela 6 Frequência dos critérios mediacionais de Maria nas videograções .....	68
Tabela 7 Frequência dos critérios mediacionais de Nina nas videograções .....	75
Tabela 8 Frequência dos critérios mediacionais de Lena nas videograções .....	81
Tabela 9 Perfil Mediacional das Mães Sociais .....	812

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Frequência dos critérios mediacionais de Ana nas video gravações .....	62
Gráfico 2 Frequência dos critérios mediacionais de Maria nas video gravações .....	68
Gráfico 3 Frequência dos critérios mediacionais de Nina nas video gravações .....	75
Gráfico 4 Frequência dos critérios mediacionais de Lena nas video gravações .....	81

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APE	APE – Processo de Avaliação e Melhoramento da Qualidade na Aprendizagem Pré-Escolar Efetiva
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EAM	Experiência de Aprendizagem Mediada
FUNABEM	Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor
IPEA	Pesquisa Ação Social das Empresas
ICELP	The International Center for the Enhancement of Learning
MCE	Modificabilidade Cognitiva Estrutural
MISC	MISC – Mediation Interention for Sensitizing Caregivers
ONU	Organização das Nações Unidas
PNCFC	Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito da Criança e do Adolescente à Convivência Familiar e Comunitária
ONG	Organização não governamental
SAM	Serviço de Assistência a Menores
SAC	Serviços de Ação Continuada
SEDH	Secretaria Especial dos Direitos Humanos
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	14
1.A INFÂNCIA INSTITUCIONALIZADA NO BRASIL: DA COLONIZAÇÃO À CONTEMPORANEIDADE .....	200
1.1 Apontamentos acerca do abrigo como contexto de desenvolvimento .....	24
1.2 Profissionais do acolhimento institucional: a mãe social .....	27
2. POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO EM ABRIGOS: O PROGRAMA DE MEDIACÃO E INTERVENÇÃO PARA CUIDADORES MAIS SENSÍVEIS - MISC.....	30
3. MÉTODO .....	37
3.1. Participantes.....	37
3.2. Instrumentos .....	38
3.3. Procedimento .....	39
Contextualizando o Abrigo .....	40
As mães sociais .....	44
Ana.....	45
Maria.....	46
Nina.....	46
Lena .....	47
As observações: conhecendo a rotina da casa .....	47
As filmagens .....	48
4. RESULTADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS .....	50
4.1 As entrevistas .....	50
4.2 As filmagens .....	55
Ana.....	56
1ª filmagem – hora do banho dos meninos 29/07/2009 .....	56
2ª filmagem – assistindo televisão e resolvendo conflitos – 05/08/2009 .....	58
3ª filmagem – hora do lanche – 05/08/2009 .....	59
4ª filmagem – acordando as crianças e trocando fralda 07/08/2009 .....	59
5ª filmagem – brincando no parquinho – 11/ 09/2009 .....	60
Maria.....	62
1ª filmagem – hora do banho – 05/08/2009 .....	62
2ª filmagem – hora do lanche – 07/09/2009 .....	63

3ª filmagem – crianças acordando – 01/09/2009 .....	65
4ª filmagem – evangelização dominical – cantos .....	66
5ª filmagem – evangelização dominical – contando história.....	67
Nina.....	69
1ª filmagem: Hora do Lanche – 10/09/2009 .....	69
2ª filmagem: hora do banho – 10/09/2009.....	70
3ª filmagem: assistindo à televisão – 10/09/2009 .....	72
4ª filmagem: brincando no parque – 11/09/2009.....	73
5ª filmagem: resolvendo conflitos – 11/09/2009 .....	73
Lena .....	73
1ª filmagem: Hora do Lanche: 10/10/2009 .....	76
2ª filmagem: brincando no parquinho – 10/10/2009 .....	77
3ª filmagem : hora do banho – 11/10/2009.....	78
4ª filmagem: brincando no quintal – 23/10/2009 .....	79
5ª filmagem: assistindo à televisão : 23/10/2009.....	80
5. DISCUSSÃO .....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	95
REFERÊNCIAS .....	101
ANEXO 1 - CEP.....	106
ANEXO 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	107
ANEXO 3 - ROTEIRO DE CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO ABRIGO .....	108
ANEXO 4 - ENTREVISTA COM A MÃE SOCIAL .....	109
APÊNDICE 1 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM MARIA .....	110
APÊNDICE 2 – TRANSCRIÇÃO DA FILMAGEM DE ANA .....	116

## INTRODUÇÃO

O abandono de crianças sempre esteve presente na vida em sociedade, podendo ser observado desde as civilizações mais antigas, como a greco-romana, representado pelo aborto e o infanticídio (Marcílio, 1998) até na atualidade, em diferentes contextos sociais.

Historicamente, era concedido ao chefe da família o direito de rejeitar, expor, vender como escravo ou até mesmo matar os filhos recém-nascidos, em especial, quando o bebê apresentava alguma deformidade, uma vez que se acreditava que essas deficiências poderiam trazer má sorte para a família e para a comunidade (Negrão, 2002). A partir do ano de 318 d.C., o infanticídio passou a ser condenado pela legislação Romana Imperial, por meio de um conjunto de leis e de algumas medidas favorecedoras às crianças expostas<sup>1</sup>, como a regulamentação do direito à adoção (Santos, 2006).

Após a queda do Império Romano, provocada pelas invasões bárbaras e o nascimento da Idade Média, a Igreja Católica assumiu com maior intensidade o controle da exposição, da venda e da criação de crianças, por meio da divulgação de novas leis e políticas para amenizar punições advindas de infanticídio e do abandono dos pequenos em famílias pobres (Santos, 2006). Para Marcílio (1998, p. 31), esse período foi norteadado pela ideia utópica da concretização de uma sociedade que se situasse “entre o Céu e a Terra”, tendo sido criados hospitais e hotelarias monásticas para receber os desvalidos.

Uma das estratégias utilizadas pela Igreja foi a instituição da Oblata, em que a família, independente de sua classe econômica e social, doava um de seus filhos a Deus, recebendo o reconhecimento social e a possibilidade de diminuir o número familiar e a distribuição da herança, impedindo a fragmentação excessiva da propriedade entre muitos filhos. Por outro

---

<sup>1</sup> De acordo com Venâncio (1999), os textos históricos trazem o termo criança exposta ou criança enjeitada para caracterizar a criança em situação de abandono, que se encontrava em instituições ou nas ruas.

lado, a partir do Século XII, com o aumento da população e disseminação de epidemias e do abandono de crianças, a responsabilidade pelos pobres, doentes e desvalidos, entre eles as crianças expostas também passou a ser dos municípios, embora o clero ainda tivesse grande influência, o que permitiu que essas duas formas de assistência à infância desvalida convivessem por muito tempo (Santos, 2006).

Desse modo, foram criadas, no continente europeu, as instituições de abrigo e de proteção aos enjeitados, seguindo o modelo das Rodas dos Expostos<sup>2</sup>, localizadas junto às Casas de Misericórdia. Tal modelo se espalhou por toda Europa, devido à mortalidade infantil e à concepção de que a criação de instituições para crianças enjeitadas cumpria uma dupla função cristã: evitar o infanticídio e possibilitar aos cristãos o exercício da caridade e do amor ao próximo (Venâncio, 1999).

Assim, as rodas dos Expostos originaram-se na Europa Medieval vinculadas às Casas de Misericórdia, com forte orientação religiosa, de modo que a criança ali depositada era rapidamente batizada, para que sua alma fosse salva. A Roda seria uma opção contra a mortalidade das crianças e a garantia de anonimato dos expositores (Marcílio, 2001).

Outra prática de acolhimento de crianças muito comum, observada ao longo da História, é a circulação de crianças (Fonseca, 2004). Tal termo foi e é utilizado para designar as crianças que passam parte da infância ou da juventude em casas que não são de seus genitores ou até mesmo nas ruas e em instituições. A circulação de crianças pode ser entendida como uma “transferência temporária ou definitiva da criança de sua família biológica para outro grupo familiar” (Sá, 1992, p. 115), constituindo uma solução cultural e comunitária para o enfrentamento de adversidades seja de ordem econômica, social, de saúde, de habitação, que as famílias pauperizadas e, ainda hoje, pode ser encontrada em

---

<sup>2</sup> Roda de Expostos: tratava-se de um dispositivo giratório com formato cilíndrico, fixado aos muros das instituições, no qual se colocavam os bebês que se seriam abandonados. Após o depósito da criança, girava-se a roda e a criancinha já estava do outro lado do muro. A seguir, uma sineta era acionada, para avisar a “rodeira” que um bebê acabava de ser abandonado (Marcílio, 2001).



comunidades de baixa renda, como um suporte psicossocial para famílias que têm dificuldades de criar e de educar seus filhos (Fonseca, 2004).

Vale destacar que, somente no século XVII, a instituição familiar passou a ter uma concepção semelhante à dos dias atuais, atrelada ao “sentimento de infância” (Áries, 1981), haja vista que, antes de tal período, a criança era vista como um adulto em miniatura. Bandinter (1985) acrescenta que, no caso de famílias de classes socialmente favorecidas, era frequente a prática de entregar os filhos recém-nascidos às amas de leite. Essa prática disseminou-se entre todas as camadas sociais, mas, ao contrário das mulheres favorecidas socialmente, que argumentavam que amamentar os filhos poderia ser prejudicial à saúde e a beleza, as de classe social desfavorecida precisavam deixar seus filhos para poderem sobreviver.

Apesar dos avanços em relação ao desenvolvimento humano, no que se refere às políticas públicas, dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância, UNICEF (2008) sobre a situação mundial da infância, mostram que, no Brasil, ainda é grave a situação das crianças abaixo de seis anos de idade: a maior parte delas vive em situações extremas de pobreza. E a pobreza ainda é o fator principal da institucionalização de crianças no País.

Abrigar crianças e adolescentes ainda é uma prática bem vista por alguns segmentos da sociedade, no entanto, ela nega o direito da criança à convivência familiar e comunitária, nega ainda o direito da família de viver com dignidade e poder criar e educar seus filhos. Nessa perspectiva, o abrigo, assim como a família e as instituições de Educação infantil, é compreendido como um importante contexto de desenvolvimento que merece ser visto com bons olhos, rompendo com posturas culpabilizadoras e estigmas que apontam os profissionais que nele atuam como sendo sem preparo e desqualificados, na busca por melhorias desse serviço.

A institucionalização de crianças e de adolescentes brasileiros, notadamente realizada em abrigos, é uma prática disseminada em todo o território nacional e traz, ao longo de sua existência, tristes marcas relativas ao abandono, constituindo um fator de preocupação de diversos segmentos da sociedade contemporânea.

Entende-se por abrigo uma modalidade de apoio psicossocial, de acolhimento e de proteção às crianças e aos adolescentes que, por motivos como violência, abandono, negligência, tiveram seus direitos violados e precisaram sair da convivência familiar.

Silva (2004) destaca que o acolhimento institucional evidencia a necessidade de se priorizar o atendimento personalizado, em pequenos grupos, em ambientes semelhantes ao de um lar. Para elucidar o atendimento institucional, a autora esclarece as três modalidades de atendimento existentes: Casa de Passagem ou Acolhida, Casa-Lar ou Abrigo Domiciliar e o Abrigo Institucional. Neste estudo, foi escolhido o modelo de abrigo tipo Casa Lar, em que as cuidadoras são denominadas mães sociais e possuem um regime de trabalho diferenciado dos demais funcionários.

Com o advento do Estatuto da Criança e do Adolescente, ECA (Brasil, 1990), o abrigamento se faz necessário, quando os direitos da criança e do adolescente são, de algum modo, violados e a institucionalização se constitui como uma medida protetora de danos ao desenvolvimento adequado. É importante frisar que o referido estatuto enfatiza que o acolhimento institucional deve ser uma medida provisória e excepcional, na qual deve ser privilegiada a reintegração familiar ou, quando esgotadas as chances, a colocação em famílias substitutas, resguardando o direito à convivência familiar. A criança, quando privada do convívio familiar, deve estar em ambiente protetor. Esse ambiente, além de proteger, também deve garantir condições básicas de alimentação, educação, saúde e convívio social (UNICEF, 2005).

Nesse sentido, é fundamental que as instituições abrigo possam ser organizadas de maneira a oferecer um serviço de qualidade para os que ali necessitam de ser acolhidos. Contudo, embora Cavalcante, Magalhães e Pontes (2007a) reconheçam a importância dos abrigos, como ambientes promotores de desenvolvimento, de habilidades e de competências decisivas para a formação da personalidade e sociabilidade dos abrigados, afirmam que estudos que avaliam a qualidade de tais instituições como ambientes coletivos de cuidado e de desenvolvimento infantil são praticamente inexistentes na literatura especializada.

Pesquisas realizadas nos contextos de educação infantil (Oliveira-Formosinho, Kishimoto, 2002; Vectore, Maimone e Costa, 2003; Klein, 2000; Vectore, 2003) auxiliam a pensar sobre o desenvolvimento efetivo da criança pequena, que se encontra em situação de abrigo. Principalmente no que se refere à cuidadora (educadoras, mães sociais), uma vez que ela adquire um papel fundamental diante dos aspectos rotineiros na instituição abrigo.

Esta pesquisa vem contribuir com as discussões sobre os cuidados e o desenvolvimento das crianças abrigadas tendo como foco as mediações entre as mães-sociais e as crianças na rotina diária da instituição.

Ao considerar a importância de interações adequadas nos primeiros anos de vida para o desenvolvimento futuro, e que em uma instituição abrigo a mãe social é a responsável direta pelos cuidados das crianças, torna-se pertinente investigar as interações entre cuidadores e crianças, uma vez que alguns comportamentos dos adultos são importantes tanto para a transmissão cultural como para os processos de aprendizagem e desenvolvimento. Esta premissa se tornou uma busca constante nesta pesquisa, em que compreender o perfil mediacional da cuidadora lança luz sobre às inúmeras questões que envolvem a formação de sujeitos reflexivos, autônomos e capazes de aprender com suas próprias experiências de aprendizagem.

Para conhecer e analisar o perfil mediacional de cada mãe social, é apresentado um programa de intervenção mediacional denominado de MISC – *More Intelligent and Sensitive Child* (Klein e Hundeid, 1989), que traz como pressupostos teóricos os conceitos de desenvolvimento de Vygostky e Feuerstein, e a partir dele foi possível observar e analisar as características mediacionais de cada mãe social durante as interações decorrentes da rotina do abrigo, como hora do banho, alimentação, brincadeiras, dentre outras.

Este estudo teve como objetivo pesquisar sobre as mediações entre mãe sociais e crianças institucionalizadas de até seis anos de idade, por acreditar que quanto mais cedo as crianças tiverem contato com mediações adequadas, melhor será o seu desenvolvimento cognitivo, social e emocional, transformando-se em cidadãos autônomos, reflexivos e capazes de adquirir hábitos essenciais para aprendizagens futuras.

Em meio às pesquisas (Vectore, 2005; Siqueira e Dell’Aglío, 2006; Cavalcante et.al.,2007a; Prada;2007; Golin, 2010) que caracterizam os abrigos e as situações de desenvolvimento das crianças e adolescente institucionalizados, a identificação do perfil mediacional das mães sociais constitui o primeiro passo, na busca de uma mediação de qualidade para as crianças institucionalizadas. Nesse sentido é que o presente trabalho se justifica, uma vez que poderá contribuir para a reflexão de possibilidades para um abrigo mais humano e de qualidade.

## 1. A INFÂNCIA INSTITUCIONALIZADA NO BRASIL: DA COLONIZAÇÃO À CONTEMPORANEIDADE

*“Toda pessoa sempre é a marca das lições diárias  
de outras tantas pessoas.”  
(Gonzaguinha)*

A História de atendimento à infância e à adolescência, no Brasil, foi marcada por experiências de abrigo. Ser criado longe de suas famílias e comunidades, por meio da internação em instituições asilares foi uma prática comum, tanto para os filhos de famílias ricas, quanto para os pobres (Rizzini & Rizzini, 2004).

A institucionalização de crianças no Brasil teve seu início no período de colonização, por volta de 1530, pelos portugueses. As crianças vindas de Portugal eram minorias nas embarcações e se encontravam na condição de grumetes, pajens e crianças expostas, além das que vinham acompanhadas de seus pais. Ao chegarem à colônia, também havia os filhos dos índios que, posteriormente, passaram a ser abrigados com o intuito de serem catequizados (Ramos, 2000).

Maricondi (1997) enfatiza que, entre os anos de 1550 e 1553, foram criadas as “Casas de Muchachos”, com o objetivo da catequização dos curumins. Contudo, essas instituições não abrigaram somente crianças indígenas, mas também os órfãos e expostos de Portugal, constituindo um modo de lidar com o abandono das crianças. A autora ainda menciona a situação das crianças negras, durante os séculos XVI a XIX, trazidas da África para o Brasil junto a seus pais escravizados, que eram vendidas ou separadas de suas mães após o nascimento.

Rizzini e Rizzini (2004) destacam que outras instituições asilares para órfãos e crianças abandonadas instalaram-se no Brasil na segunda metade do século XVIII, entre elas o sistema das Rodas dos Expostos. Tal sistema foi estabelecido em consonância com o modelo europeu. A primeira cidade a instalar a Roda foi Salvador (1726), seguida pelo Rio de

Janeiro (1738) e Recife (1739). Outras cidades brasileiras também tiveram as suas Rodas, como Santa Catarina (1828), São Luiz (1829), Porto Alegre (1837) e São Paulo (1825). Esta foi a última a desativá-la, em 1950, quando já havia caído em desuso em outros países (Marcílio, 1998, 2001). Contudo, é curioso observar que, na atualidade, alguns países como França, Bélgica, Alemanha, Itália, Estados Unidos aderiram a um novo sistema semelhante à roda, no qual a mãe que não deseja seu filho o entrega no próprio hospital, com a garantia do anonimato. No Brasil, o Projeto-Lei nº 3220/08, denominado Parto Anônimo, também prevê condições semelhantes, preservando a identidade materna e diminuindo o infanticídio e o abandono de bebês em situações adversas (Moura, 2008).

Em relação à Roda, é importante destacar que, embora esse sistema tenha evitado o abandono de muitos bebês, não evitou a expressiva mortalidade dentro das instituições, pois muitas crianças eram entregues às amas de leites e sujeitas a maus tratos e a negligência. Além disso, a própria permanência, nas instituições, de crianças doentes junto com sadias e em condições degradantes pareceu ser pior do que a criação externa pelas amas (Oriente, 2004).

Muitas Rodas surgiram no Brasil, quando já havia movimentos higienistas e reformadores, que lutavam contra tais instituições, que eram responsabilizadas pela alta taxa de mortalidade e por fomentar o abandono infantil. Contudo, foi somente no século XX que o atendimento às crianças abandonadas começou a sofrer mudanças, especialmente, com o processo de organização da assistência aos pequenos e a ação normativa do Estado (Rizzini, 1993).

Oriente (2004) comenta que foi no início do século passado, numa tentativa de reordenamento social, que a infância brasileira passou a ter prioridade e a ser considerada como responsabilidade jurídica e não mais, religiosa e caritativa. Desse modo, as crianças e adolescentes foram recolhidos em internatos, com o objetivo de serem afastados da

comunidade, uma vez que “menores desvalidos” poderiam representar uma ameaça à ordem social, constituindo um risco para a sociedade.

Tais internatos são descritos por Salina (2007) como tendo regulamentos difusos, hierarquia rígida e estrutura que impedia o contato com o mundo externo. Observa-se que tanto os serviços médicos, odontológicos, escolares, como o lazer eram oferecidos na própria instituição. Outra característica era a divisão das crianças pela idade e pelo sexo, propiciando a separação de irmãos, além da total falta de individualidade.

Contribuindo para a manutenção de tais instituições havia o discurso referente à de irresponsabilidade e à incapacidade dos pobres de amar e de educar os filhos. Assim, as famílias com dificuldade em criar suas crianças entregavam-nas aos internatos, para conseguirem apoio do Estado para a Educação dos filhos.

Nesse contexto, foram editadas leis que previam a criação de dispositivos de intervenção junto ao menor e sua família (Franco, 2004). As duas primeiras décadas do Século XX foram de intensa “movimentação para a elaboração de leis para a proteção e a assistência a infância” (Rizzini & Rizzini, p. 29), o que resultou no surgimento, no Rio de Janeiro, do primeiro Juiz de Menores e na provação do Código de Menores, em 1927.

O Código de Menores tratava do atendimento de crianças e de adolescentes em situação de abandono, sem moradia certa, cujos pais eram tidos como desaparecidos, ignorados, falecidos, presos, executores de trabalhos proibidos ou incapazes de suprir a necessidade dos filhos. A partir desse documento, as crianças pobres foram vistas numa perspectiva negativa, pois de acordo com Frota (2007), o termo “menores” passou a identificar todas as crianças e adolescentes pobres, em situação de risco social e passíveis de se tornarem marginais.

O referido código influenciou políticas governamentais de assistência e de proteção a crianças e a adolescentes e o abrigamento, nessa época, ocorreu por meio do SAM – Serviço

de Assistência a Menores (1941) e da FUNABEM – Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor (1964).

O SAM, ligado ao Ministério da Justiça, era análogo ao Sistema Penitenciário para crianças e adolescentes, com um enfoque correcional repressivo. Em razão de suas práticas totalmente repressivas, a sociedade pressionava o sistema imposto pelo SAM que entrou para a história como “Universidade do Crime e Sucursal do Inferno (Maricondi, 1997, p. 9 e 10)

Em 1964, primeiro ano do regime militar, foi estabelecida a Política Nacional de Bem-estar do Menor (PNBEM), surgindo assim a FUNABEM, com o objetivo inicial de instituir o “Anti-SAM”, propondo uma nova forma de assistência à infância. A criação dessa nova instituição priorizava as autonomias financeira e administrativa e rejeitava os “depósitos de menores”, em que se transformaram os internatos para crianças e adolescentes das camadas populares (Rizzini & Rizzini, 2004, p.35).

Em 1979, foi promulgado o novo Código de Menores, que constituía um conjunto de medidas destinadas indiferentemente, para menores de dezoito anos autores de atos infracionais, para carentes ou abandonados. Tal código foi rechaçado por vários setores da sociedade, imbuídos do enfrentamento adequado a questão da infância em risco (Silva, 2004, p. 24).

Siqueira e Dell’Aglia (2006), enfatizam que o marco no estudo do abandono no Brasil, foi no ano de 1978, denominado Ano Internacional da Criança, que incentivou a formação de associações de defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes. Na sequência, o início da década de 1980, foi marcado por manifestações pela liberdade democrática e por movimentos sociais que reivindicavam a autonomia e a concepção ativa de cidadão, capaz de construir as normas pelas quais se deveria conduzir seu comportamento (Mesquita & Sierra, 2006; Lima, 2009).



Assim, em 1988, foi promulgada a Nova Constituição Federal (Brasil, 1988), em que os direitos básicos e fundamentais das famílias, das crianças e dos adolescentes são reconhecidos e assegurados. Em especial, o artigo 226 aponta que “a família, base da sociedade, tem total proteção do estado” e o artigo 227, menciona que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à Educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à *convivência familiar e comunitária*, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Brasil, 1988, Art. 227).

A partir da nova Carta Constitucional, diversas entidades e movimentos sociais ganharam força e estimularam a criação de leis que garantissem direitos mais amplos às crianças e aos adolescentes. Um dos avanços foi a elaboração do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Brasil, 1990). A partir de então, ao serem considerados sujeitos com direitos e necessidades específicas, esses brasileiros passaram a contar com a proteção da legislação.

Tanto a Constituição (Brasil, 1988) como Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Brasil, 1990) foram instrumentos que colocaram as crianças e os adolescentes como sujeitos de direitos (Lima, 2009), embora haja controvérsias relativas à representatividade social do Estatuto, já que muitos segmentos da sociedade, inclusive que atuam com abrigos para crianças e adolescentes, desconhecem as leis e diretrizes do ECA, conforme aponta Santana (2003).

### **1.1 Apontamentos acerca do abrigo como contexto de desenvolvimento**

Após a promulgação Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Brasil, 1990) várias transformações foram observadas, como a mudança de um enfoque assistencialista para uma proposta socioeducativa e emancipatória, a priorização do direito à convivência familiar e

comunitária, a garantia de que o abrigo represente uma medida provisória de proteção social e também, a garantia dos direitos de pleno desenvolvimento das crianças e dos adolescentes, em condições de liberdade e de dignidade (Silva, 2004).

Silva (2004) realizou um estudo sobre a situação nacional dos abrigos para crianças e para adolescentes, em instituições vinculadas à Rede de Serviços de Ação Continuada (SAC). Os dados mostram que há cerca de 20.000 crianças vivendo em abrigos. O motivo mais frequente de abrigamento é a pobreza na família (24,1%), seguida pelo abandono (18,8%), pela violência doméstica (11,6%), pela dependência química dos pais ou responsáveis (11,3%), vivência de rua (7%), por orfandade (5,2%). A institucionalização de crianças e de adolescentes confirma as dificuldades das famílias educar seus filhos e em cuidar deles, além das necessidades de políticas públicas que os atendam.

De acordo com o Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito da Criança e do Adolescente à Convivência Familiar e Comunitária - PNCFC (Brasil, 2006), a partir da constatação da necessidade de abrigamento, ele deve ocorrer por recomendação técnica e deve prever um acompanhamento da família de origem, a fim de se possibilitar a reintegração familiar e a preservação dos vínculos afetivos entre seus membros.

Siqueira e Dell'Aglio (2006) realizaram uma revisão literária acerca de instituições de abrigo e do impacto da institucionalização no desenvolvimento infantil e constataram que o abrigo pode-se constituir como uma rede de apoio psicossocial, possibilitando aspectos de resiliência na criança e estabelecendo vínculos positivos, fundamentais para o desenvolvimento infantil.

Vectore (2005) refere-se à efetiva capacidade de o abrigo atuar como contexto promotor de desenvolvimento, à medida que oferece um serviço de qualidade tanto para a família quanto para as crianças ali institucionalizadas. Para isso, a autora apresenta dois possíveis programas de intervenção mediacional, que podem ser aplicados aos abrigos. O

pressuposto é que uma mediação de qualidade, ofertada para as crianças pode promover seu desenvolvimento como um todo. Um dos programas refere-se ao MISC – *Mediational Interention for Sensitizing Caregivers* (Klein & Hudeide, 1989), que enfatiza a mediação cuidadora/criança, baseando-se nos pressupostos de Vygotsky (1989) e de Feuerstein (1980); o outro é denominado por APE – Processo de Avaliação e Melhoramento da Qualidade na Aprendizagem Pré-Escolar Efetiva (Pascal & Bertran, 1999), que se fundamenta na teoria ecologia do desenvolvimento<sup>3</sup>, proposta por Bronfrenbrenner (1996).

Yunes, Miranda e Cuello (2004) basearam-se na teoria bioecológica do desenvolvimento humano de Bronfrenbrenner e sugeriram sua aplicação junto às crianças institucionalizadas. Para tanto, torna-se necessária a promoção de um ambiente lúdico de atividades para crianças/adolescentes juntamente com funcionários; a criação de um espaço de trocas de experiências entre os profissionais, de modo melhorar a comunicação institucional e a capacitação profissional dos cuidadores, entre outras medidas.

Assim, embora os estudos citados mostrem as dificuldades inerentes à rotina institucional da criança abrigada, apontando questões como mudanças constantes da equipe, estabelecimento de vínculos precários, entre outras, pode-se vislumbrar que o abrigo pode-se tornar um contexto promotor e instigador do desenvolvimento infantil, a partir de intervenções que, ao considerar todos os ambientes em que a criança se insere, fomentem aspectos de sua resiliência, capacitando-as para o enfrentamento de situações adversas (Oliveira-Formozinho, 2004).

Cavalcante, Magalhães e Pontes (2007 b) mostram as condições gerais de crianças encaminhadas, acolhidas e cuidadas numa instituição abrigo e discutem a institucionalização precoce e prolongada dessas crianças, abrangendo aspectos decisivos para o desenvolvimento.

---

<sup>3</sup> Bronfenbrenner e Morris (1998) ampliam seus estudos e realizam reformulações dos principais componentes da Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano, dando origem a novos elementos, mais dinâmicos e interativos. Essa nova proposta passou a ser designada Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano.

Tais autores concluem que quanto maior o nível de conhecimento e de atenção às condições gerais do encaminhamento, do acolhimento e dos cuidados ambientais, maiores podem ser as possibilidades da prevenção dos fatores de risco para o desenvolvimento infantil.

A prática de encaminhar crianças para instituições ainda é corrente na sociedade brasileira, apesar de iniciativas ainda embrionárias visando à reintegração das crianças às suas famílias de origem (Azôr & Vectore, 2008). Entretanto, ainda não há um consenso dos especialistas no que concerne às repercussões no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças, em condição de abrigamento. Os estudos são inconcludentes e mostram uma realidade perturbadora, principalmente, no que se refere à formação do educador da instituição abrigo (Silva, 2004, Souza 2006, Vectore, 2005).

## **1.2 Profissionais do acolhimento institucional: a mãe social**

O quadro de recursos humanos das instituições abrigo foi tecido histórica e socialmente, em sua maioria, por pessoas voluntárias, com ênfase na formação religiosa, com prioridade no acolhimento e cuidados básicos, não havendo maiores preocupações com questões psicológicas e educacionais. Essas foram impostas a partir do primeiro código de menores, no entanto de maneira disciplinadora, o que trouxe novas exigências, tanto para a especialização dos atendimentos como para a constituição de um quadro de funcionários com diversos profissionais especializados, como por exemplo, médicos, psicólogos, professores (Silva, 2004, Lima, 2009).

Segundo Rizzini (1993), esses profissionais ocupavam uma função de vigilância e uma prática de controle em relação às crianças e aos adolescentes, no que diz respeito a aspectos pedagógicos, de saúde, indisciplina e até os comportamentos nas horas livres.

Com as mudanças advindas de movimentos sociais e consolidadas pelo ECA, uma nova perspectiva na garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes exigiu uma política de atendimento institucional que priorizasse a convivência familiar e comunitária bem como os aspectos peculiares de desenvolvimento. Desse modo, os profissionais que atuam em programas de abrigo, “passam a ter o papel de educadores” (Silva, 2004, p.103), o que exige não apenas profissionalização na área, mas também seleção adequada de profissionais e contínua capacitação.

As instituições que oferecem este tipo de programa devem contar com os profissionais necessários para o atendimento cotidiano dos abrigados, com especial atenção às peculiaridades da situação em que se encontram e para a manutenção e a organização mínimas dessa morada coletiva (Silva, 2004, p.119).

Silva (2004) aponta que, a equipe mínima de funcionários de um abrigo deve ser composta por três grupos de profissionais, dimensionados e estruturados de acordo com as especificidades de cada instituição, como seu tamanho, tipo de atendimento, rede de apoio existente. São eles: (1) equipe técnica de caráter multidisciplinar, responsável pela concepção e pela condução do programa pedagógico e também pela atenção dispensada às crianças e aos adolescentes, como *assistentes sociais, coordenadores técnicos, nutricionistas, pedagogos, psicopedagogos, psicólogos* e outros relacionados; (2) os responsáveis pelo cuidado direto dos abrigados, agregando dois tipos de profissionais- *educadores*, quando a instituição é tipo convencional e *mães sociais*, no modelo de casas lares; e (3) equipe de apoio operacional, para o desempenho da manutenção e organização diária do abrigo, representado pelo *faxineiro, zelador, jardineiro, motorista*. (Silva, 2004).

O presente estudo aborda a função de mãe social, atuante em instituição do modelo de Casa-Lar, identificando as interações e mediações estabelecidas entre elas e as crianças e avaliando as possibilidades de desenvolvimento infantil proporcionadas por tais interações.

A profissão de mãe social surgiu depois da Segunda Guerra Mundial, quando, em 1949, Hermann Gmeiner fundou a primeira Aldeia Infantil SOS, na Áustria, para acolher

crianças que haviam perdido suas casas e famílias em decorrência da Guerra, com o objetivo de oferecer a essas crianças um lar estável, com irmãos e uma mãe, baseado nas concepções da família como núcleo da sociedade e fundamento para um desenvolvimento saudável e a instituição deveria substituir a família. Desse modo, pequenos grupos de crianças eram abrigados em casas, e ficavam sob a responsabilidade de uma mulher que deveria proporcionar-lhes segurança, amor e estabilidade. Foi o primeiro modelo de instituição tipo Casa Lar. No Brasil, esse modelo de acolhimento infantil apareceu a partir de 1967, quando foi inaugurada a Aldeia Infantil SOS em Porto Alegre. (Aldeias Infantis, 2009)

A Lei nº 7.644, de 18 de dezembro de 1987 regulamenta a profissão de mãe social no País, portanto, a mãe social passa a ter seus direitos assegurados; anotações na Carteira de Trabalho e Previdência Social, garantia de salário igual ou superior ao salário mínimo, repouso semanal remunerado, férias e apoio técnico, administrativo e financeiro no desempenho de suas funções.

A legislação também previu que, quando contratada, a mãe social deveria passar por treinamento e por estágio, com embasamento teórico e prático para o exercício de sua função, deixando evidente a preocupação com a melhoria dos serviços prestados às crianças e aos adolescentes abrigados. (Brasil, 1987).

Este documento se destaca pela preocupação em delimitar a assistência prestada às crianças e aos adolescentes em casas-lares, uma vez que o intuito desse modelo institucional é o de criar um ambiente que reproduza o ambiente familiar, ou que se pareça com ele. Desse modo, a mãe social passou a ser aquela que reside com a criança, devendo proporcionar o surgimento de condições próprias de uma família e orientar as crianças sob seus cuidados, além de administrar a casa (Lima, 2009).

Poucos são os estudos sobre instituições abrigos que visaram à formação do profissional, seja de educadores ou mães sociais, que nele atuam (Prada, 2007), embora

muitas pesquisas apontem para a necessidade de conhecer esses profissionais, suas interações com as crianças e os modos de se promover o desenvolvimento infantil (Silva, 2004, Vectore, 2005, Nogueira & Costa, 2005, Souza, 2006, Carvalho, 2008, Lima, 2009).

## **2. POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO EM ABRIGOS: O PROGRAMA DE MEDIAÇÃO E INTERVENÇÃO PARA CUIDADORES MAIS SENSÍVEIS - MISC**

*“Sim, sou eu mesmo, tal qual resultei de tudo...  
Quanto fui, quanto não fui, tudo isso sou...  
Quanto quis, quanto não quis, tudo isso me forma...”*  
(Fernando Pessoa)

Um dos principais desafios da Educação no século XXI encontra-se na necessidade de se viver em uma sociedade em constante mudança, o que requer adaptação e flexibilidade. A flexibilidade da mente pode ser definida tanto como a capacidade de pensar e de se beneficiar de novas experiências de aprendizagens, quanto como a predisposição para aprender. Para tanto, Klein (2006) enfatiza a importância de mediações adequadas para a formação de cidadãos autônomos e reflexivos capazes de adaptarem às exigências do mundo atual.

Klein (1996, 2000, 2006) e Klein e Hudeide (1989) acreditam que certos tipos de comportamentos ou de características mediacionais entre cuidadores e crianças podem afetar

o comportamento cognitivo, social e emocional dessas crianças e criar situações de aprendizagem, capazes de que contribuir para a flexibilidade da mente infantil. Assim, a identificação e a posterior intervenção de características mediacionais é possível, por meio da abordagem mediacional, presente no Programa MISC - *More Intelligent and Sensitive Child*.

Essa abordagem mediacional é fundamentada na teoria da modificabilidade cognitiva estrutural (MCE) e na teoria da experiência de aprendizagem mediada (EAM) proposta por Feuerstein (1980), além das contribuições de Vygotsky<sup>4</sup> (1989).

De acordo com Vygotsky (1989) a relação do homem com o mundo não é direta, mas sim mediada, para tanto, o autor se dedicou principalmente em analisar as funções psicológicas superiores, isto é, os processos psicológicos específicos do homem, tais como controle consciente do comportamento, atenção voluntária, memorização, ação intencional, pensamento abstrato. O desenvolvimento das funções psicológicas superiores, são mediados pelos instrumentos culturais, tal como a linguagem, os sinais e os símbolos. A linguagem, em especial, tem um papel fundamental na formação de características psicológicas humanas, é por meio dela que o ser humano recebe significados das gerações anteriores, que possibilitam a organização da memória, percepção, e estabelecem condições importantes para o desenvolvimento posterior da consciência (Luria, 1990).

É pela linguagem que o adulto vai interpretando o mundo para a criança e esta vai se apropriando dos significados culturalmente estabelecidos, como por exemplo, quando um bebê chora ou aponta o dedo para algum objeto, o adulto vai interpretando essas ações que são internalizadas pela criança. É pela utilização de signos compreensíveis pelo grupo social que são transmitidas idéias, sentimentos, vontades, pensamentos de maneira precisa.

Nesse sentido o desenvolvimento é compreendido como cultural, como em curso de transformações que ocorrem orientadas, antes para o outro e então para si. As primeiras

---

<sup>4</sup> O nome do autor aparece com escritas diferentes em vários livros e artigos, porém optou-se por essa escrita no decorrer deste texto.



relações sociais e a exposição à linguagem determinam as formas de atividade mental nas crianças, sendo assim a ação apenas não pode mediar o ser humano em seu contato com o mundo social, porque entre eles existe o fator cultural, que oferece significado a ação e um sentido ao homem, a cultura tem a função de interpor entre o sujeito e a realidade, dando ao primeiro o contorno humano (Souza; Depresbiteris; Machado, 2004)

Vygotsky (1989) entende que, na criança, é possível identificar o nível de desenvolvimento real, quando ela já consegue realizar, sozinha, determinadas tarefas. Já o nível de desenvolvimento potencial é determinado, quando ela consegue solucionar um problema sob orientação de um adulto ou de um companheiro mais capaz. A distância entre esses dois níveis de desenvolvimento da criança é chamada de *Zona de Desenvolvimento Proximal*: é ela que “define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação” (Vygotsky, 1989, p.97).

A partir dessa contribuição de Vygotsky e de outros teóricos e de sua crença de que todo ser humano é capaz de modificar-se, independente de sua idade, de sua condição genética ou cultural, Feuerstein elaborou a Teoria da Modificabilidade Cognitiva - MCE. Tal teoria compreende o ser humano como um organismo aberto, adaptável e flexível, com possibilidades de autonomia e autorregulação.

Desse modo, a inteligência é compreendida como a propensão do indivíduo para ser modificado pela aprendizagem e a capacidade de usar qualquer modificação para adaptações futuras. Trata-se de um estado mutável e não imutável e a cognição desempenha, assim, um papel central na modificabilidade humana, permitindo que as condições comportamentais e emocionais possam ser modificadas por meio da intervenção cognitiva (Icelp, 2010, Cruz, 2007).

Dessa maneira, cabe ao mediador selecionar, assinalar, organizar e planejar o aparecimento do estímulo, de acordo com o que ele estabelece como meta de aprendizagem. É

pela mediação que “o mediado adquire os pré-requisitos necessários para aprender, beneficiar-se da experiência e conseguir modificar-se” (Souza; Depresbiteris & Machado, 2004, p.40).

Para Feuerstein (1997), a Experiência de Aprendizagem Mediada, em seu nível mais simples, é o caminho pelo qual toda a experiência de várias gerações da vida humana, é transmitida pelo mediador para outros seres humanos, criando uma riqueza infinita de necessidades, articulações, ou modalidades de interação que não poderiam acontecer sem a EAM. A experiência de aprendizagem mediada diferencia-se da aprendizagem direta por meio dos sentidos, pois ocorre em um processo de interação recíproco entre criança e mediador, no qual esse mediador se interpõe entre a criança e o mundo, modificando os estímulos, de modo que possa a realidade ser mais facilmente apreendida pelo mediado.

Nesse sentido, o Programa MISC, ao apoiar-se nos pressupostos teóricos acima referidos, entende que mediações adequadas ou boas mediações devem estar presentes nos diferentes contextos dos quais a criança participa, haja vista a importância da infância para o desenvolvimento infantil. Para tanto, Klein e Wieder (1995) destacam três aspectos importantes nos primeiros anos de vida infantil: 1) o relacionamento entre cuidadores e crianças; 2) a maneira pela qual a criança organiza suas experiências de acordo com o seu nível de desenvolvimento e 3) as diferenças individuais e a maneira, de cada criança utilizar seus processos sensoriais e capacidades motoras para se empenhar em uma tarefa.

Considerando a importância identificação dos comportamentos mediacionais, para a efetivação de uma mediação de qualidade, Klein aponta, a partir dos estudos em diferentes culturas (1996, 2000, 2006), que eles podem ser definido pela sua frequência, tipo ou estilo. A identificação dos comportamentos mediacionais é feita com base nos cinco critérios universais de mediação propostos por Feuerstein (1980), que são: *Focalização, Expansão, Afetividade/Mediação de Significado, Recompensa e Regulação do Comportamento*.

Na *Focalização*, o mediador procura, intencionalmente, meio e situações para assegurar que a criança focalize sua atenção em algo que está ao seu redor. Deve estar clara para o adulto a intenção de mediar, bem como a reciprocidade da criança, que utiliza respostas verbais ou não verbais, aos comportamentos do adulto.

A *Expansão* refere-se ao modo pelo qual o mediador amplia a compreensão da criança sobre aquilo que está à sua frente, possibilitando a transcendência do contexto imediato e procurando atingir objetivos e necessidades mais longínquas e não somente satisfações imediatas.

A *Afetividade/ Mediação de Significado* se relaciona a toda energia emocional utilizada pelo adulto durante a interação com a criança, que a leva a compreender o significado dos objetos e situações. No caso da criança pequena, Klein e Hudeide (1989) propõem que qualquer comportamento do adulto que expresse afetividade para com um objeto, pessoa, animal ou juízo de valor é uma ação de mediação de afetividade.

A *Recompensa* refere-se ao sentimento de competência e está presente quando o adulto expressa satisfação com o comportamento da criança e explica o porquê de estar satisfeito. Este comportamento permite à criança desenvolver sentimentos de competência.

A *Regulação de Comportamento* relaciona-se à maneira pela qual o mediador ajuda a criança a planejar antes de agir, levando-a “a se conscientizar da possibilidade de pensar antes de agir, planejando os passos do seu comportamento para atingir um objetivo” (Alvarenga e Vectore, 2005, p.7).

De acordo com Klein (2000), a essência dessa abordagem está na sensibilização do mediador, que permite interações de qualidade, considerando os aspectos sociais e culturais e promovendo ações que possam ser facilmente entendidas na relação entre adulto e criança. A autora afirma que esse programa pode ser trabalhado com a maioria das crianças, em vários contextos em que as interações acontecem e em qualquer estágio do desenvolvimento.

A partir da identificação do perfil mediacional do mediador, a etapa seguinte refere-se ao treinamento para a sensibilização desse mediador (genitor, educador etc.), que pode ocorrer em seus contextos de origem, como a própria casa, grupos de pais, em creches e jardins de infância ou em qualquer outro lugar. Como recursos, são utilizadas videografações e vídeo *feedback* das interações entre adultos e crianças (Klein, 2000). No momento da análise, os comportamentos mediacionais mais frequentes são apontados em primeiro lugar e seguidos pelos que aparecem em baixa frequência ou são completamente inexistentes durante as interações.

Klein (2000) admite que esse processo possibilite a pais e educadores se tornarem mais motivados e interessados e, conseqüentemente, sentirem-se mais valorizados como cuidadores. Todavia, muitas circunstâncias podem levar à redução de interações adequadas e de qualidade entre adultos e crianças, como situações de pobreza, negligência, abandono, mudanças de casa ou escola, entre outros fatores.

Vectore (2003, p.112) lembra que nem sempre o adulto apresenta critérios mediacionais perfeitamente consolidados, sendo possível encontrar pessoas que “apresentam padrões mediacionais de baixa qualidade, o que pode por em risco o desenvolvimento da criança”. Contudo, o mediador, quando conhece a criança e suas reais necessidades, pode utilizar recursos como brinquedos e brincadeiras (Souza, 2006), contos de fada (Carvalho, 2008) ou até mesmo experiências do dia a dia, como momentos de alimentação, de banho (Klein & Hudeide, 1989; Hudeide, 2003) para realizar intervenções mediacionais que promovam o seu desenvolvimento.

A interação mediacional é particularmente importante em contextos de abrigos, haja vista que em tais locais são encontradas crianças institucionalizadas desde muito pequenas. Assim, a partir da identificação dos comportamentos mediacionais poder-se-á executar intervenções promotoras de desenvolvimento infantil.

Como mostra Vettore (2004), abrigar crianças pequenas acarreta uma enorme responsabilidade, no que se refere ao seu desenvolvimento. Assim, causam preocupações a organização da instituição para o acolhimento, a construção de vínculos afetivos estáveis entre cuidadores e crianças, a capacitação e sensibilização dos profissionais sobre a importância do seu trabalho junto as mesmas, além da dificuldade em se mensurar o impacto da experiência de institucionalização na vida e no desenvolvimento infantil.

### 3. MÉTODO

*“...por isso, é preciso fazer:  
da interrupção um caminho novo,  
da queda um passo de dança,  
do medo uma escada,  
do sonho uma ponte,  
da procura um encontro.”  
Fernando Sabino*

Esta é uma pesquisa em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem Humana e os instrumentos e procedimentos utilizados para a investigação foram concernentes da abordagem denominada como qualitativa que segundo Bogdan e Biklen (1994) possui algumas características peculiares como: a fonte direta dos dados é o próprio contexto pesquisado, sendo o investigador o instrumento principal; a investigação é realizada de maneira minuciosa e descritiva; o interesse maior está no processo, ou seja, em como as definições e significados se constituem; a tendência de análise dos dados é indutiva e o significado é de fundamental importância nesta abordagem.

Na pesquisa qualitativa, quando se inicia um trabalho de campo, por mais que o investigador tenha um planejamento acerca do que irá fazer é somente com o próprio estudo que a investigação é construída e estruturada. Desta maneira, o plano de trabalho se mostra flexível, fornecendo parâmetros e uma orientação geral para os passos seguinte (Bogdan e Biklen, 2004).

Na busca de conhecer as interações entre as mães sociais e as crianças abrigadas e como essas interações se constituem no desenvolvimento dessas crianças ressalta não somente os resultados que serão apresentados, mas principalmente ao processo por meio do qual a investigação aconteceu e é de grande importância apresentar os instrumentos e procedimentos da pesquisa, bem como o caminho trilhado de modo que clarifique este trabalho.

### 3.1. Participantes

Este trabalho foi realizado em uma instituição abrigo de modelo Casa Lar, de uma cidade do Interior de Minas Gerais e contou com a participação da Coordenadora da Instituição, da Assistente Social e de cinco mães sociais responsáveis pelas crianças de até seis anos de idade.

Durante os meses de trabalho de campo, uma mãe que inicialmente iria participar do estudo saiu da instituição, sendo contratada outra funcionária. Como só havia sido realizada a entrevista e algumas observações, não completando todas as etapas da pesquisa, os dados dessa mãe foram descartados, restando quatro mães sociais.

### 3.2. Instrumentos

**Foram utilizados, na pesquisa, os seguintes instrumentos:**

- Roteiro de caracterização institucional (ANEXO 3), aplicado junto à Assistente Social, com o intuito de conhecer tanto os aspectos históricos do abrigo como seu funcionamento atual.
- Entrevista semiestruturada com as mães sociais (ANEXO 4), objetivando conhecer as participantes e suas concepções sobre infância, desenvolvimento infantil e o trabalho na instituição abrigo. As entrevistas foram gravadas em fita cassete e, posteriormente, transcritas.
- Observações da rotina das Casas Lares, que permitiram conhecer o dia a dia institucional e as interações entre as mães e as crianças em vários momentos como hora das refeições; hora do banho, assistindo televisão, brincando, entre outros momentos. Para o

registro destes dados, também foram tiradas fotografias das casas em que a pesquisa foi realizada.

- Videograções de momentos de interação entre mães sociais e crianças na rotina da instituição abrigo, conforme proposto por Klein (2000) e por Vectore (2003)
- Diário de Campo, em que foram registrados todos os momentos da pesquisadora no abrigo e descrito cada procedimento, o que contribuiu para a contextualização dos dados, expressando sentimentos e percepções da pesquisadora.

### **3.3. Procedimento**

O presente estudo foi iniciado com um exaustivo levantamento bibliográfico sobre acolhimento institucional, destacando estudos que apontavam o abrigo como um importante contexto de desenvolvimento e também de formação dos profissionais que nele atuam.

O passo seguinte foi entrar em contato com o Juizado de Menores, para conhecer a Rede de Acolhimento Institucional do município pesquisado e pré-selecionar abrigos que atendessem a faixa etária desejada. Durante esse processo de seleção da instituição, o projeto de pesquisa foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Uberlândia (ANEXO 1)

As duas primeiras instituições visitadas não aceitaram participar da pesquisa; foi feito, então, contato com outra instituição, que aceitou participar. O primeiro contato com a instituição foi feito por telefone, com a coordenadora, tendo sido marcada uma reunião para a apresentação do projeto e para assinatura do Termo de Consentimento. (ANEXO 2). Em seguida, foi marcada uma reunião com a Assistente Social, para a aplicação do Roteiro de Caracterização Institucional e assim, contextualizar o lugar da pesquisa.



Em outra reunião, o projeto foi exposto para as mães sociais e para a direção do abrigo, enfatizando que a pesquisa seria realizada somente com as mães sociais que atendessem crianças até seis anos de idade, e também foram esclarecidos todos os critérios éticos que envolvem pesquisas com seres humanos.

Norteados pelos princípios qualitativos, o trabalho de campo iniciou-se no início de junho de 2009, indo até o final de outubro do mesmo ano, totalizando um período de cinco meses de visitas contínuas à instituição para entrevistas, observações e filmagens, na busca de compreender as especificidades das interações estabelecidas entre mães sociais e crianças inseridas na rotina do abrigo.

Para melhor compreensão do contexto e dos participantes da pesquisa, segue a apresentação.

### ***Contextualizando o Abrigo***

A instituição situa-se em um bairro periférico do município de Uberlândia –MG e se destaca por funcionar como modelo de Casa Lar, contendo seis casas num sistema denominado de Aldeia, ou seja um conjunto de Casas Lares (Silva, 2004).

O abrigo foi fundado em abril de 1993 e é gerido por membros de uma igreja evangélica. Embora a instituição receba doações de muitas empresas municipais, é conveniada apenas com a Prefeitura que a mantém em funcionamento.

A capacidade máxima de atendimento no abrigo é de 54 crianças, de ambos os sexos, com idade entre 0 e 18 anos e distribuídas nas seis Casas Lares. Na época da pesquisa, havia 52 crianças e adolescentes, incluindo um jovem de 21 anos que permanecia abrigado por ordem judicial, pois ele trabalhava e fazia faculdade. De acordo com a Assistente Social, o tempo de permanência das crianças e dos adolescentes na instituição é de mais de três anos.

A instituição situa-se em um grande terreno, na sua entrada é avistada a secretaria, em que trabalha a equipe técnica na maior parte do tempo. As casas em que moram as crianças e adolescentes são dispostas em volta de um parquinho e cada uma tem um número de identificação que varia da Casa 1 até a Casa 6. Ao fundo do terreno, há um quiosque em que são realizadas as festas e os cultos religiosos no domingo.

As crianças são distribuídas nas casas pela faixa etária e por sexo:

Casa 1 – adolescentes do sexo masculino.

Casa 2 – crianças de seis a dez anos de idade.

Casa 3 – adolescentes do sexo feminino.

Casa 4 – crianças de zero a seis anos de idade.

Casa 5 – crianças de oito a doze anos de idade.

Casa 6 – crianças de quatro a seis anos de idade.

O abrigo atende crianças com diferentes queixas de violências e negligências que são encaminhados pelo Juizado de Menores, para isso conta com dezessete funcionários: Coordenadora, Psicóloga, Assistente Social, Pedagoga, Secretária, Gerente, Jardineiro, Guarda, Serviços Gerais e oito mães-sociais (seis responsáveis pela casa, uma folguista e uma que auxilia na Casa 4). O regime de trabalho das mães sociais é de 24 horas diárias com uma folga semanal, portanto um regime de 144 horas semanais.

Cada casa fica sob responsabilidade de uma mãe social, que cuida de, no máximo, doze crianças, com exceção da Casa 4, onde, além da mãe social que dorme com as crianças, há também outra funcionária que passa o dia todo na casa e auxilia nas atividades domésticas e no cuidado com as crianças, trabalhando doze horas diárias.

Esta pesquisa realizada nas Casas 4 (13 crianças) e 6 (5 crianças), pelo motivo de atenderem crianças até seis anos de idade.

Quanto à estrutura física, a Casa 4 é bastante espaçosa, possui uma sala de televisão, com sofás de alvenaria, separada da copa por um balcão. Na copa há uma mesa, utilizada para algumas refeições e uma estante em que são guardados alguns brinquedos e porta-retratos. Saindo da copa, há um corredor que dá para os quartos e para os banheiros. Há duas suítes, uma para as meninas, com berços, uma cama e um guarda-roupa de alvenaria e um para a mãe social. Os meninos são distribuídos em dois quartos e, no meio, fica um banheiro para o uso deles. Durante os meses da pesquisa, o número de crianças desta casa variou entre onze e quatorze crianças com idade entre seis meses e cinco anos e meio.

Da copa sai uma porta para cozinha, e também há um balcão separando os dois cômodos, sendo possível ver a copa e a sala de televisão pela cozinha.

Na cozinha, além dos eletrodomésticos, há uma mesa pequena em que são feitas algumas refeições, como o lanche da tarde. Há um cômodo acoplado à cozinha em que fica a dispensa. Da cozinha sai uma porta para uma área externa, onde ficam duas caixas de brinquedos e algumas motocicletas e bicicletas de brinquedo ; dessa área sai um portão para a lavanderia, que também é uma área aproveitada para as crianças brincarem.

A estrutura da Casa 6 é um pouco diferente, pois abriga menos crianças. Há uma sala, com sofá de alvenaria, uma estante pequena com uma televisão, e uma mesa com quatro cadeiras. Da sala é avistada a porta que vai para a cozinha, que é pequena, e segue uma porta para a área externa da casa, onde ficam a lavanderia e alguns brinquedos das crianças. É da sala também que sai um pequeno corredor para dois quartos, um com dois beliches e um guarda-roupa; nesse quarto dormem os meninos e outro com um beliche e uma cama, onde dormem a mãe social e uma menina; no meio do corredor, fica um pequeno banheiro.

Cada casa tem sua autonomia em relação à rotina, sendo a mãe a responsável pela alimentação, pela limpeza e por todos os horários das crianças.

Na Casa 4, a mãe social levanta às 5h30min, faz o café da manhã, acorda as crianças e começa a arrumar algumas delas que irão para a creche, enquanto a outra mãe social chega, por volta das 6h e começa a auxiliar no trabalho doméstico. Algumas crianças vão para a creche no período da manhã, outras no período da tarde, e cerca de sete crianças, incluindo dois bebês, ficam na casa durante todo o dia. Pela manhã, as crianças assistem à televisão, às vezes brincam dentro de casa e muito raramente são chamadas para brincarem e fazerem atividades com a pedagoga ou a psicóloga. É durante a manhã que as mães fazem todo o trabalho doméstico, limpam a casa, lavam as roupas (quem passa a roupa é a funcionária responsável pelos serviços gerais) e fazem o almoço. Por volta das 11h30min, o almoço é servido e as crianças que estudam a tarde vão para a creche.

As crianças que permanecem na casa e as que chegaram dos estudos dormem por volta das 13h, até aproximadamente 15h (no entanto, durante os dias de observações, as crianças foram levantar após as 16h). Algumas crianças acordam mais cedo e assistem à televisão.

O lanche da tarde é servido às 15h30min, ou quando as crianças acordam. Em seguida, elas ficam na sala assistindo à televisão ou brincando e raramente vão para o parquinho, o que parece depender do desejo de cada mãe social.

Às 17h30mi, as crianças que estavam para a escola chegam e todas tomam banho, depois assistem à televisão. O jantar é servido às 18h30min e as crianças se preparam para dormir.

Na Casa 6, a rotina é semelhante, no entanto, as crianças só estudam no período da manhã e ficam todas em casa à tarde.

Cabe destacar que as casas recebem muitas visitas e não há um dia específico, podendo ocorrer em todos dos dias da semana, no entanto, nos fins de semana, pessoas da comunidade vão com frequência ao abrigo e realizam alguma festa, levam doces, salgados e refrigerantes e interagem com as crianças.

Aos domingos, no período da manhã, jovens da igreja realizam a evangelização com todos do abrigo e as crianças e os adolescentes são divididos por faixa etária.

É importante ressaltar que nas casas lares dessa instituição procura-se manter o máximo de individualidade dos objetos pessoais e de brinquedos. Cada criança tem suas roupas, seus sapatos, seus brinquedos, no entanto isso não significa, por exemplo, que elas não tenham brinquedos em comum. As roupas e sapatos também são transferidos para outras crianças quando não servem mais.

### *As mães sociais*

Participaram do estudo as duas mães da Casa 4, uma mãe da Casa 6 e uma mãe folguista. Todas as mães sociais aceitaram participar da pesquisa e, assim, foram agendadas de acordo com a disponibilidade delas. Todas preferiram ser entrevistadas após o almoço, com a justificativa de que as crianças estariam dormindo. As entrevistas foram audiogravadas e depois transcritas (APÊNDICE 1).

De acordo com Bogdan e Biklen (2004), a entrevista consiste em uma conversa intencional entre duas ou mais pessoas, dirigida pelo entrevistador com o objetivo de conseguir informações sobre o outro. Sendo assim, é utilizada para a coleta de dados descritivos na linguagem do próprio entrevistado, o que auxilia a análise do pesquisador sobre o modo pelo qual os sujeitos interpretam alguns aspectos do seu contexto. A entrevista pode ser utilizada junto com outros procedimentos dentro da pesquisa qualitativa, como no presente trabalho.

Por meio das entrevistas e também de conversas informais do decorrer das observações, foi possível saber um pouco sobre a história de vida das mães sociais e, assim,

compreender melhor o relacionamento entre elas e as crianças. A Tabela 1 apresenta os dados pouco sobre as mães sociais participantes desta pesquisa.

Tabela 1 Formação e experiência profissional das mães sociais<sup>5</sup>

<b>Mães</b>	<b>Idade</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Tempo de trabalho no abrigo</b>	<b>Experiência anterior</b>
Ana	41	União	Fundamental	10 meses	Doméstica e Babá
Maria	57	Estável Solteira	Completo Médio	8 anos e 2 meses	Cozinheira em Restaurante
Nina	33	Solteira	Médio Completo	4 meses	Serviços Gerais em Hotel
Lena	51	Casada	Fundamental Completo	2 anos e 4 meses	Doméstica, Babá e serviços Gerais

#### **Ana<sup>6</sup>**

Nasceu em uma pequena cidade do interior de Goiás. Quando era criança, após a morte de sua mãe, foi para uma instituição abrigo e depois foi adotada por uma família de Brasília, que segundo Ana, violentava-a e tratava-a como empregada doméstica. Depois desses anos entre o abrigo e a família adotiva, foi morar com uma tia na cidade pesquisada. Ana tem duas filhas do primeiro casamento; uma delas é casada; tem também um filho adotivo de seis anos de idade. Já faz alguns anos que mora com outro companheiro. Estudou até o primeiro ano do Ensino Médio e nunca havia trabalhado em abrigos, mas relatou que esse era um grande sonho e em muitos momentos repetiu que gostaria de fazer pelas crianças o que não fizeram por ela nos anos em que ficou abrigada. Optou pelo trabalho, porque estava desempregada quando surgiu a vaga de mãe social. O regime de trabalho de Ana é de doze horas diárias, das 6h às 18h, embora em muitos dias fique mais tempo na instituição.

<sup>5</sup> Dados referentes a dezembro de 2009

<sup>6</sup> Todos os nomes são fictícios

**Maria**

É natural de uma cidade pequena do interior de Minas Gerais, onde tem sua casa e família, só que vai pra lá apenas nos seus dias de folga (uma vez por semana), tem um filho e um neto. Maria é a mãe social que atua a mais tempo na instituição; antes de procurar o abrigo era cozinheira de restaurante, morava em sua cidade natal, e nunca havia tido contato com crianças abrigadas. Foi procurar emprego na cidade pesquisada, viu uma vaga de mãe social nos classificados do jornal e, quando foi ao abrigo, ficou muito comovida com situação das crianças e decidiu mudar sua vida. Nos anos em que está na instituição, já passou por muitas situações difíceis, relatando algumas casos de crianças que foram adotadas e de quem ela sentiu muita falta, devido ao apego e à forma pela qual se procedeu o desligamento da criança. Também passou por problemas de saúde, precisou ficar afastada por meses devido a depressão e a problemas cardíacos, mas segundo seu relato, o amor pelas crianças é mais forte e ela sempre volta.

**Nina**

É a mãe folguista e a mais nova contratada da instituição. Quando questionada sobre a sua experiência profissional com crianças, ela diz que seu único contato com elas foi quando trabalhava com serviços gerais em um hotel fazenda, e tinha um contato indireto com as crianças. Nina é natural de uma pequena cidade do interior de Minas Gerais e depois do trabalho no hotel-fazenda, decidiu tentar um emprego na cidade pesquisada. O trabalho como mãe social foi o primeiro que apareceu depois de um mês de procura. A mãe social tem dois filhos adolescentes que são cuidados pela avó, tem folga uma vez por semana, mas nem sempre consegue ir vê-los, devido à distância.

**Lena**

É natural da cidade pesquisada, casada, mãe de três filhos, todos casados. Estudou até o primeiro ano colegial, mas não o concluiu, nunca havia trabalhado em instituições infantis, mas já teve experiência como doméstica e como babá. Nunca havia tido contato com o abrigo e relatou que não sabia o que uma mãe social fazia; quando viu nos classificados a vaga e procurou a coordenação do abrigo, foi-lhe esclarecido o tipo de trabalho e o que ela deveria fazer: cuidar de crianças. Decidiu trabalhar no abrigo, pois estava com problemas pessoais, principalmente com o marido, e sentindo-se sozinha e deprimida, pois os filhos já haviam casado; então decidiu mudar de vida. Afirmou que estar com aquelas crianças faz com que agradeça a Deus pela sua vida e por poder ajudá-las de alguma forma.

***As observações: conhecendo a rotina da casa***

Embora as observações institucionais tenham-se iniciado desde o primeiro contato, aqui são destacadas as realizadas nas duas casas em que ocorreu a pesquisa.

Foram, aproximadamente, dois meses de observações nas casas, incluindo finais de semana e feriados. Essas visitas constituíram momentos de convivência entre pesquisadora, mães sociais e crianças, por meio de observações participantes no cotidiano da instituição.

A observação teve dois objetivos principais: o primeiro foi conhecer e investigar o funcionamento da casa, sua rotina, horários, hábitos, maneiras de lidar com as necessidades da criança, alimentação e brincadeiras, bem como o relacionamento entre as crianças e mães sociais e os recursos utilizados por essas mães no convívio diário. O segundo foi conseguir que crianças e mães sociais se familiarizassem e estabelecessem uma relação de confiança com a pesquisadora já que a etapa seguinte seria a filmagem.



Todas essas observações foram registradas no Diário de Campo, em que também foi possível descrever impressões e sentimentos da pesquisadora, durante vários momentos dentro das casas.

### *As filmagens*

Após as observações, a pesquisadora conversou com cada mãe social e expôs suas percepções sobre os momentos de interação, as atividades da rotina das Casas em que as mães tinham contato direto com as crianças e pontuou algumas dessas atividades para as mães tais como: horário das refeições (almoço, lanche e jantar); banho; televisão; ajuda na tarefa escolar; brincadeiras no parquinho; troca de fraldas; volta da creche. Também foram observados momentos de interação em que a mãe resolvia conflitos e brigas entre as crianças, e cuidava da higiene, como cortar as unhas e pentear os cabelos, e em que as crianças auxiliavam a mãe a dobrar as roupas limpas.

Antes de iniciar as filmagens, houve uma conversa com as crianças, para explicar o que iria acontecer, que as filmagens seriam das mães sociais em vários momentos do dia, como na hora do banho e do lanche, e mostrar a câmera para elas, de modo que todas pudessem pegar a câmera e manuseá-la, só naquele momento, ficando estabelecido que depois somente a pesquisadora poderia manuseá-la.

Os dias de filmagem seguiram sem planejamento prévio das atividades que poderiam acontecer, tanto que, em alguns dias, chegaram visitas no meio da filmagem quando as crianças assistiam à televisão, como o foco da filmagem era a mãe social em sua interação com a criança, as visitas não foram filmadas e não houve a necessidade de descartar a vídeo-gravação.

Foram realizadas cinco videograções com cada uma das mães sociais, em momentos de interação entre elas e as crianças, cada momento teve a duração de cerca de dez minutos de filmagem, perfazendo um total de três horas e vinte minutos.

Todas as videograções foram transcritas para a análise (APÊNDICE 2).

## 4. RESULTADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

*De onde vens, criança?  
Que mensagem trazes de futuro?  
Por que tão cedo esse batismo impuro  
que mudou teu nome?*

*Em que galpão, casebre, invasão, favela,  
ficou esquecida tua mãe? . . . :  
E teu pai, em que selva escura  
se perdeu, perdendo o caminho  
do barraco humilde ? (Cora Coralina)*

### 4.1 As entrevistas

As entrevistas tiveram o objetivo de conhecer as mães sociais, obter algumas informações sobre sua história pessoal e profissional, abrangendo questões como: vida familiar, escolaridade, experiência profissional, rotina da instituição, formação da mãe social, concepções sobre infância, o trabalho da mãe social e as vantagens e dificuldades da profissão.

As entrevistas foram transcritas, com registros fiéis das falas das educadoras, portanto erros de concordância e de pronúncia não foram corrigidos nas citações. Após essa etapa, foi realizada uma análise minuciosa do conteúdo das falas das mães sociais e as respostas foram agrupadas em categorias, conforme indicada por Bardin (2008).

A primeira parte da entrevista objetivou investigar principalmente o processo de contratação da mãe social e treinamentos e possíveis cursos de capacitação. Foi constatado que nenhuma das mães jamais passou por capacitação. Maria foi a única que relatou que passou por uma entrevista com a psicóloga da Prefeitura, e um estágio de experiência, conforme previsto pela Lei nº 7.644 (Brasil, 1987).

As outras participantes, quando questionadas sobre o processo de seleção para trabalhar como mãe social responderam:

*“Ana: como eu tava desempregada, eu vim aqui, fiz o trabalho nas casas, eles gostaram, ai deu certo e eu to aqui ...Eles só me explicaram o serviço. ”*

*“Lena: Eu vim, fiz o teste, e nem precisei fazer nem outro teste, né. Ai o seu Marcos falou que eu estava aprovada.*

*Pesquisadora: E como foi este teste?*

*Lena: Trabalhar nas casas, né.*

*Pesquisadora: E teve algum treinamento, algum curso de formação antes de iniciar o trabalho?*

*Lena: não, teve não.*

*“Nina: Eu vim conversar com ela (coordenadora), a gente conversou e ela mandou eu ficar aqui, 3 dias pra ver se eu realmente queria né... Assim, né, primeiro porque eu estava precisando, né, porque eu estava parada e eu não conheço praticamente nada aqui em Uberlândia, e aí, eu falei, é aqui mesmo que eu vou ficar, ai deu certo... A coordenadora me explicou tudo o procedimento da empresa. Porque é uma empresa, né. Ai ela me explicou o procedimento da empresa, que não pode bater, essa coisas. Então, tudo, né.. ai eu fiquei, aceitei o procedimento da empresa e pronto.*

Quando as mães foram questionadas sobre algum curso de formação ou algum trabalho realizado com elas, somente Lena relatou que já fez um curso:

*“Eu fiz só de culinária, que eu fiz, aquele “Cozinha Brasil” a gente fez ele. Aprende a não desperdiçar os alimentos...”*

Entretanto todas declararam a necessidade de formação, quando questionadas se há trabalhos que atendam as mães sociais:

*“Que eu saiba não. Pode até ter.. seria ótimo se tivesse.. pra explicar pra mãe, sobre essas crianças.. do jeito que elas são.. seria muito bom, né. Se a gente tivesse mais condição, ou soubesse mais lidar com eles, quem sabe seria melhor né.” (NINA)*

*“Agora me falaram que lá do Fórum iam mandar pra cá umas psicólogas pra atender, né. Porque nós precisa de atendimento, até nós precisa mais do que eles (crianças), você sabe por que? porque vem .... as crianças daqui mesmo que foram adotadas, nossa a gente sente, eu já sofri demais, com adoção de criança. Então eu acho assim, tinha que trabalhar as crianças e tinha que trabalhar nós, porque eu acho assim, nó somos seres humanos, né.”(MARIA)*

As mães não conhecem a história de vida das crianças e, durante as visitas, reclamaram desse fato, pois acreditam que, se soubessem o que se passou com algumas crianças, poderiam ajudá-las melhor; contaram algumas situações sobre crianças que choravam sem motivos, crianças que tiveram muita dificuldade de adaptação nas casas.

Quando questionadas sobre as concepções de infância, foram encontradas as categorias e frequências constantes da Tabela 2, cabe explicar que, cada mãe durante a entrevista forneceu mais de uma concepção de infância.

Tabela 2 Concepções de infância das mães sociais

<b>Categoria</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Relativas às experiências da cuidadora de sua própria infância	4	40%
Infância como fase de amor e carinho	1	10%
Infância como tempo de brincar	3	30%
A importância da família na infância	2	20%
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>

Todas as mães sociais relacionaram o significado da infância com a própria experiência que tiveram e, delas, somente uma mãe social relata que teve uma boa infância:

*“Infância é uma época muito boa da vida da gente. Eu tive uma infância maravilhosa ...tive uma infância muito boa mesmo, fui peralta mesmo, sabe, baguncei bastante, apanhei também e eu acho que é isso, é ser criança, e você viver esse tempo, você brincar, você ser criança é isso” (NINA)*

Esta mãe traz o brincar como significado de tempo de ser criança, também observado na fala de outra mãe social:

*“Infância é amor, é carinho, é brincadeira, é tempo de brincar né, brincar! Eu por exemplo, não tive infância... eu comecei a trabalhar eu tinha 10 anos, trabalhava para ajudar meu pai e minha mãe. Então eu praticamente não tive infância... a criança precisa de ter um canto, de brincar, de aprontar, de fazer arte, né.” (MARIA)*

Essa mãe acrescenta que a infância é uma fase de amor e carinho, o que expressa a necessidade de cuidado e de bom sentimentos para com as crianças. Em outra fala, a família é apontada como essencial para a infância ideal da mãe; ela, antes, havia relatado que não teve infância e não saberia dizer o que era infância, o que mostra o seu desejo de ter uma família ideal por acreditar que ela seria a base da infância e ainda aponta para as necessidades das crianças abrigadas. A Tabela 3 apresenta a concepção das mães a respeito das crianças abrigadas..

*“Infância para mim seria uma família, eu queria o que: queria o meu pai e minha mãe juntos, queria um passeio com eles, um piquenique, uma festa, a gente participar junto de festas, eventos, é sair com eles, eu queria ter uma família, eu queria poder brincar...” (LENA).*

Tabela 3 Concepção das mães sociais sobre as crianças abrigadas

<b>Categoria</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Situação triste	2	18,18%
Problemas familiares	1	9,09%
Necessidade de amor, carentes de conversa	1	9,09%
Crianças rebeldes, revoltadas por não estarem com a família	1	9,09%
Bem cuidadas e livre de negligências e violências	2	18,18%
Necessidade de ter e estar com uma família	4	36,37%
<b>TOTAL</b>	<b>11</b>	<b>100%</b>

No discurso dessas mães, as crianças abrigadas aparecem como sendo bem cuidadas e livres de possíveis violações, no entanto por mais que o abrigo proporcione esses cuidados, as mães percebem a necessidade de viverem em um ambiente familiar:

*“Tá certo que aqui eles estão bem arrumadinhos, o banho é na hora, o lanche na hora, tem o café da manhã e o café da tarde, o jantar, o almoço, a brincadeira, eles brincam no parque, tem brinquedos. Eles são muito bem cuidados aqui, mas eu acho triste, acho triste demais mesmo eles ficarem sem os pais, sem os pais... apesar que eles estão aqui com a gente cuidados deles, porque as vezes eles estão lá com os pais e são judiados, então aqui eles estão muito bem guardados, a gente tá cuidando” (LENA).*

*“Aqui eles tem tudo, tem comida na hora, tem a roupa lavada, tem a cama limpinha pra dormir, por que essa rebeldia deles? ai eu percebi que isso aqui não é tudo pra eles. Tem uns aqui que querem a mãe, eles querem a mãe, assim, pode tá na rua, pode tá passando fome, eles queriam tá do lado da mãe, ai, depois que isso entro na minha cabeça, ai eu passei a compreender eles. ai eu sozinha, pra você ver, ai eu passei a entender eles melhor, a como trabalhar com eles, a conversar, né.” (MARIA).*

*“O lugar dessas crianças mesmo deveriam ser do lado da mãe né.” (ANA)*

*“Eu vejo eles como tendo problemas de família... uma necessidade muito grande de amor, entendeu? por eles estarem abrigados, estarem longe de pai, de mãe, de uma família mesmo, porque a família é fundamental na vida de uma pessoa, na formação de uma pessoa...” (NINA)*

Quando as participantes foram questionadas sobre a maneira pela qual percebem o trabalho de mãe social, foi possível verificar, pelas falas, que elas mães gostam do que fazem, e procuram oferecer às crianças que ficam sob sua responsabilidade todo o carinho e atenção.

*“Eu acho um trabalho bonito, gosto de estar aqui, gosto de estar no meio delas. Gosto de ficar aqui com elas, eu sinto assim, eles pra mim, eu sinto que é minha família.” (MARIA)*

*“Olha, eu procuro dar o melhor pra elas, eu procuro transmitir todo o carinho que eu não tive quando era criança e morava no abrigo, que eu tento transmitir pra elas, gosto muito delas, brinco muito com elas” (ANA).*

Por mais difícil que seja o trabalho, acreditam que é um ofício bonito, talvez pela abdicação e pelo auxílio às crianças advinda de situações extremas de violências e negligências.

*“Tem uma carência muito grande de mãe, sabe, e eu acho que eu to ajudando...”(ANA)*

Quando questionadas sobre o que é feito para promover o desenvolvimento das crianças, algumas mães não compreenderam direito a pergunta, ou responderam de uma forma geral o que é realizado na instituição, deste modo, em seguida elas foram questionadas sobre o que elas, como mães sociais, faziam para auxiliar no desenvolvimento das crianças que ficavam sob seus cuidado. A Tabela 4 apresenta os resultados.

Tabela 4 O que é feito pra promover o desenvolvimento das crianças

<b>Categoria</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Atividades no abrigo envolvendo outros profissionais e voluntários	3	33,33%
Brincar e conversar com as crianças	2	22,22%
Ajudar nas tarefas (mães sociais)	1	11,11%
Ajudar nas tarefas (professora)	2	22,22%
Não há atividades que promovam o desenvolvimento	1	11,11%
<b>TOTAL</b>	<b>9</b>	<b>100%</b>

*“Quando eu to com eles, eu procuro conversar bastante, brincar, eu procuro deixar eles a vontade pra eles me contar as coisas, ver em mim uma amiga...”*

*eu procuro deixar eles a vontade para que eles conversem comigo o que for de necessidade deles para eu poder ajudar” (NINA)*

*“Por enquanto não tem não. Só os meninos mais velhos, que tem os escoteiros, e atividades de violino (...) tem professores que vem dia de sábado ajudar eles nas tarefas (...) vem muita gente fazer atividades aqui, brincar com eles (...)os pequenininhos participam, sabe, ai eles vem buscar eles pra fazer papagaio, pipa, brincar de colorir, rabiscar.” (LENA).*

*“... os pequenininhos de vez em quanto vão para a salinha brincar e fazer tarefa com a professora ou a psicóloga, ai lá eles fazem as atividades e tem também a evangelização dominical (...) a gente brinca, eu converso muito com eles, tento dar conselhos, explicar pra eles as coisas...” (MARIA)*

*“Não, quando eles tem alguma dificuldade eles vão pra salinha, tipo, tarefa de casa, às vezes quando é pouco e a gente da conta, a gente mesmo ajuda” (ANA)*

As mães sociais também foram questionadas sobre as vantagens e problemas da profissão, sendo que o vínculo apareceu como principal argumento nessas vantagens.

*“... a gente se apega a eles e eles se apega com a gente. É o vínculo né... é muito forte.”(MARIA)*

*“as crianças vem e me abraça e me beija ...o que os meus filhos não faz pra mim eles fazem...”(LENA)*

Apenas uma mãe pontuou o salário como vantagem, e justamente o salário, que para uma mãe é vantagem, para outra, é visto como um problema

*“Vantagem é o salário no final do mês ... porque aqui a gente não tem gasto, né.”(NINA)*

*“Olha, a gente não tá aqui por salário ... se você for ver o salário você não fica.” (MARIA)*

## **4.2 As filmagens**

As filmagens ocorreram nas Casas 4 e 6 e também na área externa das casas, em que fica o parquinho. Na Casa 4 foram feitas treze filmagens, na Casa 6 foram realizadas quatro e três, no parquinho.

Nas observações, percebe-se que cada mãe age com as crianças de maneiras diferentes, algumas brincam mais, outras demonstram ser mais carinhosas, e assim vão-se traçando os critérios mediacionais de cada mãe social.



Durante as observações, por exemplo, a mãe Maria não levou as crianças ao parque, o que também aconteceu no período das filmagens.

### **Ana**

Apesar de contratada como mãe social, Ana é auxiliar de Maria na Casa 4 e não dorme com as crianças, permanecendo com elas doze horas por dia. As filmagens de Ana aconteceram dentro da Casa 4 (quatro videograções) e no parquinho (uma videogração) que é uma área externa comum a todos da instituição. Ana, tanto nas observações como nas filmagens, faz o possível para estar junto com as crianças, brincando e dando carinho a elas.

### **1ª filmagem – hora do banho dos meninos 29/07/2009**

Neste dia, havia treze crianças na casa, e a mãe estava no banheiro dando banho nos meninos, total de sete crianças. Entravam no banheiro duas crianças por vez. A gravação inicia quando Ana está ensaboando uma criança e perguntando-lhe se havia gostado de brincar no parquinho naquela tarde.

A hora do banho pode ser um momento rico de interações, desde que a mãe aproveite as oportunidades para utilizar os critérios mediacionais, focalizando a atenção das crianças, mediando significados, expandindo conceitos, entre outros.

Nessa filmagem Ana, embora demonstrasse ser muito carinhosa e cuidadosa com as crianças, parece não aproveitar as oportunidades para realizar intervenções, aparecendo poucos comportamentos que se caracterizam critérios mediacionais.

Alguns comportamentos mediacionais são observados nas seguintes falas que demonstram o critério de Regulação de Comportamento e refere-se ao que a criança pode fazer melhor, quando a mãe fornece informações para que isso aconteça.

*“Segura se não você cai”*

*“Nossa vem aqui porque senão você molha o quarto inteiro”*

*“Oh, cuidado com o olho. Oh fica em pé, fecha o olho que a tia vai passar sabão no cabelo.”*

A focalização acontece, quando Ana consegue a atenção da criança tanto pelo significado verbal como pela expressão de seu próprio corpo quando ela levanta o pescoço para a criança ver como é.

*“Marcio, aqui oh! Segura aqui oh!”*

*“Deixa a tia lavar o pescoço, faz assim oh” (e mostra como que a criança deve fazer levantando o seu pescoço)*

O elogio é visto aqui como uma recompensa pelo que a criança conseguiu entender e fazer.

*“Isso parabéns!” (quando a criança levanta o pescoço)*

Em outra fala:

*“Oh, fecha o olho, oh vai arder seu olho” (enquanto passa sabão no cabelo da criança)*

Quando Ana fala para a criança que o olho irá arder, ela oferece uma informação para criança, o que se constitui no critério de mediação de significado.

Em outros momentos, Ana apesar de interagir com a criança, não oferece mediações para que a criança possa aprender e se desenvolver como;

*“Vira” (pedindo à criança que vire para ela poder ensaboar as costas)*

*“Dá o pé”*

*“Fecha o olho, fecha o olho”*

*“Não pode molhar pra lá, vocês molharam o quarto inteiro”*

Esses são alguns exemplos de situações que a mãe social interage com as crianças, no entanto, não explica a elas como é, o que deve fazer, porque deve fazer, ou seja, não há mediação.

## 2ª filmagem – assistindo televisão e resolvendo conflitos – 05/08/2009

Nesse dia, havia treze crianças na casa, elas acordaram e foram para a sala assistir à televisão; as mães sociais estavam assistindo à novela. Algumas crianças sentam no sofá junto com as tias e outras brincam no chão da sala e da copa com alguns carrinhos, quando uma criança de dois anos e meio de idade quer o carrinho que é de outra criança. Outros conflitos também aparecem, no momento em que mães e crianças estão na sala assistindo à televisão. Ana apesar de demonstrar muito carinho e afeto, beijando e abraçando as crianças, não utiliza os critérios mediacionais.

Quando uma criança chora, Ana a abraça e a criança para de chorar, a mãe diz: *“calma, vai passar”* *“vocês querem chicletes? a tia vai trazer chicletes pra vocês”*

Na transcrição de um conflito envolvendo um o carrinho de brinquedo, Ana diz:

*“Diego, deixa ele brincar com o carrinho um pouquinho. Cadê a bola?, vai brincar com a bola” só que não adianta e o menino não deixa o outro brincar com o carrinho. Então ela continua: “ Diego, dá esse carrinho pra mim? dá!” e mesmo assim não adianta.*

*Outra criança aparece chorando, pois o bebê de aproximadamente um ano e meio havia mordido em sua mão. Ana diz: “ vem cá no meu colinho... ah não, tá ficando feia” mas a criança não pára de chorar.*

*só então Ana, fala para o bebê: “ você mordeu na Elen?, pode não tadinha, fez dodói nela.... morder machuca, tadinha dela”*

Essa é uma das únicas falas da videogravação em que a mãe utiliza um critério mediacional com as crianças, que é o de mediação de significado, pois, esse é o único momento em que ela explica o porquê de não poder morder. Nos outros momentos, ela não faz isso, não apresenta outras características, portanto, não podem ser caracterizados como mediação.

### **3ª filmagem – hora do lanche – 05/08/2009**

As crianças estão sentadas na mesa da copa e as mães distribuem pão de queijo, bolacha e leite para as elas. Há pouca comunicação entre mães sociais e crianças, desperdiçando momentos de mediações importantes para o desenvolvimento infantil, pois na hora da alimentação, muito pode ser explicado, comparado, expandido. As falas de Ana:

*“Vamos tomar tudo pra ficar forte”.*

Neste momento ela informa para a criança comer o alimento ajuda a crescer e ficar forte, no entanto é inconsistente, pois, poderia aproveitar esse momento para realizar mediações. Nas outras falas:

*“Toma tudo pra comer pão de queijo e comer bolachinha*

*Elen vem lanchar, vem! Aqui oh*

*Come! Gostoso, tá gostoso não tá! ?”*

Ana pode até ter tentado focalizar a atenção da criança, mas não há reciprocidade por parte dessa criança.

### **4ª filmagem – acordando as crianças e trocando fralda 07/08/2009**

As crianças estão acordando, Ana entra no quarto dos meninos e começa a arrumá-los para se levantarem no sono de depois do almoço. Primeiro, ela troca a fralda de uma criança de, aproximadamente, um ano e oito meses e depois vai arrumar as meninas, trocá-las e pentear seus cabelos.

No momento em que está trocando a fralda Ana conversa com a criança:

*“Ana: cadê o mijozinho da titia? cadê meu mijozinho?!! Fala oi Diego... oi Diego! Fala oi!!*

*Começa a trocar a fralda de Diego*

*Criança: mamãe!*

*Ana: mamãe não! Titia*

*Criança: mamãe*

*Ana: eu chamo titia*

*Criança: papai*

*Ana: papai também não meu amor!”*

No quarto das meninas, Ana também conversa com uma criança de, aproximadamente, quatro anos:

*“Criança: - tia eu ainda não vou acordar?*

*Ana: - acordar você já acordou você ainda não tá pronta*

*Criança: - eu não quero acordar agora!*

*Ana: - mas você já acordou, agora você tá levantando*

*Em seguida esta mesma criança vai ao banheiro e começa a escovar os dentes.*

*Ana: Não minha filha, não precisa escovar dente não! Vem cá! Marina, escovar dente é só quando escurece e quando você tá levantando de amanhecer o dia, viu! ?”*

Nesse episódio, Ana oferece uma explicação para a criança, informando sobre realização da ação, utilizando o critério conhecido como regulação de comportamento, que pretende auxiliar a criança na melhor maneira de planejar e realizar uma ação.

### **5ª filmagem – brincando no parquinho – 11/ 09/2009**

Nessa tarde, todas as crianças das seis casas estão na instituição e muitas brincam no parquinho, apesar de ser um dia de semana, terça-feira, há alguns visitantes que também brincam no parquinho com elas. Ana fica a maior parte do tempo com uma criança de, aproximadamente, um ano e meio.

Em muitos momentos Ana brinca com a criança:

*“Renataaaa, uhu, oi... cadê a menininha da titia?*

*“Segura peão!” (quando coloca a menina na roda e a gira)*

*“Olha o Diego que gracinha, balançando, oh!”*

No entanto essas interações não são caracterizadas como critérios mediacionais.

Quando a criança aponta o dedo para a roda, Ana fala:

*“Não pode, não pode, você está de barriguinha cheia”*, ou seja, ela explica porque não pode balançar, caracterizando o critério de regulação de comportamento. Contudo, não aproveita para explicar o que acontece quando se roda e está com a *“barriguinha cheia”*.

Em outra situação, quando balança a mesma criança, Ana utiliza o critério mediacional da focalização, para chamar a atenção da criança, ao balançar:

*“Segura! Se-gu-ra! Olha pra frente”*.

A criança atende Ana, demonstrando reciprocidade em relação à sua fala, então Ana manda um beijo pra a menina e completa:

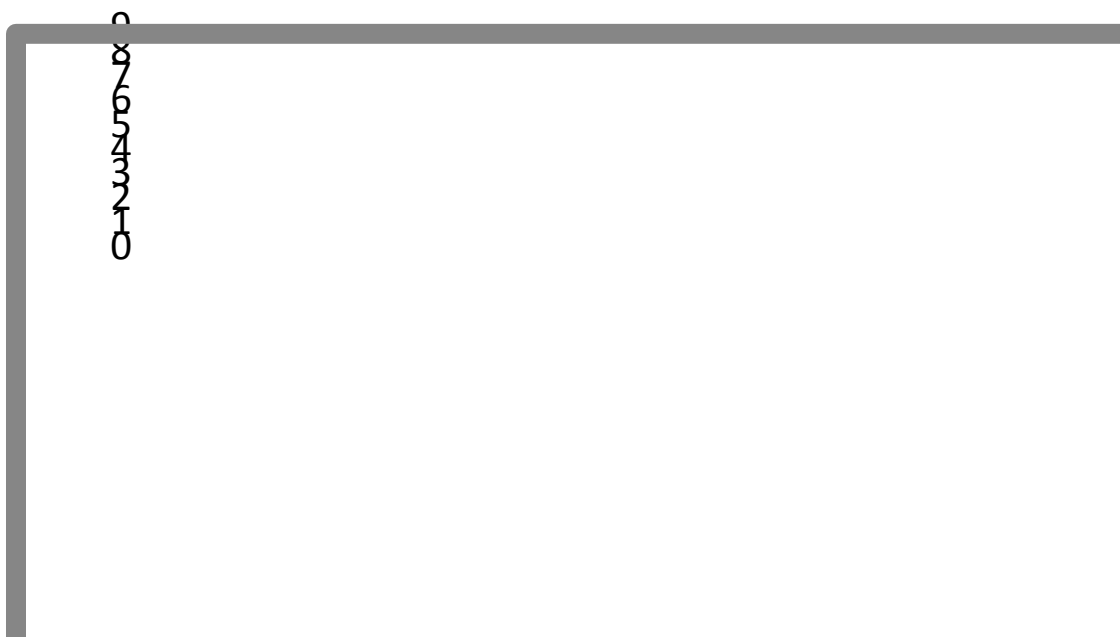
*“Oh, que coisa linda!”*

Com esse elogio, Ana medeia o sentimento de competência da criança, também chamado de critério mediacional de competência. A Tabela 5 e o Gráfico 1 apresentam a frequência dos critérios mediacionais de Ana nas videogravações.

Tabela 5 Frequência de critérios mediacionais de Ana nas videogravações

Situação	Critérios mediacionais				
	Focalização	Expansão	Mediação de significado	Regulação de comportamento	Recompensa
Banho	2	----	1	4	1
Resolvendo conflitos	----	----	3	----	----
Lanche	----	----	2	----	1
Crianças acordando	1	----	----	3	----
Brincando no parque	1	----	1	1	1
<b>TOTAL</b>	<b>4</b>	<b>----</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>3</b>

Gráfico 1 Frequência dos critérios mediacionais de Ana nas videograções



## **Maria**

É a mãe responsável pela Casa 4, permanecendo com as crianças 24 horas diárias, no entanto recebe a ajuda de Ana. As videograções de Maria aconteceram somente dentro da Casa 4, pois dificilmente essa mãe sai para brincar com as crianças, como notado nas observações e filmagens.

### **1ª filmagem – hora do banho – 05/08/2009**

Maria está no quarto das meninas, preparando-as para tomar banho; há cinco crianças no quarto. As falas de Maria são as seguintes:

*“Tira a calcinha, tira a sandália”*

*“Tá duro de tirar? Deixa eu tirar pra você”*

*“Marina, vem aqui!”*

*“A Marina não quer tomar banho? ah, quer sim”*

*“Dá o pezinho pra eu esfregar”*

*“Vem Renata, vem enxaguar”*

Nessas falas a mãe não direciona mediação nenhuma, Em outra situação:

*“Vai tira a roupa logo pra você tomar banho”*

Ela tenta dar a informação de que para tomar banho é necessário tirar a roupa, podendo ser caracterizado como o critério mediacional de regulação de comportamento, em que Maria ajuda a criança a planejar a ação antes de executá-la.

Nessa mesma filmagem, em outra situação, uma criança tenta manter o diálogo com Maria:

*“Criança: Ai eu tenho dodói, tia Maria.*

*Maria: Tem? não sarou não?*

*Criança: Não.*

*Criança 2: Eu tenho dodói na minha mão titia.*

*Maria: Credo! E quem fez esse dodói?*

*Criança 2: a Renata.*

*Maria: Ahh Renata, não pode fazer isso!a Renata ta fazendo dodói em tudo mundo né”.*

Mais uma vez há interação, Maria conversa com a criança, mas não aproveita a oportunidade para fazer alguma mediação. E assim segue suas falas, que não se enquadram nos critérios mediacionais.

*“Não pode pegar o sabão.”*

*“Vem, não, no chão não! Não pode! (quando as crianças sentam no chão do banheiro enquanto tomam banho)*

## **2ª filmagem – hora do lanche – 07/09/2009**

Antes das refeições, é um hábito rezar e agradecer a Deus pelo alimento. Esse comportamento é visto como mediação de significado, por ser uma manifestação cultural, que a própria instituição considera importante para a formação do ser humano.



Maria distribui pão e iogurte para as crianças, mas nos outros momentos da refeição, ela, apesar de interagir, não explora a situação para mediar algo as crianças, o que é visível em seu diálogo:

*“Maria: Olha o que você está fazendo?”*

*A criança estava derramando leite.*

*(...)*

*Maria: Não pode derramar leite. Elen!*

*Criança: Coloca aqui tia, oh.*

*Maria: Você quer mais? Ah, você derramou o seu agora vai ficar sem.”*(Maria em seguida coloca iogurte no copo da criança).

Quando Maria chama a atenção da criança com o iogurte derramado, por mais que ela focalize a ação, não é considerada mediação; em seguida, tenta regular o comportamento, insinuando que quem derruba o leite fica sem tomar, mas também não pode ser considerado um critério mediacional de qualidade, pois sua postura é negativa e não oferece uma explicação completa.

Em outra situação, Maria coloca mais iogurte no copo de outra criança e diz:

*“Humm, que delícia, hein?”*

Sua entonação, é rica em energia afetiva quando se propõe a mediar o significado para a criança. Depois disso, Maria chama a atenção de outra criança.

*“Uai Marcelo, você pediu mais, agora vai tomar, Põe lá pra ele tomar, vai... você pediu! Ele tá querendo ir lá pro tio Ivan (gerente), quer ir lá pro tio Ivan.”*

Por mais que soe como uma ameaça, ou punição por não beber o que pediu, Maria tenta regular o comportamento da criança, para a criança planeje o que consegue beber antes de pedir mais, no entanto, sua interação é negativa, pois repreende e ameaça a criança.

### 3ª filmagem – crianças acordando – 01/09/2009

É um dia frio e chuvoso e as crianças dormem até as 16h. Maria entra no quarto das meninas para acordá-las, havia cinco crianças lá. Dois meninos a seguem e ela adverte:

*“Não pode entrar no quarto das meninas, não sabe?”*

Maria, apesar de querer regular o comportamento dos meninos, não explica o motivo da regra, por isso, sua atitude não pode ser caracterizada como mediação.

Dentro do quarto, começa a acordar as crianças e a descê-las do berço e inicia alguns diálogos, como quando a mãe conversa com uma criança de, aproximadamente, um ano e meio:

*“Maria: Que que aconteceu? Você largou o bico? Não chupa mais bico não? Que beleza! Mas que beleza hein! Levanta!”*

*(...)*

*Maria: Que que é essa cara de choro... olha lá a Daniela lá oh!... ih que cara triste é essa hein? Que que aconteceu? Que que aconteceu que você acordou nervosa? queria dormir mais é? Você tá de cocô? eca, ta de caca, eco...a Renata ta de caca... vixi, mas a Renata tá tão triste.*

*Nesse momento Renata levanta-se no berço e tira um encaixa da cabeceira. Maria adverte;*

*Maria: Nossa! Não pode Renata, não pode tirar.”*

Nesse diálogo, há interação com a criança, no entanto, o único critério observado foi no início, quando Maria elogia a criança por ela ter parado de chupar chupeta, caracterizando o critério de recompensa, ou sentimento de competência.

Em outros dois momentos, Maria apresenta o critério mediacional de regulação de comportamento, em que a mãe informa e explica sobre a ação da criança:

*“Criança 2: Ôh tia pode tirar a meia?”*

*Maria: Pode, pode tirar a meia pra você calçar o chinelinho.*

*(...)*

*Criança 2: Tia, vai tirar a blusa não?*

*Maria: Pode ficar assim só coloca o chinelinho porque não pode ficar descalço, calça o chinelinho.”*

#### 4ª filmagem – evangelização dominical – cantos

Aos domingos pela manhã, as crianças participam da evangelização oferecida pelos jovens da igreja Sal da Terra, que vão ao abrigo. Eles dividem as crianças por idade e realizam atividades que envolvem cantos, brincadeiras, desenhos, contos e histórias bíblicas.

Após o culto geral, que tem lugar no quiosque com a presença de todos das instituições, as crianças e os adolescentes são divididos e vão para as casas, ou para algum lugar aberto do abrigo, como, por exemplo, debaixo de uma árvore, dependendo de como será conduzida a evangelização. Nesse dia, as crianças menores (totalizando oito) foram para a Casa 4, acompanhadas por três jovens e Maria.

Uma criança estava com um batom na mão e Maria adverte:

*“Me dá que na hora que terminar a tia devolve.”*

Essa é mais uma situação em que a mãe tenta regular o comportamento da criança, mas não explica e nem informa o porquê da ação, portanto, não há como ser classificada como critério mediacional.

Em outros momentos, enquanto os jovens explicam a atividade, Maria faz alguns comentários e tenta chamar a atenção de algumas crianças.

*“Oh, uma casinha.”*

*“Vem fazer rodinha, vem!”*

*“Ahê, nós vamos fazer uma casinha.”*

*“Nossa que gracinha a música, oh, oh Renata escuta!”*

Nessas frases, Maria focaliza a atenção da criança, conseguindo-a. É caracterizado como critério mediacional, porque Maria consegue a reciprocidade da criança, que começa a ouvir a música, tentando cantar e fazer os gestos de dança. A música cantada pelas crianças era “Três palavrinhas só”.

### 5ª filmagem – evangelização dominical – contando história

Os jovens seguem a evangelização, contando uma história bíblica sobre a casa construída sobre a rocha e a casa construída na areia. É uma história contada por Jesus, sobre dois homens que construíram suas casas. Um construiu na rocha e o outro a construiu na areia. O primeiro homem, que construiu sobre uma rocha, cavou uma vala profunda e fez o alicerce bem sólido. Era um terreno bem firme e a casa foi sendo construída de uma forma muito segura, até ficar pronta. No entanto, veio uma tempestade muito forte, com ventos, relâmpagos e muitos trovões faziam tremer a casa, e a chuva caía fortemente. E a água bateu contra aquela casa, mas nada aconteceu com ela, porque fora construída sobre uma rocha. O segundo homem, no entanto construiu sua casa sobre a areia, sem alicerces. E quando veio a tempestade, aquela casa que não estava firme, desabou.

Durante a história os jovens evangelizadores simularam ventanias, chuvas e trovão com objetos, como uma bacia de água. Eles interagiram bastante com as crianças realizando algumas mediações, assim como Maria, que primeiro focaliza a atenção das crianças para a história.

*“Olha a chuva... choveu ai Clara? choveu ai Clara?”*

*“Quando chove aqui a nossa casa não cai não né! ... não, a nossa casa é diferente, ela é forte! Ela é feita aqui na rocha é diferente”*

Nesse trecho, Maria utiliza o critério mediacional de Expansão, para ampliar o conhecimento das crianças, relaciona a casa da história com a casa em que moram, fazendo comparações e diferenciações, também demonstrando relação de causa e efeito.

Depois da história, as crianças começaram a construção de uma casa juntos, a casa ficaria numa maquete de isopor encapada que simularia a rocha e seria feita com palitos de sorvetes que as crianças foram colocando um a um. Seguem algumas falas de Maria, que

representam critérios mediacionais, por demonstrarem regulação de comportamento, ou por mediarem significado para as crianças:

*“Não põe na boca que vai ser a nossa casa (referindo-se ao palito da construção da casa) oh, ela vai ficar bem forte, e quando vim o vento o trovão ela não vai cair, né! a nossa casa aqui não é forte”*

*“Quem não estiver sentado não vai ganhar mais palitinho, senta lá Daniela se não, não vai ganhar mais palito”*

*“Vamos sentar pra ganhar mais palitinho”*

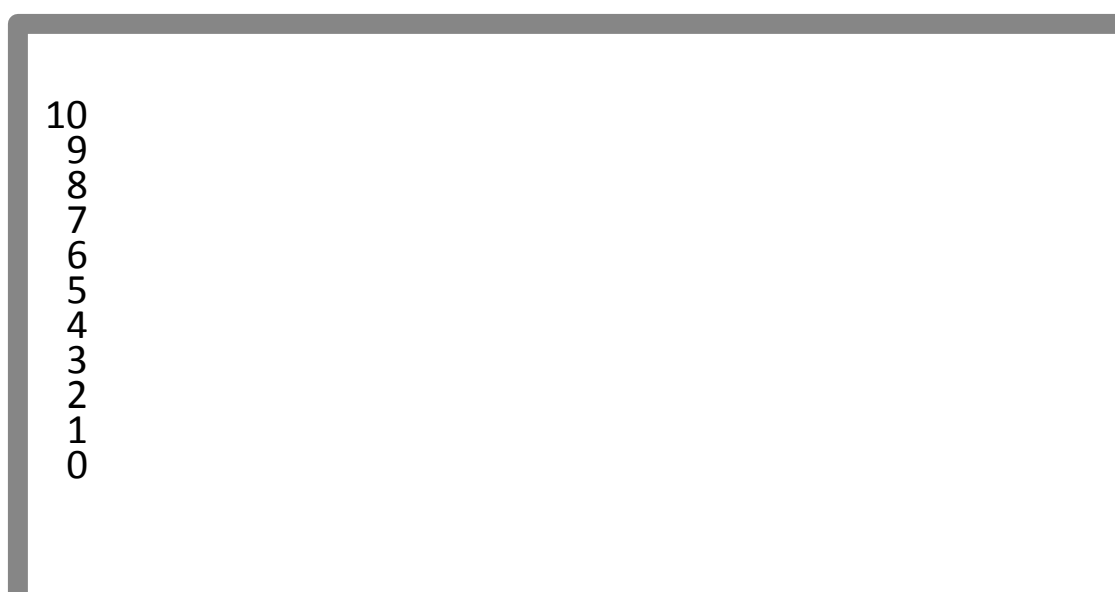
*“Oh, Marina vem sentar aqui pra você ganhar mais palitinho, pra nós fazer a nossa casa bem forte, bem forte!”*

A Tabela 6 e o Gráfico 2 apresentam a frequência dos critérios mediacionais utilizados por Maria durante as videograções.

Tabela 6 Frequência dos critérios mediacionais de Maria nas videograções

Atividade	Critérios mediacionais				
	Focalização	Expansão	Mediação de significado	Regulação de comportamento	Recompensa
Hora do banho	---	---	1	2	---
Hora do lanche	---	---	2	1	---
Acordando	---	---	---	2	1
At. Dominical – cantando	3	---	---	---	---
At. Dominical – história	2	1	3	4	2
TOTAL	5	1	6	9	3

Gráfico 2 Frequência dos critérios mediacionais de Maria nas videograções



## **Nina**

Nina é a mãe folguista, trabalha durante as folgas das mães e, por isso, passa por todas as casas da instituição. Quando Maria sai de folga, é Nina que fica na Casa 4, e foi nessa casa que foram realizadas as suas filmagens, sendo 4 videograções dentro na casa e uma na área externa da instituição, o parque.

### **1ª filmagem: Hora do Lanche – 10/09/2009**

Nessa tarde, havia sete crianças na casa, o restante estava na creche. As crianças sentaram à mesa da cozinha para fazer a refeição. Quanto todas as crianças sentam à mesa, é realizada a oração, que se caracteriza como mediação de significado.

A mãe começa a distribuir refrigerante e rosca para as crianças. Uma menina de, aproximadamente, quatro anos de idade, estava com aftas e em estado febril, não querendo comer. Segue a transcrição das falas de Nina:

*“Nina (para criança 1): Olha aqui, se você comer tudo vai melhorar.”*

*Criança 2: O meu sarou. (referindo-se ao machucado que tinha)*

*Nina (para criança 2): O seu sarou? Foi porque você comeu, não foi?*

*Criança 2 balança a cabeça com sinal de positivo.*

*Nina: Então você comeu direitinho e foi por isso que você sarou e ficou bonita.*

Nesse diálogo, a mãe utiliza tanto a regulação de comportamento como a mediação de significado, pois explica o sentido de comer e quão importante esse ato é para o futuro, como no caso, o de sarar de um machucado, ou ficar bonita. Em outro momento:

*“Criança: tia você vai deixar nós assistir pica-pau?”*

*Nina: quem não comer não vai assistir pica-pau. Tem que comer tudo!”*

Nina regula o comportamento de maneira negativa, pois demonstra uma autoridade sobre as crianças, que lhe obedecem.

Em outro momento Nina também tenta utilizar o critério mediacional de regulação do comportamento, mas de maneira incoerente, a criança pode não entender, já que uma criança pequena é incapaz de entender ironia:

*“Não passa a mão cheia de açúcar no cabelo não se não vai ficar uma beleza.”*

E ainda tenta regular e mediar o significado:

*“Come sua rosca porque a senhora comeu só a parte de cima, com açúcar e se não comer vai ficar feia! Pode comer”*

Os critérios que Nina utiliza parecem imprecisos no ensinamento e nas explicações oferecidas às crianças. No entanto, em outras falas, eles nem aparecem:

*“ Não mexe não, nossa que coisa feia.” (criança pegando a rosca antes da oração)*

*“ Vai come.”*

## **2ª filmagem: hora do banho – 10/09/2009**

Nina dá banho nos meninos, entram duas crianças por vez, ela tira a roupa das crianças, liga o chuveiro, os dois estão no *box*, e por mais que interaja com as crianças, não realiza muitas mediações:

*“Chega pra traz que a água tá fria, deixa esquentar primeiro.”*

*“Levanta o rostinho, deixa a tia te ensaboar... vai o pé.”*

*“Pronto, o outro pé, deixa eu ver as costas como é que tá isso.”*

*“Pronto pode enxaguar.”*

*“Vem cá, deixa eu te ensaboar, anda, vem aqui.”*

Nos diálogos:

*“Criança: O tia quero fazer xixi.*

*Nina: Pode fazer ai. Xixi pode fazer na hora que ta tomando banho.” (e a criança faz xixi no Box)*

*(...)*

*“Criança: Oh o peitão dele, tia.*

*Nina: Não faz isso não, não pode fazer isso, que coisa feia.”*

Nas duas situações, Nina orienta a criança em como agir, mas não explica o porquê, não sendo possível caracterizar como um critério mediacional. Depois Nina conversa com a criança:

*“Olha as perninhas cheias de sabão. Enxágua direito!”*

*“Vamo passar o xampu nesse cabelo pra ficar cheirando, nossa vai ficar super cheiroso.”*

A mãe focaliza e regula o comportamento e ainda medeia o significado de passar xampu. Nas interações que se seguem, não aparece nenhum critério mediacional e, sim, situações de enfrentamento entre criança e mãe social:

*“Vem aqui, deixa eu te esfregar, menino! Gente que mulecada custosa, to falando vem, raça ruim!”*

Depois de dar banho nas crianças, Nina as leva para o quarto para colocarem roupa, uma criança começa a cantar e dançar:

*“Criança: ‘fui morar numa casinha-nha...; ai tia eu to escorregando.*

*Nina: Ahã! Vou te ensinar a escorregar agora mesmo. Vai a bermuda (a mãe grita para a criança vestir a bermuda, mas a criança continua cantarolando).*

*Nina: Vai veste, vai ... agora vai calçar um sapato.*

*Criança: Não tia eu não tenho chinelo.*

*Nina: Vai calçar uma sandália, um tênis, qualquer coisa.*

*Criança: Não.*

*Nina: vai calçar um sapato, um tênis*

*A criança começa a chorar e diz que não com a cabeça.*

*Nina: Você vai dar birra?*

*Criança: Eu não tenho chinelo.*

*Nina: Calça alguma coisa.. vai calçar.*

*Criança: Não, eu não vou.*

*Nina: Então vamo ver! Vamo ver então se você não vai, ora essa, quer tomar banho e ficar descalço.*



### 3ª filmagem: assistindo à televisão – 10/09/2009

Já é noite, as crianças tomaram banho e jantaram e estão todas na sala assistindo à televisão, pois pediram para a mãe social colocar no desenho do Pica-Pau. Estão na casa treze crianças. Nina diz:

*“Senta lá, senta lá todo mundo, se não sentar não vai ver televisão! Senta.”*

A TV é desligada, porque as crianças permanecem em pé. Uma criança fica perto da televisão e pergunta:

*“Criança: Pode?”*

*Nina: Não pode porque não tá todo mundo sentado. Senta!”*

Nesses dois exemplos, é visível o critério mediacional de regulação do comportamento, embora pudesse ter sido mais explorado e mediado o significado. Quando todos sentam, a TV é ligada e uma criança permanece bem perto dela. Nina chama sua atenção mediando o significado da ação:

*“Marcio, faz mal sabia! Não pode ficar em cima da televisão desse jeito.”*

As crianças começam a assistir ao desenho que elas queriam, Nina também assiste e chama a atenção das crianças para o desenho, focalizando:

*“A lá, o passarinho lá.”*

Uma menina de, aproximadamente, quatro anos coloca um objeto na boca. Nina regula seu comportamento pontuando:

*“Que que você tá pondo na boca? Que que é isso? ah eu não acredito! Vai por isso no lixo. Isso daí dá carie, ficar colocando isso na boca. Vai por no lixo!”*

Em outros momentos Nina dá ordens, mas não explica o motivo, por isso não pode ser considerado critério mediacional.

*“Renata, senta, senta!”*

*“É da Marina, é dela, não pode, é dela não pode”* (quando uma criança de aproximadamente um ano e meio quer segurar a mochila de outra criança.)

*“Desce daí (a criança estava subindo no balcão de alvenaria que separa a sala da copa) Ah, você vai teimar? vai teimar? sobe ai sobe? sobe? oh coisinha custosa, eu to falando e tá teimando, sobe?”*

#### **4ª filmagem: brincando no parque – 11/09/2009**

Todas as crianças da instituição estão no abrigo, as crianças da Casa 4 vão para o parquinho junto com as mães e encontram muitas outras crianças da instituição e também alguns visitantes que brincam com elas. Nina fica na roda com algumas crianças e adverte regulando o comportamento:

*“Olha, se brigar nós vamos pra dentro agora.”*

*“Se você não se sentar direito eu te tiro daí.”*

Outra criança chega até Nina e pede um chiclete “Babalu”, Nina responde:

*“Você quer babalu? Quer babalu faz mal para os dentes!”*

Muitas situações não são exploradas por Nina e, portanto, não podem ser consideradas mediações:

*“Ei, desce daí, desce daí!”*

*“Laura, devagar.”*

*“Vai cair, oh... vai devagar.”*

Aparece uma gata grávida perto da Casa 4 e algumas crianças querem ver, Nina fala:

*“Não, não, não vai mexer no gato não. Vem aqui na tia oh! Vem..”*

#### **5ª filmagem: resolvendo conflitos – 11/09/2009**

Na Casa 4 há treze crianças entre um ano e meio e cinco anos e meio, todas já tomaram banho, algumas brincam na sala e outras na área da lavanderia, enquanto uma mãe social lava alguns sapatos e a outra prepara o jantar. Nina está no tanque lavando os sapatos e algumas crianças brincam perto. Duas crianças começam a brigar por causa de uma bicicleta, segue a transcrição do diálogo:

*“Criança 1: Eu queroo!”*

*Criança 2:Não!*

*Criança 1:Eu quero. (e ameaça chorar)*

*Criança 2: Não.*

*Nina: Se for dar briga eu vou tirar também (ela já havia guardado uma motoca porque duas crianças brigavam pelo brinquedo) vai dar briga? Então desce daí ou dois. Desce.*

A criança 1 começa a chorar.

*Nina: Vai ficar sem, não sabe brincar então fica sem (a mãe coloca a bicicleta em cima do tanquinho de lavar roupas) deixa ela quietinha aqui oh! E se eu ver alguém mexer vai apanhar! Vou botar de castigo.”*

Este trecho apresenta o critério mediacional de regulação de comportamento, para resolver o conflito. Em seguida, uma criança começa a chorar e fazer birra, jogando-se no chão da cozinha e gritando. Nina continua lavando os sapatos e a criança grita mais alto, como que se fosse para chamar a atenção da mãe social, então Nina vai até a cozinha e fala:

*“Nina: Marina levanta do chão. Levanta do chão! Você quer que eu te leve lá no quarto?”*

*A menina continua gritando e Nina a leva para o quarto.*

*Nina: Eu não te avisei, agora você fica de castigo sentadinha aqui, e ao me levanta daqui de jeito nenhum.”*

Os minutos que se seguem na filmagem não contêm critérios mediacionais, mas, sim, a dificuldade da mãe em lidar com a criança e o conflito que surgiu. Aparecem então ameaças que a mãe utiliza para tentar fazer com que a criança pare de chorar e gritar, mas que não resolvem, e quanto mais a Nina fala, mais a criança grita.

*“Cala. Cala a boca! Psiu! Fica caladinha, não faz nenhum pio!”*

*“Ora gente, mas quando você der birra no chão de novo eu te trago pra cá. Agora você vai ficar ai sozinha.”*

*“Eu mandei tirar o dedo da boca! Tira o dedo da boca.”*

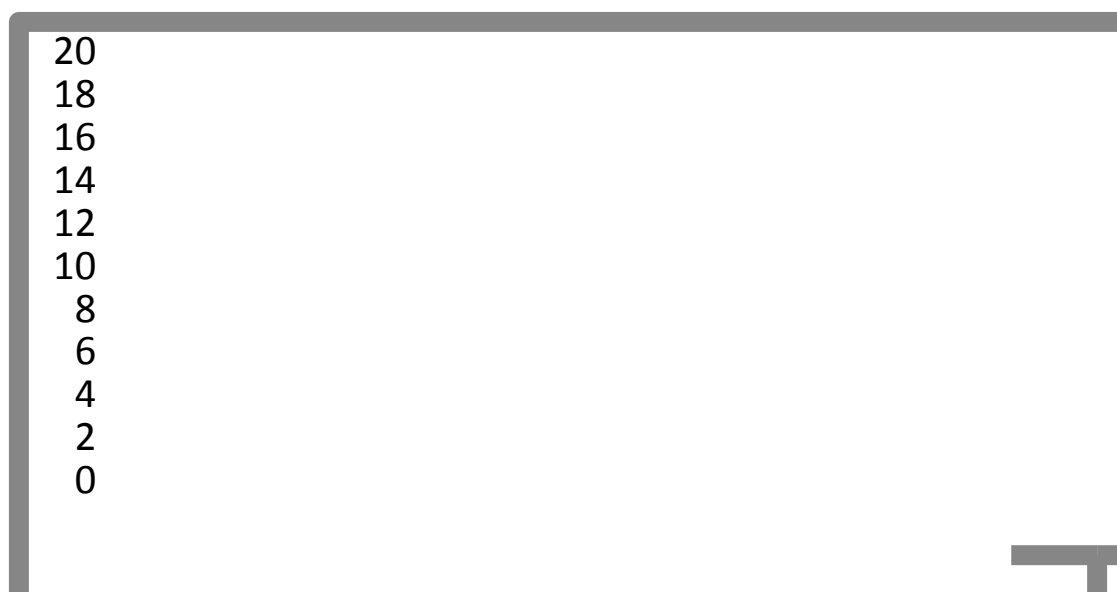
*“Você vai ficar quietinha aqui. Sem escândalos, nós estamos combinadas! ? fica quietinha.. quietinha, eu vou te por de joelhos ali oh! Virada pra lá oh!”*

A Tabela 7 e o Gráfico 3 apresentam a frequência dos critérios mediacionais usados por Nina nas videogravações.

Tabela 7 Frequência dos critérios mediacionais de Nina nas videogravações

Atividade	Critérios mediacionais				
	Focalização	Expansão	Mediação de significado	Regulação de comportamento	Recompensa
Hora do lanche	---	---	3	4	---
Hora do banho	1	---	1	2	---
Assistindo TV	1	---	1	3	---
Brincando no Parque	---	---	1	4	---
Resolvendo conflitos	---	---	---	5	---
Total	2	---	6	18	---

Gráfico 3 Frequência dos critérios mediacionais de Nina nas videogravações



## Lena

É a mãe social responsável pela Casa 6; foram realizadas três filmagens dentro da casa, uma na área externa da casa, onde ficam alguns brinquedos das crianças que ali moram, e outra no parque, que é a área comum da instituição.

### 1ª filmagem: Hora do Lanche: 10/10/2009

É hora do lanche da tarde, na casa estão Lena com mais quatro crianças, três estão sentadas à mesa junto com a mãe e uma no sofá. Lena pede para uma criança fazer a oração de agradecimento pela comida e vai direcionando no que a criança deve falar; no final a criança faz o sinal da cruz, comum na religião católica e a mãe adverte:

*“Nós somos evangélicos, nós não faz o ‘nome do pai’.”*

Lena tenta regular o comportamento para a criança mediando o comportamento de maneira a permitir à criança adequar-se à cultura da instituição, no entanto não explica o porquê da sua ação, assim como nos diálogos que se seguem:

*“Lena: Não pode pegar com a mão não!”*

*Criança: Por que?*

*Lena: Porque não pode. A gente não pega com as coisas com a mão! Pega a colher lá dentro.”*

*“Vitor dá pra ficar caladinho! Se não der fica sem, ouviu?”*

Essas interações não podem ser classificadas como mediações. Para essa mãe, a hora da refeição é um momento de silêncio; algumas vezes durante a filmagem e também em outras observações ela pede silêncio para as crianças, talvez seja por isso que, em muitos momentos, quando a mãe era solicitada pelas crianças a participar de uma conversa, ela não respondia, como nos diálogos:

*“Criança: Tia oh o tantão que eu comi. ( e mostra o numero 4 com o dedo)*

*Criança 2: Tia eu comi quatro pão.”*

Quando Lena distribui o bolo para as crianças:

*“Criança: O meu vai ser o mais pequenininho.*

*Criança 2: O meu vai ser o mais grandão.*

*Criança 3: Esse aí é o ...*

*Lena: Psiu!”*

Em outros episódios, Lena utiliza do critério de regulação do comportamento junto às crianças:

*“Não é o que eu der.. vai comer o pão primeiro, por ultimo eu vou dar bolo. Não tem esse negocio não!”(quando a criança pede para comer o bolo primeiro do que o pão)*

*“A gente come com a boca fechadinha.”*

*“A gente não conversa com a boca cheia... é muito feio você já é um rapazinho, um mocinho.”*

## **2ª filmagem: brincando no parquinho – 10/10/2009**

Lena leva as crianças para brincar no parque da instituição; nesse dia, não havia ninguém no parque, mas no caminho da casa até lá, as crianças se dispersam, querendo mexer em outros objetos e a mãe chama a atenção delas, para em que devem ir;

*“É lá que é pra ir oh, é lá no parquinho.” (e aponta para o parquinho).*

Quando chegam ao parquinho, as crianças vão brincar e Lena as observa, em seguida a mãe vai até a gangorra, em que elas estão e permanece junto com elas. Depois todos seguem para o balanço e Lena os balança conversando pouco com as crianças, o que não pode ser considerado mediação:

*“Quero ver cai, a tia falou pra sentar.” (quando uma criança fica em pé no balanço)*

*“Vem Morel, senta aqui que a tia vai te balançar.”*

Duas crianças começam a rodar sentadas no balanço e Lena as adverte, utilizando o critério de regulação de comportamento:

*“Vocês vai vomitar, vocês tomou café agora mesmo! Você vai vomitar agora mesmo, vocês tão rodando.”*

*“Não vai rodar não Morel, você machuca, você vomita. Você comeu pão agora mesmo! Você vomita!”*

Esses foram os únicos momentos da videogravação considerados como mediações. Em outras situações, a mãe só adverte sem explicar o porquê, ou ainda não dá atenção para a criança:

*“Alisson, não sobe ai não, não... pode parar.”*

*“Criança: ei tia, eu pulei, eu pulei, eu sou o super homem.”*

*Lena permanece calada.*

*Criança 2: O tia oh, o tia, olha aqui, olha aqui em que eu to.” (criança havia subido na estrutura de ferro do balanço).*

*Lena só observa e não fala com a criança.”*

### **3ª filmagem : hora do banho – 11/10/2009**

Estão na Casa 6, Lena, quatro crianças e um adolescente que também mora lá. A mãe começa a dar banho nas crianças, com poucos diálogos, não foi observada nenhuma mediação, somente as falas:

*“Pisa aqui.”*

*“Calça o chinelo.”*

*“Dá o pé... põe o pé aqui.”*

Em outros momentos a criança quer conversa com a mãe, mas ela não se importa:

*“Criança: oh tia, oh o topete que eu fiz.*

*Lena só olha e nada comenta.”*

*“Criança 2: oh tia (e aponta para as camisetas dele e da mãe) o seu e o meu tem desenho.*

*Lena olha e nada comenta”*

#### 4ª filmagem: brincando no quintal – 23/10/2009

O dia está chuvoso e as crianças estão brincando em uma área externa da casa onde ficam alguns brinquedos. As crianças estão brincando de cavar um buraco na terra molhada e Lena os observa a uns seis metros de distância. A mãe adverte uma criança:

*“Lena: Você está descalço de novo, é o que mais está tossindo de noite, vai calçar um tênis.*

*A criança vai para dentro da casa e volta com um tênis.*

*Lena: Esse tênis que eu lavei não. Vai por esse tênis lá dentro que é pra você ir pra a escola. Pega o tênis velho.”*

Quando a mãe utiliza o critério mediacional de regulação de comportamento, como na situação acima, sua fala, ou seja, a linguagem, desempenha um papel importante na organização do pensamento e da ação voluntária da criança, porque essa linguagem que se inicia como sendo intersíquica (de fora do sujeito) à medida que a criança subordina sua ação à instrução verbal da cuidadora, essa ação começa progressivamente a se transformar em um processo intrapsíquico (interno) e a linguagem da própria criança começa a regular seu próprio comportamento, “este é o caminho pelo qual se forma o complexo processo de ação voluntária autônoma, que é em sua essência a subordinação da ação não mais à linguagem do adulto mas sim à própria linguagem da criança” (Meier e Garcia, 2007, p. 60)

Lena não responde ao que as crianças perguntam ou ao que elas mostram, demonstrando má qualidade nas interações. Como por exemplo:

*“Criança: Oh tia, as formigas fez casinha aqui, oh, ai elas fez um buracão assim oh.” (e faz o gesto de cavar)*

*“Criança 2: Tia olha aqui oh.” (mostrando um objeto)*

*“Criança 3: Oh tia, pode quebrar esse carrinho? ta quebrado.” (a menina senta no chão e começa a desmontar as partes do carrinho de boneca)*

*“Criança 4: O tia nós tá brincando de barquinho.”*

Em todas essas situações Lena apenas observa, não faz nenhum comentário com as crianças e permanece encostada a uma parede. As crianças encontram um mandaruvá na parede e vão para perto dele observá-lo. Uma criança grita: “a cobra” e outra começa a cantar:



“a cobra não tem pé, a cobra não tem mão...” as crianças mostram o bicho para Lena e segue o dialogo da transcrição da filmagem:

*“Lena que permanecia encostada na parede observando as crianças: Vocês não põe a mão! Não põe a mão não que dá cobreiro.*

*Criança1: O tia vamo deixar ver como ele é, como ele é...*

Lena boceja.

*Criança 1: O tia ela tá fazendo assim. (demonstra com a mão como o bicho rasteja)*

*Criança 2: Vem pra cima e vem pra baixo.*

*Criança3: Ela podia, ela podia fazer assim... (e faz um trajeto com a mão)*

*Lena: Não põe a mão.*

*Criança4: Ih, eu to pondo o pau.*

*Criança 2: Dá cobreiro.”*

Apesar de pouco interagir com as crianças, e permanecer observando, Lena regula o comportamento das crianças quando adverte que não pode mexer no bicho porque dá cobreiro.

### **5ª filmagem: assistindo à televisão : 23/10/2009**

Depois de tomarem banho, as quatro crianças da Casa 6, junto com Lena e o adolescente, assistem à televisão, que a mãe havia sintonizado em uma emissora que transmitia um filme. Já no inicio da filmagem, Lena não atende às crianças quando estas a chamam:

*“Criança 1: O tia olha aqui oh! (o menino mostrava algo que brincava no chão da sala)*

*“Criança 2: Oh um trem, isso que é um trem...” (sobre o trem que aparece na TV)*

A utilização dos critérios mediacionais por Lena só é observada em três situações em que ela regula o comportamento das crianças:

*“Criança: Minha professora falou pra eu fazer isso. (e mostra um exercício da apostila)*

*Lena: Mas você não foi pra aula hoje!*

*Criança: Aquele dia lá que eu fui.*

*Lena: Marcela, você não fica fazendo as coisas sem a professora mandar não. Não pode!*

*“Tira isso da boca Altair, quebra os dentes.”* (o menino estava com um peão na boca)

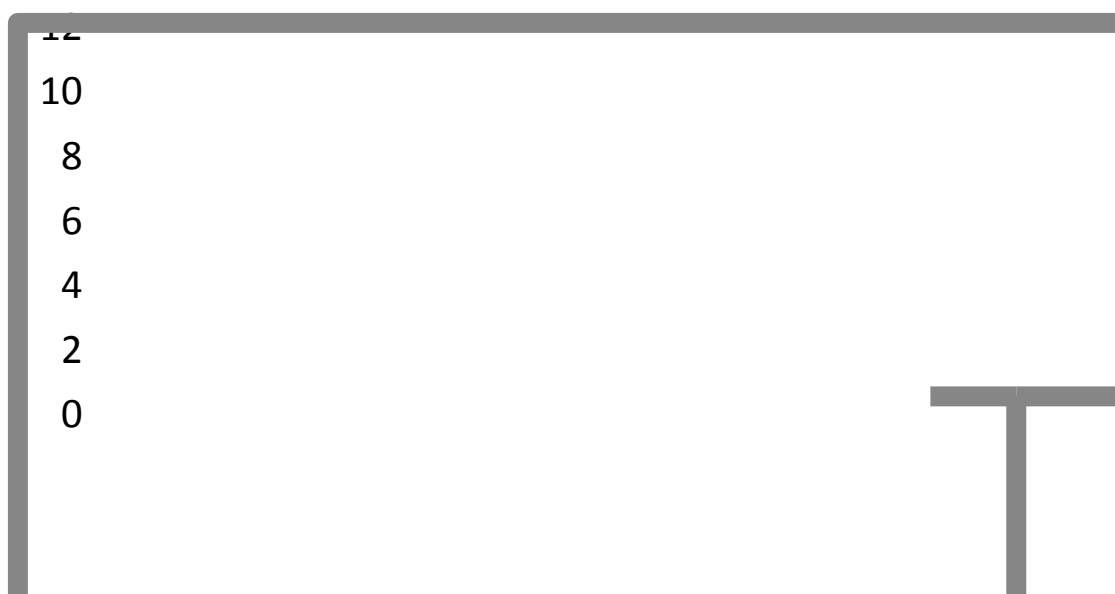
*“Isso aqui é pra você escrever aqui oh é pra pegar esse aqui e escrever aqui oh.”* (Lena orienta a criança na tarefa, apontando para o caderno o exercício que deveria ser feito)

A Tabela 8 e o gráfico 4 apresentam a frequência dos critérios mediacionais utilizados por Lena nas videogravações.

Tabela 8 Frequência dos critérios mediacionais de Lena nas videogravações

Atividades	Critérios mediacionais				
	Focalização	Expansão	Mediação de significado	Regulação de comportamento	Recompensa
Lanche	---	---	1	3	---
Brincando no parque	1	---	---	2	---
Banho	---	---	---	---	---
Brincando no quintal	---	---	---	3	---
Assistindo TV	---	---	---	3	---
<b>TOTAL</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>11</b>	<b>0</b>

Gráfico 4 Frequência dos critérios mediacionais de Lena nas videogravações



A partir do comportamento mediacional de cada mãe social, foi possível traçar um perfil mediacional das participantes deste estudo, apresentado na Tabela 9.

Tabela 9 O perfil mediacional das mães sociais

Critérios Mediacionais	Focalização	Mediação de significado	Regulação de comportamento	Recompensa	Expansão
Mães sociais					
Ana	4	7	8	3	0
Maria	5	6	9	3	1
Nina	2	6	18	0	0
Lena	1	1	11	0	0
<b>TOTAL</b>	<b>12</b>	<b>20</b>	<b>46</b>	<b>6</b>	<b>1</b>

## 5. DISCUSSÃO

*“Mas é preciso ter manha  
É preciso ter graça  
É preciso ter sonho sempre  
Quem traz na pele essa marca  
Possui a estranha mania  
De ter fé na vida...”  
(Milton Nascimento e Fernando Brant)*

Foi encontrado um pequeno número de pesquisas sobre o referido tema, principalmente sobre as interações entre cuidadoras e crianças abrigadas, observando, concomitantemente uma grande necessidade de conhecer mais sobre essas interações.

Identificar e avaliar o perfil mediacional de mães sociais atuantes em situações de abrigo, considerando as possibilidades e a importância de mediações nesse contexto foi o objetivo perseguido por este estudo que, apesar de suas reduzidas proporções e intenções, conseguiu clarear alguns aspectos cruciais que ora facilitam e ora impedem mediações ou interações de qualidade entre a mãe social e a criança abrigada. A discussão dos resultados mencionados anteriormente, que ocupará este capítulo, apoia-se de modo predominante em contribuições científicas originadas da teorização e pesquisa acerca da aprendizagem mediada e, em especial, dos pressupostos contidos no programa de intervenção mediacional, denominado MISC.

Um dado digno de atenção estas mulheres, enquanto profissionais é que apenas uma das mães entrevistadas passou por algum tipo de preparação para o exercício da função, a maioria refere-se a ter sido contratada após um teste, que avalia, prioritariamente, a questão da organização e limpeza da casa. Considera-se significativo e o impacto que a figura de mães sociais tem para a criança em situação de risco, à medida que a formação de vínculos seguros entre a mãe e a criança é amplamente descrita na literatura como fator promotor de desenvolvimento humano (Golin, 2010; Vectore e Carvalho, 2009), muito embora sejam ainda inconcludentes os estudos que mostram a relação entre mãe social e o desenvolvimento

da criança abrigada propriamente dita. As pesquisas norteiam-se por modelos de interação da mãe biológica ou na figura de um adulto com possibilidades de empreender um vínculo seguro com a criança sob sua guarda (Bowlby, 1998; Spitz, 1979).

Outro dado que merece ser ressaltado refere-se à alta rotatividade de funcionários. Das quatro de mães participantes, apenas duas tinham mais de um ano de trabalho na função, destacando uma mãe que já trabalha há oito anos. Quanto às demais, o período médio de permanência foi de três meses. Pode-se constatar, no decorrer do trabalho, que duas mães sociais saíram da instituição, uma no início do estudo e outra após o término da coleta dos dados. Tal constatação pode ser explicada tanto pela falta de capacitação para a função, quanto pela própria característica do trabalho, que envolve, além de estudos e capacitações, características pessoais das próprias funcionárias.

Outra questão que se coloca é necessidade sentida pelas mães sociais de formação, no sentido de melhor desempenharem o seu papel, além de se ressentirem do fato de lhes ser disponibilizado pouco conhecimento acerca da história de vida das crianças sob a sua responsabilidade. Tal dado parece evidenciar uma situação ambígua frente ao trabalho da mãe social, pois, ao mesmo tempo em que se espera um envolvimento da mãe com a criança, essa criança lhe é apresentada como se fosse “uma folha de papel em branco”; em que os vínculos poderão ser rompidos a qualquer momento, então para que construí-los? Porém a literatura psicológica é ampla em enfatizar a importância das primeiras experiências para o desenvolvimento humano (Bee, 2003, Bowlby, 1998).

De que forma as mães sociais concebem a infância e a situação das crianças abrigadas? Preliminarmente, chama a atenção o fato de que a entendem a partir de suas próprias vivências infantis, sejam elas felizes ou frustrantes. Uma infância que, segundo relatos próprios, foi sem brincadeiras, precisando trabalhar para ajudar no sustento da família, e até mesmo uma infância de abandono e de violência. Por outro lado, duas mães

evidenciaram o sentimento de tristeza pela situação de abrigo das crianças, que, para elas, deveriam receber o amor e a proteção da família, num ambiente sem negligência e violência. As demais acreditam que o abrigo propicie um ambiente de cuidados e sem violações aos seus direitos.

Evidenciar de que forma as mães sociais percebem a sua importância para o desenvolvimento das crianças também constituiu uma preocupação do estudo. Assim, vale mencionar que elas acreditam que auxiliar as crianças nas tarefas, brincar e conversar com elas são atividades promotoras de desenvolvimento, muito embora uma das mães relate não perceber a existência, no abrigo, de atividades propiciadoras de tal desenvolvimento. Esse dado demonstra o quanto essas mães sociais necessitam de uma formação contínua, de modo a compreenderem que interações adequadas, boas mediações, que dependem unicamente do empenho delas em interagir adequadamente com a criança podem fomentar e otimizar as aprendizagens na infância (Klein, 1996; Oliveira-Formozinho, 2008).

Nesse sentido, é importante destacar o quanto é fundamental o conhecimento anterior do perfil mediacional, de cada mãe social, a fim de que se possam construir estratégias de intervenção, que venham efetivamente a fomentar interações de qualidade e propiciadoras de desenvolvimento, conforme descritas na literatura pertinente (Klein, 2006).

Contudo, como se constituem as interações mães sociais e crianças? É possível estabelecer o perfil mediacional das mães sociais? As respostas a essas questões nortearam todo o empenho deste estudo. Desse modo, considerando os critérios mediacionais propostos por Klein (1996) e descritos anteriormente, pode-se desvelar que, no abrigo pesquisado, a linguagem entre mães sociais e crianças ressalta a regulação do comportamento, referindo-se muitas vezes, ao que a criança não deve fazer: *“Olha, se brigar nós vamos pra dentro agora.”* e *“Se você não se sentar direito eu te tiro daí.”* ou apenas para orientar ou direcionar os comportamentos, o que pode ser evidenciado quando as mães, chamam a atenção das

crianças quando julgam que um comportamento é inadequado. A *Regulação do Comportamento* visa a promover a independência das ações da criança para que elas, a partir da mediação, possam se autorregular (Vectore, 2003).

Assim, das vinte videograções realizadas com as quatro mães sociais, o critério mais utilizado é o da regulação do comportamento, quarenta e duas vezes, seguidos, pela mediação de significado, vinte vezes. A ocorrência de tal critério pode ser explicada, a partir da constatação de que, não raras vezes, as mães interagem com as crianças no sentido de apenas regular os seus comportamentos, empobrecendo as narrativas, restringindo o diálogo entre si e as crianças, possivelmente pela falta de consciência destas mães sobre o seu papel no desenvolvimento das crianças, oriunda talvez da falta de informação e de não formação para o exercício da função e ainda por fatores pessoais, da constituição de vida destas mulheres que dificultam a mediação junto às crianças.

Vale apontar que, para as crianças abrigadas, muitas vezes, a mãe social é referência de estabilidade, uma vez que é a cuidadora responsável pelas crianças e permanece com elas vinte quatro horas por dia, desta maneira, deve-se reafirmar o quanto é fundamental o seu papel, na construção do conhecimento de tais crianças, sendo responsável, não só pelos cuidados físicos, mas também pela transmissão de valores e sistemas de representações, formas de pensamentos e maneiras de se comportar. Esses são conhecimentos advindos e construídos ao longo da história da humanidade e necessários para a apropriação da criança, do seu contexto cultural (Vygotsky, 1989, 1998).

Por outro lado, foi possível observar que as crianças imitavam as mães sociais, em diferentes situações, uma delas, bastante frequente referia-se à atividade de dobrar roupas, em que todas as crianças queriam ajudar. A criança aprende pela imitação, que proporciona ainda sugestões, exemplos e demonstrações aceitas pelo contexto (Oliveira, 1997).

Vygotsky (1989) pontua que, pela imitação de modelos, as crianças são capazes de realizar ações que ampliam suas capacidades cognitivas, internalizando conhecimentos externos. Quando uma criança pequena, que ainda não iniciou sua alfabetização, observa e imita um adulto a escrever, ela se apropriará do uso e das funções da escrita e estará “promovendo o desenvolvimento das funções psicológicas que permitirão o domínio da escrita” (Rego, 2008, p.111)

Outro dado interessante revelado pela pesquisa mostra que, no abrigo, não há muitos momentos em que mães e crianças brinquem juntas, ou realizem outras atividades como cantar ou contar histórias. Atividades como essas foram observadas somente quando outras pessoas visitam as casas, como no exemplo da evangelização dominical e em algumas visitas de voluntários da comunidade que brincam com os abrigados, mas as mães sociais que tem contato direto com elas, não brincam.

De acordo com Vectore (2003), o brinquedo e as brincadeiras podem ser um importante recurso mediacional que o educador pode utilizar em diversas situações cotidianas. Vygotsky (1989) ressalta a importância do brinquedo e da brincadeira no desenvolvimento da criança pequena, ao pontuar que, quando a criança utiliza estes recursos, passa a representar uma realidade que estava ausente, podendo representar possibilidades de solução de algum problema, tanto pela necessidade de agir que a criança apresenta como pela impossibilidade de realizar algumas operações que essas ações exigem. Sendo assim, por meio do brinquedo, a criança pode projetar-se nas atividades dos adultos, procurando ser coerente com os papéis assumidos, utilizando sua imaginação.

A criança utiliza situações ilusórias para satisfazer desejos, significar o seu contexto; ela brinca pela necessidade de agir frente ao mundo mais amplo que a cerca, abstraindo características de objetos e situações reais como, por exemplo, um cabo de vassoura se transforma em um cavalo, recortes de papéis, em dinheiro.



Nas brincadeiras, a criança utiliza a imitação e, com esse recurso, internaliza regras de conduta, valores, modos de agir e pensar de seu grupo social, que passam a orientar o seu próprio comportamento e desenvolvimento cognitivo (Rego, 2008).

Principalmente na Casa 4, foram observados muitos brinquedos novos, grande parte exposta nas prateleiras da copa, mas crianças não brincavam com eles, de vez em quando elas brincavam com alguns brinquedos velhos que ficavam em uma caixa na lavanderia.

Nas observações e em algumas filmagens, as crianças brincam com pedaços de brinquedos, ou com outros tipos de materiais como linhas, tampinhas de garrafa, denotando que, com a brincadeira, a criança começa a perceber que o objeto pode ser o que ela gostaria que fosse e não o que ele é realmente. Para a criança, brincar é algo sério e importante para o seu desenvolvimento: é a partir dele que a criança “cria novas relações entre situações no pensamento e situações reais” (Bomtempo, 2001, p. 62).

Entretanto, no abrigo, como as mães não utilizam a brincadeira como recurso mediacional em suas interações com as crianças, essa medição é praticamente nula, e deve ser estimulada, pois a brincadeira não deveria ser entendida como uma atividade secundária ou apenas um passatempo para as crianças, ao contrário deveria ser valorizada, principalmente na idade pré-escolar, por sua importância frente ao desenvolvimento e aprendizagem.

Considerando a importância do brincar para o desenvolvimento global da criança, parece ser bastante preocupante essa falta de atividade para os pequenos. Leontiev (2006) mostrou que o brincar constitui a principal atividade da criança, portanto acredita-se que deve ser priorizado nas interações da mãe social junto à criança. Entretanto, a pouca disponibilidade delas para brincadeiras pode ser devido às regras próprias da instituição e a falta de incentivo a esta prática, ou ainda pela própria constituição pessoal de cada mãe social, de acordo com suas experiências pessoais, cabe ressaltar que podem existir nos abrigos concepções diferenciadas entre mães sociais e educadores sociais, sendo as primeiras

responsáveis apenas pelos cuidados como alimentação, higiene e os segundos, responsáveis por atividades com conteúdo pedagógico, além de brincadeiras. Assim, o equívoco de tais concepções contribui para que atividades cotidianas, como banho e alimentação, não sejam devidamente mediadas e se percam oportunidades de desenvolvimento e aprendizagem da criança. A própria constituição das mães sociais e os exemplos que tiveram, são algumas vezes reproduzidos no cuidado com as crianças.

Em relação ao critério de *Mediação de significado*, ele foi observado principalmente, em duas mães sociais. Esse critério envolve, nos abrigos, preocupação das mães sociais em fornecer significações às ações e experiências vivenciadas pelas crianças. Essas significações podem refletir reproduções e modos culturalmente adquiridos por elas, como da fala: “*escova o dente só quando escurece e quando você tá levantando de amanhecer o dia*”.

Méier e Garcia (2007) explicam que, ao ensinar um conceito, um valor, ou simplesmente a maneira de fazer algo, o cuidador, além de explicar o conceito em si, redimensiona-o para o interior de uma estrutura de crenças e valores que são produzidos por um determinado grupo social. A criança, ao compartilhar de significados em comum, que são subjetivos, integra-se paulatinamente ao seu grupo cultural.

A *Focalização* foi menos utilizada dentre os comportamentos mediacionais, nas observações das interações entre as mães sociais e as crianças. É interessante observar que se trata de um primeiro critério, que deve necessariamente estar presente, quando se deseja ensinar algo à criança, ou se queira garantir a sua atenção. Assim, a Focalização foi observada, com maior frequência, na evangelização dominical, atividade na qual se pretende transmitir alguns conceitos ou valores, mas, no dia a dia institucional, as mães sociais parecem não priorizar a importância desse critério em seus contatos com as crianças.

No que diz respeito ao critério mediacional relativo à *Recompensa*, observou-se que ele pouco aparece nas interações entre mães sociais e crianças. Embora tenha sido possível

documentar situações em que surgiram alguns elogios, eles pareceram ter sido expressos de modo mecânico, sem a intenção de fomentar sentimentos de competência junto à criança. Para haver recompensa, é importante que a mãe social interprete para as crianças o significado de seu sucesso, explicitando as suas conquistas e capacidades.

Um dado alarmante refere-se ao fato de que, em vinte momentos diferentes, perfazendo duzentos minutos de filmagens, o critério mediacional denominado *Expansão*, apareceu uma única vez, observado em uma atividade dirigida, durante a evangelização dominical, em que a cuidadora expande a situação contada na história para o presente das crianças. A expansão é um importante critério mediacional, pois permite que a criança realize relações espaciais e temporais, ampliando e diversificando seu sistema de necessidades, obtendo melhor compreensão do mundo. Além disso, possibilita a aquisição de princípios, conceitos ou estratégias que possam ser generalizadas para outras situações, permitindo às crianças “superar uma visão episódica da realidade” (Souza *et. al.*, 2004, p.47).

O intuito da presente pesquisa foi em conhecer o perfil mediacional das mães sociais, que se constitui como primeira etapa para possibilitar uma intervenção mediacional, nos moldes do programa MISC, conforme sugerem Klein e Hudeide (1989). A título de exemplo, a implementação do referido programa poderia considerar os aspectos relacionados a seguir.

Klein e Hudeide (1989) sugerem que, para aumentar a qualidade da mediação, nas ações cotidianas, como, por exemplo, na hora da alimentação, o cuidador deve focalizar a atenção da criança na comida, podendo apontar os tipos de comida antes de misturá-la (ex: arroz, vegetais, carne), deixando a criança atenta às percepções de todos os seus sentidos. É importante deixar a criança experimentar a comida, tocá-la, cheirá-la e, nessa oportunidade, conversar com a criança, contar para ela o que ela está experimentando, tocando ou cheirando, fornecendo significado por meio de nomeação das coisas que estão no prato e de suas qualidades: macio, duro, quente, frio, sedoso, pequeno, grande etc.

Tanto nas observações como nas filmagens realizadas durante as refeições no abrigo, observaram-se poucas interações entre cuidadoras e crianças; a crença de que a hora da alimentação é para se ficar quieto, perdem-se momentos importantes de desenvolvimento da criança, que tem na alimentação um dos únicos momentos de interação com as mães sociais.

Para Klein e Hudeide (1989), é importante que o cuidador expresse sua própria excitação e gosto pela comida, como, por exemplo: “Oh, eu adoro ervilhas”, “Eu adoro o cheiro dos tomates”. A mãe também deve expandir as situações, indo além da experiência imediata. “— Sim, está quente, eu cozinhei em água quente para que ficasse macio” (apontando a relação de causa e efeito). “Olhe, é assim que é o arroz antes de ser cozido”, (apontando a relação de sequência, antes e depois). “O abacaxi é doce, a banana é doce, mas o peixe é salgado” (apontando a comparação e o contraste).

Ao elogiar a criança, a cuidadora medeia o sentimento de competência, podendo ser exemplificada como: “sim, muito bem, você colocou o arroz na boca e nada caiu na mesa”, “você quase terminou toda sua comida”, “você pode segurar tudo sozinho agora”. A regulação de comportamento faz-se necessária, porque é a partir dela que a cuidadora orientará a criança a planejar sua ação: “Vamos experimentar o macarrão primeiro, eles são macios e não estão muito quentes, e depois você pode comer a carne que ainda está quente”, ou, “Misture esses dois assim não ficará tão seco”, “Coma devagar, devagar”, ou “Mastigue mais, assim será mais fácil engolir, pois ficará mais macio... como este”.

Já a hora do banho, que faz parte da rotina institucional, em que mães e crianças estão interagindo, pode vir a ser um importante momento de mediações e desenvolvimento para as crianças. Nesse sentido, Klein e Hudeide (1989) sugerem que a cuidadora focalize a atenção da criança nos vários componentes da situação, ex: o banho, água, as bolhas, a toalha, etc. A mediação de significado pode ocorrer por meio da nomeação dos objetos e partes deles.

Compartilhe experiências com a criança “Hum! cheira tão gostoso”, “A água dá uma sensação tão quentinha e confortável”, “Esta toalha é tão bonita, tem desenhos tão bonitos”.

Em relação ao critério mediacional referente à expansão a cuidadora pode introduzir associações de experiências do passado, como: “Esse sabonete cheira igual a flor”, “Lembra daquela vez que você não segurou na banheira e escorregou na água?”, “ Nós temos que lavar bem as mãos, você encostou em todos aqueles postes sujos na rua”. Pode-se, ainda, fazer conexões com o futuro, “Logo nós tiraremos você daí e enxugaremos na toalha macia”. ou deixar a água pingar dentro da banheira e comentar: “Veja, aqui está chovendo”; “Olhe quantas cores diferentes as bolhas do sabonete têm, vermelho, verde, amarelo, roxo...o que mais é vermelho? E verde? Existem alguns bem pequenos como esse, e grande como esses...” (Klein & Hudeide, 1989).

Em relação à mediação do sentimento de competência, Klein e Hudeide sugerem algumas formas de elogiar a criança: “Muito bom, você está segurando para não cair”, “Você sabe como não deixar que o sabonete caísse na água”. “Muito bem, você fez desse prato um barco”. “Bom, você lavou seu rosto muito bem, agora está limpo”.

Para o critério de regulação de comportamento durante o banho, a cuidadora pode mediar a criança: “Olhe, aqui primeiro lavamos seus braços, depois suas mão e dedos... se não seus dedos ficarão sujos quando lavarmos seus braços”. “Vamos tirar sua roupa, nós temos que desabotoar sua camisa antes de tentarmos retirá-la, se não, não sairá”. “Tente lavar seus pés, assim.... mais forte, a sujeira não sairá se você fizer fraco”(Klein & Hudeide, 1989).

Há inúmeras possibilidades de mediação, a partir de objetos e situações comuns do cotidiano, e que podem proporcionar oportunidade de um grande número de experiências de aprendizagem mediada. Assim, situações que, em parte, constituem obrigações comuns no cotidiano de cuidadores, podem fomentar a mediação, o que pode ser feito sem se ter uma demanda adicional de tempo ou de equipamentos especiais (Klein & Hudeide, 1989).

De acordo com Meier e Garcia (2007), mediar remete a possibilitar e potencializar a construção do conhecimento pela criança; o mediador se encontra intencionalmente entre o objeto de conhecimento e o mediado, de modo “a modificar, alterar, organizar, enfatizar, transformar os estímulos, a fim de que o mediado construa sua própria aprendizagem e aprenda por si só” (Meier & Garcia, 2007, p.72).

No abrigo pesquisado, posturas não mediadas das mães sociais necessitam ser revistas, integradas e contextualizadas, ressaltando que tanto as experiências mediadas como as aprendizagens por meio da exposição direta são importantes para a construção do pensamento reflexivo, da flexibilidade e para o funcionamento mental, ou seja, as mães sociais, não precisam agir somente como mediadoras, expor as crianças apenas a estímulos mediados, mas também devem atuar como fonte de informações e de tarefas, entre outros, que permitam à criança “desenvolver sua própria autonomia na busca da aprendizagem e de conhecimento de forma independente” (Meier & Garcia, 2007, p.74).

Vale também apontar que situações como contar histórias constituem importantes momentos para se introduzir a aprendizagem mediada. Nesse sentido, Carvalho (2008) observou que a prática de contar histórias é, praticamente, inexistente no abrigo, uma vez que se priorizam filmes e desenhos e que, quando o adulto conta histórias, vai fornecendo informações para que as crianças, criem e recriem sua realidade, significando ações e formas de expressão, o que é considerado essencial para o desenvolvimento infantil.

Kishimoto, Santos e Basílio (2007) atribuem a narrativa como algo que dá sentido ao mundo, sendo essencial sua inclusão no cotidiano infantil, uma vez que ela está presente na conversação, no contar e recontar histórias, na expressão gestual e plástica e nas ações que resultam da integração das várias linguagens. Desse modo, os contos de fadas oferecem outros mundos, outras possibilidades para a criança e é a partir disto que a criança se enriquece e

promove seu crescimento. É necessário pontuar que os contos infantis, além de serem um modo de pensamento, são também um veículo de produção de significado.

Desse modo, o estabelecimento do perfil de cada mãe social estudada é o passo inicial, na proposição de medidas que possam efetivamente orientar as suas práticas e, assim, contribuir com a sua formação. É interessante que a mãe social realmente compreenda a importância de sua função junto às crianças e que transforme cada contato, como uma oportunidade de aprendizagem e desenvolvimento. Contudo, deve-se deixar claro, que essa perspectiva não envolve apenas um querer da mãe social, mas requer o acompanhamento, a parceria, enfim o apoio tanto dos profissionais atuantes na instituição, quanto de especialistas, que podem, por meio de treinamentos contínuos, empreender programas de formação até a obtenção do reconhecimento no âmbito de políticas públicas consistentes, que garantam melhores condições de trabalho a tais profissionais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Ó vida futura nós te criaremos”  
(Carlos Drummond de Andrade)*

Conhecer o perfil mediacional da mãe social torna-se pertinente, haja vista a sua importância na vida das crianças em situação de risco. Por outro lado, identificar e trabalhar com as suas potencialidades deve ser o objetivo dos gestores e de todos os profissionais ligados direta ou indiretamente a tais contextos.

As experiências de aprendizagens mediadas podem determinar o desenvolvimento cognitivo das crianças e quanto mais amplas sejam essas experiências e mais precocemente forem efetivadas, maior será a capacidade do indivíduo para usar e ser afetado pela exposição direta ao estímulo (Feuerstein, 1980).

O presente trabalho também pretendeu contribuir para a discussão acerca do abrigo como importante contexto de desenvolvimento e da importância da formação continuada de seus profissionais, lançando algumas luzes em relação à questão do abrigamento, que aflige um significativo contingente de crianças e de suas famílias.

Esta pesquisa mostrou que há uma grande dificuldade na constituição de ser mãe social, por parte dessas cuidadoras, de modo que, para os gestores, parece que o fato de a funcionária saber organizar uma casa, cuidar da comida e das roupas das crianças é suficiente, mas, na verdade por trás da função prosaica, um grande número de variáveis gravita no universo dessas mães, como, por exemplo, as dificuldades em estabelecer vínculos que podem ser rompidos a qualquer instante e, ao mesmo tempo, da premência em se construir tais vínculos, haja vista a sua importância para a criança que está sob os seus cuidados.

Nesse sentido, refletir sobre a identidade profissional e pessoal das mães sociais significa analisar o próprio processo de construção social de cada uma e a construção de vínculos implica estabelecer relações permeadas pelo afeto. Na fala de uma mãe, isso fica claro: *“a gente se apega com eles, e eles se apegam com a gente”*. Isso acarreta a necessidade



de troca afetiva da própria mãe. Destaca-se, entretanto, que o vínculo é de extrema importância para o pleno desenvolvimento da criança e o seu estabelecimento acontece também com outras pessoas que não sejam necessariamente a figura materna, enfatizando a importância da mãe social para os abrigados.

No entanto, a instituição abrigo tem como característica de seu contexto a possibilidade iminente de separação entre as crianças e as mães sociais, o que já trouxe sofrimentos para algumas cuidadoras, visíveis nas falas de Maria “ *as crianças que foram adotadas, nossa a gente sente, eu já sofri demais com adoção de crianças*”; o constante medo de se envolver afetivamente e seguir o rompimento, a perda de contato com a criança e sofrer por essa ausência ficaram muito evidentes. Com isso, fica um misto de sentimentos de desejo de que a criança seja adotada e tenha uma família em contraste com o sofrimento que isso pode acarretar “ *Aí, o juiz falou que a culpada disso somos nós, porque aqui tem que separar amor, carinho, vínculo, trabalho, nós somos funcionárias ... então a culpa do vínculo é nossa ... então deveria ser feito um trabalho aqui dentro.*”

Na rotina institucional, é possível constatar que, quando a criança é adotada, essa situação não é bem trabalhada entre mães sociais e crianças, acontecendo, muitas vezes, abruptamente, pois essas cuidadoras não têm conhecimento dos trâmites legais que envolvem a situação da criança que estão sob sua responsabilidade.

Ainda parece obscuro para as mães sociais qual seria realmente a sua função, embora elas tenham referenciado o papel de cuidadora das crianças; esse cuidado que permeia as interações entre elas e as crianças está envolto pelo sentido do olhar, que é predominantemente vigilante e disciplinador, como foi observado nas intervenções que geralmente ocorrem em momentos de conflitos entre as crianças, ou quando havia a necessidade de chamar a atenção delas, por algo que não deveriam fazer, ou falar.

A mãe social pertence a um determinado grupo profissional, que tem como função principal o da reprodução do grupo familiar e das interações que acontecem nele. Essas profissionais, além de se responsabilizarem pelo desenvolvimento e pela garantia dos direitos das crianças que estão sob seus cuidados, compartilham sua vida e residência com elas 24 horas por dia, seis dias na semana, em um regime de trabalho diferenciado dos demais tipos de acolhimento institucional. Isso implica um convívio diferenciado, sendo a Casa Lar a moradia permanente da mãe social, onde são compartilhados todos os momentos da vida de seus moradores, num constante processo interacional. Compreender essa dinâmica de relações se faz necessário no entendimento das contradições e dificuldades desses profissionais no cotidiano de seu trabalho.

De acordo com as determinações legais para o Acolhimento Institucional de crianças, os relacionamentos devem apresentar o caráter temporário, visando à restituição dos vínculos familiares quando possível; quando isso não acontece, as crianças devem constituir novos vínculos por meio da colocação em família substituta. Isso implica a conscientização de que profissionais que atuam no cuidado direto das crianças, como as mães sociais, não estão no papel de mães permanentes, entretanto isso não exclui o comprometimento que elas têm de cuidar e de se responsabilizar pelo desenvolvimento e a garantia dos direitos infantil, o que abrange envolver-se afetivamente.

Diante do exposto, fica evidente a necessidade de a instituição abrigo promover espaços para que a mãe social possa refletir criticamente sobre seu trabalho cotidiano, articulando a identidade dessas profissionais com sua história de vida, uma vez que a constituição histórica e social dessas cuidadoras se mostra presente nas interações estabelecidas com as crianças. Por exemplo Ana, que tem um histórico de abrigamento, ao relatar suas experiências reforça que isso a auxilia a compreender os problemas vivenciados pelos pequenos.

Com isso, a instituição abrigo possibilita que esses profissionais exerçam o papel de educadores, compreendendo as especificidades do seu trabalho e lidando com situações rotineiras que envolvem tanto o fortalecimento de vínculos, como as mediações efetivas para o desenvolvimento infantil. Embora tenham sido criadas para ter um caráter temporário, as instituições abrigos, muitas vezes, representam a única alternativa de sobrevivência para a criança, que tem nesses espaços a única oportunidade de se constituir como pessoa. Assim, grandes esforços devem ser empreendidos, no sentido de haver instituições de qualidade, capazes de cuidar e de educar para a convivência em uma sociedade plural, dinâmica e exigente. Não se pode negar a essas crianças o direito de transitarem nos espaços sociais e terem garantidos todos os direitos que a Constituição reserva aos seus cidadãos.

Conhecer o perfil mediacional da mãe social e garantir que haja possibilidades de implementação de trabalhos que possam otimizar o desenvolvimento infantil, por meio do trabalho de formação dessas profissionais, constitui em um desafio que deve ser enfrentado por todos os setores da sociedade direta ou indiretamente envolvidos com a questão da infância de risco.

Adentrar cada uma das casas onde essas mães sociais trabalham possibilitou acompanhar o grande desamparo dessas profissionais, que, por não serem capacitadas, por não terem nenhuma expectativa acerca das funções que desempenham, oferecem interações medíocres, empobrecidas nos seus contatos com as crianças. Há poucos momentos de falas compartilhadas, de brincadeiras conjuntas e de vínculos estabelecidos.

Embora haja uma vontade constante das próprias mães sociais de oferecer o melhor para as crianças que estão sob sua responsabilidade, a identidade profissional dessas mães permanece inserida em um contexto em que o conhecimento e o saber se fazem distantes da sua prática, embora ele seja importante para a realização do seu trabalho. Isso significa que ainda existe a crença de que, para cuidar de crianças, não há necessidade de escolarização

sendo algo “naturalizado” e facilmente aprendido pelas mulheres, uma vez que esse saber profissional se constrói a partir das situações cotidianas, o que condiz com uma das características destas participantes da pesquisa; a falta de oportunidades de estudo.

Pesquisas destacam a necessidade de capacitação e de treinamento dos funcionários que atuam no cuidado direto de crianças abrigadas, como monitores, educadores, mães sociais (Vectore, 2005; Souza 2006, Cavalcante *et.al.*, 2007b, Prada 2007, Carvalho, 2008, Lima 2009, Salina, 2007). No entanto, pouco é feito e as instituições abrigos continuam sem exigir a formação desses profissionais que, muitas vezes, são mal remunerados e permanece a problemática relativa à alta rotatividade de funcionários e à dificuldade de estabelecimento de vínculos e mediações entre cuidadoras e crianças, confirmando o descaso dos programas de acolhimento institucional. Muitas vezes, a própria instituição abrigo impede que sejam realizados trabalhos de pesquisa e de intervenção, o que dificulta ainda mais a melhoria desses contextos tão importantes para o desenvolvimento das crianças que deles precisam.

Os dados recolhidos e analisados permitem verificar que, no contexto da instituição abrigo, há muitos fatores que devem ser considerados como os procedimentos legais, a vulnerabilidade familiar das crianças atendidas, as histórias de privações e de violência dessas crianças, as suas necessidades básicas de desenvolvimento, entre outros, depreendendo-se a necessidade de novos estudos, de modo que a complexa temática de interação/formação de vínculos em contextos coletivos e instáveis que envolvem o abrigamento seja melhor compreendida e que se possam nortear políticas públicas visando ao atendimento da criança em situação de risco.

Este trabalho intensifica a necessidade de formação desses profissionais e revela que as próprias mães percebem a importância de capacitação e de aprimoramento para lidar com situações diárias. Dessa forma, vale pontuar que a formação dessas cuidadoras não deve ocorrer como uma mera transmissão e/ou acúmulo de conhecimentos, mas, sim, com vistas a

resgatar e a valorizar o que elas já fazem e, assim, com base em sua prática cotidiana, pontuar as necessidades de mudança nas interações com as crianças, a fim de que elas promovam mediações que auxiliem no desenvolvimento futuro dos abrigados. Deve-se, também, oferecer um suporte para os sentimentos que afloram nessas interações, por se tratar de um contexto peculiar de desenvolvimento que merece atenção diferenciada.

É necessário, sobretudo, trabalhar as crenças e os valores dessas mães sociais, a fim de romper com estigmas que possam prejudicar seu trabalho, como a própria condição de abrigo infantil, ou, ainda, possíveis ditos taxativos referentes às famílias dos abrigados. Com isso, será possível um melhor entendimento da condição de desenvolvimento das crianças que estão sob seus cuidados, por meio da realização de mudanças que envolvem a formação profissional e o real papel que essas cuidadoras têm sobre as crianças. Portanto faz-se necessário um espaço de interlocução e de reflexão sobre o trabalho desenvolvido pelas mães sociais, o que também é responsabilidade de todos os envolvidos no sistema de garantia dos direitos da criança e do adolescente e envolvem toda a comunidade.

Finalmente, esta pesquisa se torna o início de um trabalho ainda maior de intervenção junto à instituição abrigo, em que, a partir do perfil mediacional das mães sociais, é proposto um treinamento e um acompanhamento para essas mães, por meio de novas aprendizagens. Assim, elas podem vir a ser excelentes mediadoras, alcançando a qualidade dos critérios mediacionais durante as interações com as crianças e podem, ainda, planejar momentos de brincadeiras, de história, músicas e danças rotinas institucionais.

## REFERÊNCIAS

- Aldeias Infantis (2009) <http://www.aldeiasinfantis.org.br>
- Alvarenga, V. C.; Vectore, C. (2005) **Avaliando a mediação: construção de duas escalas para a avaliação de pais e educadores infantis**. Disponível em: <http://www.propp.ufu.br/revistaeletronica/edicao2005/humanas2005/avaliando.PDF>. Acessado em 06/07/2008.
- Ariès, P. (1981) **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Azôr, A. M. G. C. V.; Vectore, C. (2008) Abrigar/desabrigar: conhecendo o papel da família nesse processo. **Estudos em Psicologia**, Campinas, 25 (1) 77 – 89.
- Bandinter, E. (1985) **O amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bardin, L. (2008) **Análise de conteúdo**. Portugal, Lisboa: Edições 70.
- Bee, H. (2003) **A criança e em desenvolvimento**. Porto Alegre, 9. ed.: Artmed.
- Bogdan, R; Biklen, S. (1994) **Investigação qualitativa em Educação**. Porto, Portugal: Porto.
- Bomtempo, E. (2001) A brincadeira de faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação, da imaginação. In Kishimoto, T.M. (org.) **Jogo, brinquedo e brincadeira na Educação**, 5. ed., São Paulo: Cortez.
- Bowlby, J. (1998) **Apego e perda: separação, angústia e raiva**. São Paulo: Martins Fontes.
- Brasil. (1987) **Lei nº 7.644, de 18 de dezembro de 1987**. Dispõe sobre a Regulamentação da Atividade de Mãe Social e dá outras Providências. Brasília – D.
- \_\_\_\_\_. (1998) **Constituição da República Federativa do Brasil: 1988 – texto constitucional de 5 de outubro de 1988 com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais n. 1/92 a 19/98 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão n. 1 a 6/94**. 10 ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações.
- \_\_\_\_\_. (1990) **Lei n. 8069/90. Estatuto da criança e do adolescente**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília - DF: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos.
- \_\_\_\_\_. (2006) **Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária**. Brasília - DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Secretaria Especial dos Direitos Humanos.
- Bronfenbrenner, U. (1996) **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U.; MORRIS, P. A. (1998) The ecology of developmental processes. In: BAMON, W.; LERNER, R. M. (orgs.) **Handbooks of child psychology** (pp. 993-1028) Vol. 1 Theoretical models of human development. New York: John Wiley.
- Carvalho, C. (2008) **Um olhar sobre o abrigo: A importância das histórias infantis em contexto de abrigo**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, MG.
- Cavalcante, L. I. C.; Magalhães, C. M. C.; Pontes, F. A. R. (2007a) Abrigo para crianças de 0 a 6 anos: um olhar sobre as diferentes concepções e suas interfaces. **Revista mal-estar e subjetividade**, Fortaleza, vol.7, nº 2, p. 329-352.

\_\_\_\_\_. (2007b) Instituição precoce e prolongada de crianças: discutindo aspectos decisivos para o desenvolvimento. **Aletheia** nº 25, p. 20-34.

Cruz, S. B. (2007) **A Teoria da Modificabilidade Cognitiva Estrutural de Feuerstein aplicada ao Programa de Enriquecimento Instrumental (PEI) em estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental**. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Feuerstein, R. (1980) **Instrumental enrichment: re development of cognitive performance of retarded performers**. New York: University Park Press.

\_\_\_\_\_. (1997) **Early Detection: Blessing or Curse**. Disponível em: [http://www.icelp.org/asp/Aspects\\_of\\_Mediated\\_Learning\\_Experience.shtm](http://www.icelp.org/asp/Aspects_of_Mediated_Learning_Experience.shtm). Acessado em 10/02/2010.

Fonseca, C. (2004) Olhares antropológicos sobre a família contemporânea. In Althpff, C.; Elsen, I. e Nitschke, R. (Orgs.), **Pesquisando a família: olhares contemporâneos**. Florianópolis: Papa-Livro.

Franco, A. A. P. A. (2004) **Família acolhedora na Comarca de Franca: análise crítica do processo de implantação**. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, Franca, SP.

Frota; A. M. M. C. (2007) Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para a sua construção. **Estudos de Pesquisa em Psicologia**: UERJ, RJ, vol. 7, nº1.

Golin, G. (2010) **A interação entre a criança abrigada e seu cuidador: o vínculo na institucionalização**. Dissertação de Mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo – RS.

Hudeide, K. (2003) **An Introduction to the ICDP Programme**. (On Line). Disponível em: [www.ed.psu.edu/](http://www.ed.psu.edu/) Acesso em : 15/01/2009.

Icelp (2010) **The International Center for the Enhancement of Learning Potential**. Disponível em: <http://www.icelp.org/asp/main.asp>. Acesso em: 04/01/2010.

Kishimoto, T. M.; Santos, M. L. R.; Basílio, D. R. (2007) Narrativas infantis: um estudo de caso em um instituição infantil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 33, n.3, p. 427-444.

Klein, P. S. (1996) **Early intervention: Cross-cultural experiences with a mediational approach**. New York: Garland Publishers.

\_\_\_\_\_. (2000) A developmental mediation approach to early intervention; mediational intervention for sensitizing caregivers (MISC). **Educational and Child Psychology**. Vol. 17 (3), p. 19 – 31.

\_\_\_\_\_. (2006) The Literacy of Interaction: are infants and young children receiving a “Mental Diet” conducive for future learning? **The Journal of Development Process**. Vol. 1, p. 123 – 137.

Klein, P.S.; Wieder, S. (1995) Mediated Learning, Developmental Level, and Individual Differences: Guides for observation and intervention. In: EGGBEER L.; FENICHEL E. **Educating e supporting the infant/family work force: model, methods and materials**. Disponível em:

[http://www.eric.ed.gov/ERICDocs/data/ericdocs2sql/content\\_storage\\_01/0000019b/80/13/b0/b7.pdf](http://www.eric.ed.gov/ERICDocs/data/ericdocs2sql/content_storage_01/0000019b/80/13/b0/b7.pdf). Acesso em 30/11/2008.

Klein, P. S.; Hudeide, K. (1989) **Training Manual for de MISC (More Intelligent and Sensitive Child) program**. Sri Lanka: UNICEF.

- Leontiev, A. N. (2006) Os princípios pedagógicos da brincadeira pré-escolar. In: Vigotskii, L.S. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Ícone.
- Lima, A. O. M. N. (2009) **“Ser mãe eu sei, o que agora falta é social”**: sobre o processo de constituição da identidade profissional no Acolhimento Institucional de Crianças. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – MG.
- Marcílio, M. L. (1998) **História social da criança abandonada**. São Paulo: Hucitec.
- \_\_\_\_\_. (2001) A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil. 1726 – 1950. In: Freitas, M. C. (Org.), **História Social da Infância no Brasil**: 4. ed, São Paulo: Cortez.
- Maricondi, M. A. (Org.) (1997) **Falando de abrigo**: cinco anos de experiência do Projeto Casas de Convivência. São Paulo: FEBEM.
- Méier, M.; Garcia, S. (2007) **Mediação da aprendizagem: contribuições de Feuerstein e Vygotsky**. Curitiba – PR: Edição do autor.
- Mesquita, W. A.; Sierra, V. M. (2006) Vulnerabilidades e fatores de risco na vida de crianças e de adolescentes. **Perspectiva**, São Paulo, Fundação Seade, v. 20, n. 1, p. 148-155. Disponível em: <http://www.seade.gov.br>.
- Moura, W. (2008) **O possível e o extraordinário: parto anônimo**. Disponível em: <http://diasimdiatambem.wordpress.com/2008/02/25/parto-anonimo/>. Acesso em: 18/04/2009.
- Negrão, A. M. M. (2002) **Infância, Educação e direitos sociais**: Asilo de Órfãs (1870-1960). Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas – SP.
- Nogueira, P. C.; Costa, L. F. (2005) Mãe social: profissão? Função materna? **Estilos Clínicos**. vol. 10, nº 19, 162-181.
- Oriente, I. (2004) **Abandono e institucionalização de crianças significados e sentidos**. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Goiás. Goiânia – GO.
- Oliveira, M.K. (1997) **Vygotsky: aprendizagem e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. 4. ed., São Paulo: Editora Sipiõne.
- Oliveira-Formozinho, J.; Souza, Z.; Araújo, S. B. (2004) A criança institucionalizada. In J. Oliveira-Formozinho (Org.), **A criança na sociedade contemporânea** (p. 199-232). Lisboa: Universidade Aberta.
- Oliveira-Formozinho (Org.) (2008) **A escola vista pelas crianças**. Porto, Portugal: Porto Editora.
- Pascal, C. ; Bertram, T. (1999) **Desenvolvendo a qualidade em parcerias: Nove estudos de caso**. Porto, Portugal: Porto Editora.
- Prada, C. G. (2007) **Avaliação de um programa de práticas educativas para monitores de um abrigo**. Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP.
- Ramos, F. P. (2000) A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI. In: Del Priore, Mary (Org.) **História das crianças no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto.
- Rego, T. C (2008) **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da Educação**. São Paulo: Vozes.



Rizzini, I.(1993) **Assistência à infância no Brasil**. Uma análise de sua construção. Rio de Janeiro: Santa Úrsula.

Rizzini, I.; Rizzini, I.(2004) **A Institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente**. São Paulo: Loyola.

Sá, I. G. (1992) A circulação de crianças na Europa Meridional do Século XVIII: o exemplo da “Casa de Roda” do Porto. **Boletín de la Asociación de Demografía Histórica**, X3, p. 115-153.

Salina, A.(2007) **O abrigo como fator de risco e proteção indicadores e avaliação institucional**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos – SP.

Santana, J. P.(2003) **Instituições de atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua: objetivos atribuídos por seus dirigentes e pelos jovens assistidos**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS.

Santos, S. D. M. (2006) **Filhos da Lua: a ausência de relações sociais de reconhecimento em crianças que vivem em instituições de atendimento à infância**. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas – SP.

Silva, E. R. A. (Org.) (2004) **O direito a convivência familiar e comunitária: os abrigos pra a criança e adolescente no Brasil**. Brasília: IPEA/CONANDA.

Silva, M. C. (2006) **Feuerstein e a Teoria da Modificabilidade Cognitiva**. Disponível em [www.psicologia.com.pt](http://www.psicologia.com.pt). Acesso em 14/12/2009.

Siqueira, A. C.; Dell’Aglío, D. D. (2006) O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão de literatura. **Psicologia & Sociedade**. Vol.18 nº1 Porto Alegre.

Souza, A. R. R. (2006) **Abrigar...brincar um estudo sobre as vivências lúdicas entre educadoras e crianças de um abrigo**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia – MG.

Souza, A. M. M.; Depresbiteris, L.; Machado, O. T. M.(2004) **A mediação como princípio educacional: bases teóricas da abordagem de Reuven Feuerstein**. São Paulo, SP: Editora Senac.

Spitz, R. A.(1979) **O Primeiro Ano de Vida da Criança**. São Paulo:Martins Fontes.

UNICEF (2005)Relatório da situação mundial da infância. (On Line). Disponível em: <http://www.unicef.pt/docs/smi2005.pdf>. Acesso em 20/02/2009.

UNICEF(2008) Relatório da situação mundial da infância. (On Line). Disponível em: [http://www.unicef.org/brazil/pt/sowc2008\\_br.pdf](http://www.unicef.org/brazil/pt/sowc2008_br.pdf) Acesso em 20/02/2009.

Vectore, C. (2003) O brincar e a intervenção mediacional na formação continuada de professores de Educação infantil. **Psicologia USP**, 14 (3), 105-131.

\_\_\_\_\_. (2005) Estratégias Mediacionais: possibilidades de inserção do psicólogo escolar/educacional em abrigos In: Martinez, A.M. (Org.), **Psicologia escolar e compromisso social: novos discursos, novas práticas**. Campinas – SP; Editora Alínea.

Vectore, C.; CARVALHO, C. (2008) Um olhar sobre o abrigo: a importância dos vínculos em contexto de abrigo. **Psicologia Escolar e Educacional**, vol.12, nº.2, p.441-449.

Venâncio, R. P. (1999) **Famílias abandonadas: assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – séculos XVIII e XIX**. Campinas, SP: Papirus.

Vygotsky, L. S.(1989) **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes.

\_\_\_\_\_. (1998) **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes.

Yunes, M. A. M; Miranda, A. T.; Cuello, S. E. S. (2004) Um olhar ecológico para os riscos e as oportunidades de desenvolvimento de criança e adolescentes institucionalizados. In: Koller, S. (Org.), **Ecologia do Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

## ANEXO 1 – Comitê de Ética em Pesquisa



Universidade Federal de Uberlândia  
 Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
 COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP  
 Avenida João Naves de Ávila, nº. 2160 - Bloco J - Campus Santa Mônica - Uberlândia-MG –  
 CEP 38400-089 - FONE/FAX (34) 3239-4531/4173; e-mail: cep@propp.ufu.br;  
[www.comissoes.propp.ufu.br](http://www.comissoes.propp.ufu.br)

ANÁLISE FINAL Nº. 101/09 DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA PARA O PROTOCOLO REGISTRO  
 CEP/UFU 345/08

Projeto Pesquisa: Desvelando as interações em abrigos : Um estudo exploratório para a elaboração e avaliação de uma proposta de intervenção mediacional junto às educadoras.

Pesquisador Responsável: Célia Vectore

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 196/96, o CEP manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

O protocolo não apresenta problemas de ética nas condutas de pesquisa com seres humanos, nos limites da redação e da metodologia apresentadas.

O CEP/UFU lembra que:

- a- segundo a Resolução 196/96, o pesquisador deverá arquivar por 5 anos o relatório da pesquisa e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, assinados pelo sujeito de pesquisa.
- b- poderá, por escolha aleatória, visitar o pesquisador para conferência do relatório e documentação pertinente ao projeto.
- c- a aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/UFU dá-se em decorrência do atendimento a Resolução 196/96/CNS, não implicando na qualidade científica do mesmo.

SITUAÇÃO: PROTOCOLO DE PESQUISA APROVADO.

O CEP/UFU LEMBRA QUE QUALQUER MUDANÇA NO PROTOCOLO DEVE SER INFORMADA IMEDIATAMENTE AO CEP PARA FINS DE ANÁLISE E APROVAÇÃO DA MESMA. ADEMAIS, O PRAZO PARA RESPOSTA DE PEDÊNCIAS É DE 60 DIAS CONTADOS DA DATA DE EXPEDIÇÃO DO PARECER RESPECTIVO. SENDO ASSIM, A PESQUISADORA DEVE ESTAR ATENTA A ESSE PRAZO NOS PRÓXIMOS PROTOCOLOS.

Uberlândia, 10 de abril de 09

Prof. Dra. Sandra Terezinha de Farias Furtado  
 Coordenadora do CEP/UFU

Orientações ao pesquisador

- O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 - Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.3.z), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa (Item V.3) que requeiram ação imediata.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4). É papel de o pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprobatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res.251/97, item III.2.e). O prazo para entrega de relatório é de 120 dias após o término da execução prevista no cronograma do projeto, conforme norma.

## ANEXO 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada para participar da pesquisa “Desvelando as interações em abrigos: um estudo exploratório para a Elaboração e Avaliação de uma Proposta de Intervenção Mediacional junto às educadoras”, sob a responsabilidade das pesquisadoras Celia Vectore e Débora Nogueira Tomás. Nessa pesquisa nós estamos buscando conhecer as interações entre mães-sociais e crianças em instituições abrigo e elaborar e avaliar uma proposta de intervenção mediacional.

Na sua participação você fará uma entrevista semi-estrurada e serão realizadas observações e filmagem do comportamento mediacional junto à criança.

Após a transcrição das gravações e video-gravações para a pesquisa, elas serão desgravadas.

Em nenhum momento você será identificada. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

Não oferecerá nenhum risco para a saúde. Os benefícios estão na possibilidade de identificar e analisar o comportamento mediacional de mães sociais atuantes em abrigos, buscando sensibilizá-las acerca da importância das interações estabelecidas com as crianças.

Você é livre para desistir de participar a qualquer momento, sem nenhum prejuízo para a senhora.

Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa a senhora poderá entrar em contato com:

Pesquisadores:

Celia Vectore: Av.: Pará, 1720- Bloco 6T02 - Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32182104

Débora Nogueira Tomás: Av. Alexandre Ribeiro Guimarães, 651, apto 302, Santa Maria – Uberlândia – MG, CEP: 38450-050. Telefone: (34) 32316320

CEP/UFU: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco J, Campus Santa Mônica – Uberlândia – MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394531

Uberlândia, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 200\_\_.

\_\_\_\_\_  
Celia Vectore  
Pesquisadora responsável

\_\_\_\_\_  
Débora Nogueira Tomás  
Pesquisadora

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido

\_\_\_\_\_  
Mãe social – participante da pesquisa

### ANEXO 3 - ROTEIRO DE CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO ABRIGO

Nome da instituição:

Endereço:

Localização:

Tipo de instituição:

municipal                       estadual                       federal

particular. Matenedora:

Data da fundação da instituição:

Convênios:

Número de crianças atendidas:

Qual a capacidade de atendimento da instituição:

Faixa etária atendida:

Idade máxima para a aceitação da criança/adolescente:

Sexo:

Número de funcionários, suas funções e regime de trabalho (numero de horas de trabalho por dia ou semana):

Proporção entre funcionários e crianças:

Qual é a média de tempo que a criança fica institucionalizada?

Custo do mês de cada criança para instituição (contar gastos com salários de funcionários, alimentação, vestuário, aluguel, atividades extras, outros). Identificar o que é doação.

Qual o número de crianças atendidas por ano? (ver a rotatividade)

Quando a criança é desligada da instituição?

Quantas crianças foram adotadas pela instituição?

Houve retorno das crianças adotadas à instituição?

O que ocorre com crianças que são desligadas da instituição?

Existem acompanhamentos da criança desligada? Qual?

Existe um regulamento interno desta instituição para as atividades das crianças? Como é?

Existe cunho religioso nesta instituição?

As crianças vão à escola? Qual?

O que envolve a rotina diária das crianças? Deveres? Regras?

Quais são as atividades no fim de semana?

E nos feriados?

Existem problemas nesta instituição tais como:

drogas                       roubo                       sexualidade

brigas                       fugas                       outros

Como a instituição lida com estes problemas?

As crianças têm contato com familiares? Como é feito esse contato?

A instituição tem alguma política que visa o retorno para a família de origem ou extensa?

Existem programas de convivência familiar e comunitária das crianças institucionalizadas?

**ANEXO 4 - ENTREVISTA COM A MÃE SOCIAL**

Data de nascimento:

Local de nascimento:

Estado civil:

Formação escolar: ( ) ensino fundamental incompleto ( ) ensino fundamental completo

( ) ensino médio incompleto ( ) ensino médio completo ( ) ensino superior incompleto

( ) ensino superior completo

Tempo de trabalho em instituições infantis:

Tempo de trabalho na função atual:

Funções anteriores:

Quais razões pela qual escolheu trabalhar em instituições infantis?

Vantagens e problemas que vê na instituição?

Quais as suas concepções sobre infância?

Como você vê a criança abrigada?

Como você vê o seu trabalho?

É realizado algum planejamento das atividades desenvolvidas?

O que é feito para promover o desenvolvimento dessas crianças institucionalizadas?

Você acha que algo pode ser mudado na instituição para que ela possa melhorar a qualidade de atendimento prestado as crianças?

## APENDICE 1 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM MARIA

Local: Casa 4

Data: 22/07/2009

Horário: 13h30

**Pesquisadora:** Você é de onde?

**Maria:** Sou de (Nome da Cidade).

**Pesquisadora:** Você mora lá ainda, tem família lá?

**Maria:** Moro, minha família é de lá, tenho casa lá.

**Pesquisadora:** E você fica aqui a semana inteira?

**Maria:** Fico, fico aqui a semana inteirinha.

**Pesquisadora:** Qual o seu estado civil?

**Maria:** Eu sou solteira.

**Pesquisadora:** E sua escolaridade?

**Maria:** É o atual, ensino médio?

**Pesquisadora:** Então é até o terceiro?

**Maria:** Na época era até a quinta série.

**Pesquisadora:** Há quanto tempo que você trabalha com crianças?

**Maria:** Com criança... com criança a primeira vez é aqui

**Pesquisadora:** E quanto tempo faz que você trabalha aqui?

**Maria:** Já vai fazer 8 anos.

**Pesquisadora:** E antes você havia trabalhado em que?

**Maria:** Antes eu sou de (Nome da Cidade), né. E eu trabalhava em um restaurante lá. Eu era cozinheira no restaurante, lá eu trabalhei 7 anos, aí eu fiquei muito cansada, né. Muito cansada, muito esgotada, é muito pesado né, o serviço de restaurante, aí eu resolvi sair. Tipo assim, aí eu tava tendo muito problema de saúde, esgotada, cansada, aí eles fizeram um acordo comigo. Sai pensando que não iria trabalhar mais, falei assim “eu tô muito cansada eu não vou trabalhar mais”, e de fato, eu não agüentei nem terminar de receber o seguro desemprego. Aí eu fiquei louca, comecei a querer entrar em depressão e tudo, aí eu tenho um irmão que trabalha no (nome da Empresa de ônibus), ele faz a rota que vem para Uberlândia todo dia, de ônibus, né, ônibus coletivo, aí eu pedi pra ele levar um jornal pra mim, né, eu disse: “vou mudar minha vida, mudar meu jeito de trabalhar, sair um pouco né” aí ele, ainda ficou nervoso comigo, disse: “pra que você quer jornal de Uberlândia” aí eu disse “vou ver se acho um serviço em Uberlândia, um emprego” ele: “ah não, vai pra lá não, fica aqui mesmo” eu: “você vai trazer pra mim” “não, trazer eu posso, mas lá não tem boca pra você.” Aí ele levou o jornal, e a tarde quando ele chegou do serviço eu fui lá buscar o jornal, ele falou assim pra mim: “aí eu trouxe o seu jornal, mas eu dei uma olhada e não tem serviço nenhum pra você.. só tem um aqui que eu nem sei se você vai interessar é pra cuidar de criança.” “ah, deixa eu ver”. Aí eu peguei o jornal e olhei, e disse: “ah, mas eu vou lá nem que seja pra conhecer”. Aí nisso eu cheguei aqui e peguei um outro jornal, e na minha área de experiência com restaurante, tipo, consegui três trabalhos aqui, só que eu vim primeiro aqui.. aí eu liguei, e falei “vou lá conhecer”, pelo menos pra conhecer, porque eu não sabia como que era, né. Aí eu cheguei aqui, aí eu gostei. Gostei tanto daqui, achei tão bom, ver aquelas crianças, nossa fiquei com muita dó, achei bom.., mas mesmo assim, aí eu fui nos outros, né, fui em mais dois restaurante, onde precisava de auxiliar de cozinha. aí perguntaram: “você tem experiência?” ; “eu tenho, se quiser ver minha carteira, eu trouxe” aí viram que eu tinha 7 anos trabalhando como cozinheira de restaurante. Aí falaram, que ia esperar chegar mais currículos e depois me ligava. Daí eu fui embora né. Aí liguei para o seu Marcos (diretor do abrigo). Olha não foi fácil pra eu chegar aqui. Aí ele: “agora você vai ter que passar por uma psicóloga lá da prefeitura, pra ver se..”, se.. eu tinha um perfil psicológico pra cuidar de criança. Que hoje isso não existe aqui mais. Mas antigamente tinha que passar, e foi difícil.

**Pesquisadora:** E como que foi esse processo?

**Maria:** Aí ele (seu Marcos) falou “eu vou marcar uma entrevista pra você, lá na prefeitura” lá no centro da cidade, aí ele marcou, agendou pra mim ir, né, aí eu fui. Conversei lá com ela. Aí ele “depois eu vou lá saber a resposta com ela (psicóloga) é ela que vai me dar a resposta.” Enquanto isso os outros também ficou me chamando sabe, no restaurante. Aí ele (Marcos) foi lá, conversou com a psicóloga, e

ela falou pra ele: “olha seu Marcos, a Maria é a pessoa ideal que o senhor ta procurando, é a pessoa certa que o senhor ta procurando” ai ele falou “nossa, então ela já é nossa funcionaria” ai ele já me ligou e me chamou na hora. Ai eu vim, to aqui, já tentei sair daqui umas 3 vezes e não consigo. E to aqui.

**Pesquisadora:** E quando você veio aqui e conheceu, o que te fez ficar aqui, porque você escolheu trabalhar com essas crianças?

**Maria:** Então, dó.. dó das crianças, as crianças é muito carente. Me deu tanta dó, tanta pena de ver aquelas crianças daquele jeito. Aquele carência, né. E eu tava lá em casa tão desesperada, parece que a minha vida ta tão ruim.. ai quando eu cheguei em casa.. que eu fui pensar.. “nossa a gente tem que sair, pra andar.. tem que conhecer mesmo as coisas, e eu pensando que a minha vida ta muito ruim”.

**Pesquisadora:** Quais as vantagens e os problemas que você vê neste trabalho?

**Maria:** as vantagens, quer dizer, isso aqui é uma coisa por ... como se fala... por amor mesmo. Olha a gente não ta aqui por salário, nós somos registrada, mas se você for ver salário você não fica. Deixa eu te falar... eu moro em (nome da cidade). Eu to ganhando mais um pouquinho do que as outras... na verdade não to ganhando.. to ganhando igual a uma que entra hoje. Porque igual, eu gasto em média, de R\$90,00 a R\$100,00 em vale transporte por mês. E desconta do meu salário. E eu já recebi proposta de ganhar 2 salários, aqui em Uberlândia pra trabalhar. Um salário e meio livre de tudo. Isso eu recebi várias propostas aqui em Uberlândia. É isso que eu to te falando, é o amor mesmo, sabe.. esses meninos são tão carentes que a gente se apega com eles e eles se apegam com a gente. É o vinculo né. O vinculo é muito forte.

**Pesquisadora:** O que é infância, qual a sua concepção de infância?

**Maria:** Infância, é amor, é carinho, é brincadeira. É ter tempo de brincar né.. brincar. Eu por exemplo , eu não tive infância. Eu vim de uma família muito pobre, né. Então eu comecei a trabalhar eu tinha 10 anos, trabalhava pra ajudar meu pai e minha mãe. Então eu praticamente não tive infância. Agora hoje eu vejo assim, que.. a criança precisa de ter um canto, de brincar, de aprontar, de fazer arte, né..

**Pesquisadora:** E como você vê essa criança abrigada?

**Maria:** Essas crianças daqui.. sabe.. eu... eu levei muito tempo pra entender, as vezes... agora que eu to com os menores. Mas antes, eu já peguei muitas crianças maiores, então.. eu já peguei muita criança rebelde, revoltada, revoltada mesmo.. ai eu parava pra pensar: “gente! É uma coisa que não dá pra entender, será por que elas são assim?” e eu ficava quebrando a cabeça. “ por que será que eles são assim? aqui eles tem tudo. Tudo.. tem a comida na hora, tem a roupa lavada , tem a cama limpinha pra dormir, por que essa rebeldia deles?” ai eu fui parar pra pensar.. mas você sabe o que que é não são todos, são alguns, né, ... isso aqui não é tudo pra eles. Tem uns aqui que eles querem a mãe. Eles querem a mãe, assim, pode ta na rua, pode ta passando fome, eles queriam ta do lado da mãe, ai, depois que isso entrou na minha cabeça, ai eu passei a compreender eles. Ai eu, sozinha.... pra você ver, Ai eu passei a entender eles melhor.. a como trabalhar com eles.. conversar, né. Nossa porque eu peguei criança aqui que eu vou te falar... até criança pequena mesmo que foi embora. Eu peguei foi 3 que foram pra Itália. Tinha um que era muito engraçadinho, o Mateus, eles juntavam assim, à noite, eu sentava, ligava a televisão e eles sentavam lá no chão, né. E ficavam conversando, tinha uns menores, tinham uns maiores, tinha uns rebeldes... ai, eles estavam lá sentado na rodinha deles: Mateus, Tiago e Maxuel , ai pra você ver, foi ai que eu fui observando, observando..cada dia eu pegava um conversinha aqui, uma conversinha ali, eu ouvia outra conversinha diferentes..ai eu fui procurando entender... e pra mim, foi muito bom trabalhar com eles. Ai eles sentados lá no chão, vendo a televisão e eles conversando... na rodinha deles e conversando. O Mateus nessa época não tinha 8 anos, ele tava com 7 anos. Ai o Maxuel falou assim pro Mateus: “ o Mateus quando você crescer o que você quer ser?”, ele falou assim: “quando eu crescer, ah eu sei que eu vou ser um rapaz muito bonito, porque todo mundo fala que eu sou bonito, então eu quero arrumar uma namorada bem bonita, porque eu vou casar, eu quero casar, mas eu quero ter muito filho, mas eu quero ter um monte de filho, mas sabe o que que eu vou fazer com os meus filhos, vou por tudo no abrigo.. “ (risos) pra você ver a revolta dele, com o pai...ai que eu fui pensar, que impressionante a revolta dele de estar dentro do abrigo. Ai que passei a entender né.. o que fizeram comigo eu vou fazer com os meu filhos, né, “vou por tudo no abrigo”. Ai disse o Maxuel, ele era mal, e ele não gostava de polícia. Ele entendia que polícia era só pra bater, só pra danar e prender, mais nada né. Ai ele (Mateus) falou pro Maxuel, “ e você quando você crescer o que você quer ser?” “quando eu crescer eu quero ser policial, que eu quero bater em todo mundo, eu quero sair assim e batendo quero bater mesmo em todos que passarem



na minha frente, porque polícia pode, polícia pode bater, polícia pode matar, eu quero ter 2 revolver.” Isso ele tinha 7 anos, e já assim .. polícia pode bater, polícia pode matar.. ai o outro né, o Tiago, “e você Tiago?” e eu só observando... “ah quando eu crescer, eu vou ter também filho, vou casar, e vou ter também filho, mas eu.. meus filhos, se quiser ir embora eu não vou ligar pro meus filhos não, não to nem ai pros meu filhos, se quiser ir pro abrigo vai, se quiser ir pra rua fica, se quiser morrer morre” ai credo, é muito triste, é o significado da vida pra eles. Ai eu passei a entender eles. Ai depois eu sentei e fui conversar com ele. falei : “ olha, Mateus não é assim, não é porque você ta dentro de um abrigo, que quando você casar você vai por seus filhos num abrigo, né, e você ta no abrigo, mas você ta tão bem cuidado, tão bonitinho, todo mundo fala que você ta bonito” ai um casal da Itália adotou ele, um casal rico, só as fotos que veio da casa dele lá, o casal não teve nem um filho. Nossa, mas aquele menino teve sorte, é uma mansão a casa. Agora esse Maxuel, ai o pai dele veio aqui, e não sabia da existência dele, ele (o pai) se separou da mãe quando ela estava grávida, e não sabia, veio achar ele aqui com 7 anos. Ai na hora que ele chegou aqui ele falou pra mim assim: “pois é, olha o meu filho o tanto que é bonito, o tanto que ele é lindo e eu não conhecia ele” ai dentro de ..de ..dois meses ele foi e levou o filho embora né, e chorava e chorava de derramar lágrimas e falava assim: “ nossa eu não conhecia meu filho, o tanto que ele é bonito, oh o tanto que ele é lindo” e derramando as lágrimas. Então tem situação que .. né.. é muita história.. muita mesmo.

**Pesquisadora:** Como que você vê o seu trabalho aqui?

**Maria:** Eu gosto. Gosto demais daqui, quando eu to em casa eu sinto falta. Eu fiquei com problema de saúde, e fiquei 2 meses afastada né... nossa eu senti uma falta deles, você precisa de ver. Então eu acho um trabalho bonito e eu gosto de estar aqui, gosto de ta no meio deles. Gosto de ficar aqui com eles. Eu sinto assim... eles pra mim, eu sinto que é a minha família, né.

**Pesquisadora:** Você que já está aqui há mais tempo, já teve alguma capacitação aqui para as mães sociais? Algum trabalho realizado com as mães sociais?

**Maria:** Não.

**Pesquisadora:** Nada? Nenhum curso? Nem do juizado?

**Maria:** Nada. Agora me falaram que lá do Fórum iam mandar pra cá umas psicólogas pra atender, né. Porque nós precisa de atendimento, até nós precisa mais do que eles, você sabe por que? porque vem .... as crianças daqui mesmo que foram adotadas, nossa a gente sente, eu já sofri demais, com adoção de criança. Então eu acho assim, tinha que trabalhar as crianças e tinha que trabalhar nós, porque eu acho assim, nós somos seres humanos, né! Então, eu já peguei muita história triste, e.. eu queria adotar uma criança aqui, então ai ela chegou aqui na casa com 6 meses, muito doente, cuidei muito dela, ela precisou passar por cirurgia, ai eu cuidei de la fiquei com ela lá na Medicina( hospital), ai não aparecia família, e ela era muito bonitinha, né, não é porque ela era muito bonitinha é que eu me apeguei muito a ela, e ai ela se apegou, a mãe que ela tinha era eu.ela chamava de mamãe, mamãezinha, e tudo né .ai foi no Fórum, lá né. Nem aqui ninguém ficou sabendo, quando eles ficaram sabendo aqui já tinha 3 meses que eu tava mexendo com os papel lá, né. Fui lá no Fórum conversar com o juiz, eu tive o maior decepção da minha vida, porque....ai ele , nós discutimos feio, eu quase fui presa lá dentro do Fórum,e ele me perguntou porque que eu queria adotar ela, aquela criança, né. Eu falei: “ah, doutor, por causa do vínculo, eu cuido dessa criança, tem 3 anos que eu cuido dessa criança, ela chegou lá com 6 meses e tem 3 anos que eu cuido dela, ela me chama de mãe”. Ai ele falou pra mim assim que a culpada disso somos nós, porque aqui nós temos que separar amor, carinho, vínculo, trabalho, nós somos funcionárias, nós somos funcionárias então a culpa do vínculo é nossa, a culpa do vínculo com a criança é nossa, nós somos culpadas... então deveria ser feito um trabalho aqui dentro, você não acha?

**Pesquisadora:** Sim, claro...

**Maria:** Então o Fórum deveria fazer um trabalho aqui dentro. Menina, mas eu fiquei nervosa lá com ele, eu quase fui presa... eu falei: “oh, doutor, em primeiro lugar, deixa eu falar uma coisa pro senhor, a gente trabalha ali, nosso trabalho ali é 24 horas, a mãe que essas crianças conhece lá dentro somos nós, e depois, nós não estamos lidando com robô, com máquina, nós estamos lidando com ser humano, e principalmente criança”. Tipo assim foi um desabafo, mas tipo assim.. é um absurdo, eu fiquei muito chateada com aquilo, ainda citei o caso de uma menina que foi adotada, falei “ o senhor sabe que a mãe dessa criança não tem a mínima condição de de... pegar essa criança de volta”. Até já morreu, morreu esses tempo pra traz, a mãe dela. “ por que o senhor deixa essas crianças crescerem dentro dos abrigos, se tem tanta gente interessada, que vai lá e quer essas crianças, por que o senhor deixa as crianças crescer lá dentro?” nossa, eu falei muita coisa pra ele também, inclusive depois disso

logo ele entregou essa menina pra adoção. E eu sou amiga da pessoa que adotou ela. Nós somos amigas

**Pesquisadora:** Então você vê a menina ainda? ainda tem um vínculo?

**Maria:** Vejo, ela traz aqui sempre. Sempre ela traz a menina aqui. Ela (menina) pede pra vim aqui, ela também tem uma irmã aqui, então ela pede pra vim aqui.e faz pouco tem que a mãe dela morreu lá na medicina.

(volta a falar do juiz)Ai eu perguntei pra ele, por que que o senhor faz depósito aqui? então eu acho que ele ficou nervoso, e eu falei assim: “ o senhor deveria dar um prazo pra família dessas crianças,então, já que essa família não tem condição de educar a criança , tantas pessoas que é interessada em adotar e o senhor fica segurando...”

Então.. olha eu fiquei com uma menina aqui.. você precisa de ver a história dessa menina, mas deixa eu terminar de contar .. então.. eu disse, primeiramente, eu quero adotar ela, se ela for pra adoção ela não vai sair de lá porque ela me chama de mãe, é mamãezinha. Ele falou: “ já que você ta tão interessada, o primeiro passo é você preencher a ficha” ele deve ter achado que eu não ia dar conta, né de preencher a ficha lá no Fórum, ai, tudo bem, preenchi a ficha lá, né no Fórum, ai começou a dar entrada no processo.. mas ai, nesse entrada do processo eles dão uma investigada né, na família, procura.. se tem alguém interessado... e tudo, logo, logo apareceu a avó, e ele entregou ela pra avó, mas se você visse o sofrimento dessa menina, eu quase que entrei em depressão. Ele já tinha me autorizado a sair com ela, entrava de férias eu levava ela, eu ia pra (nome da cidade) e levava ela, eu já fui várias vezes pra (nome da cidade) e levei ela, sabe.. pra mim casa.. saía de folga levava ela, saía de férias levava ela, e quando essa avó chegou aqui que ela não conhecia essa avó.. nossa se você visse o sofrimento dela... menina, na hora que a mulher chegava ela olhava e falava: “ mamãe, mamãe, pelo amor de Deus, me esconde... me esconde na dispensa, me esconde debaixo da cama”. Nossa eu via aquilo o meu coração doía, ai ele entregou... entregou essa menina pra ela (avó) e eu peguei o telefone dela, pra mim entrar em contato e saber notícia dela, porque eu gostava muito dela e nunca mais eu vi... ai passou um dois meses, ai eu liguei e a vó dela não quis nem falar comigo.. ai eu também nunca mais liguei. Ai ficou uma outra... pra você vê como a justiça é muito falha.. meu Deus, nossa.. sabe, tem coisa que machuca muito a gente... né.. essa ficou comigo, junto comigo 5 anos, nossa a gente combinava demais.. mas ela era uma menina boa, uma moça boa.. essa já tava grande, já tava moça.. ai me ajudava muito.. muito responsável, a gente era muito amiga...ai você acredita que a menina completou 18 anos e ele (o juiz) mandou o recado que era pra tirar a menina da casa porque tava ocupando o espaço que era de uma criança, e olha pra você ver.. ela (adolescente) entrou em desespero.. ela começava a chorar e eu chorava junto com ela..

**Pesquisadora:** E pra onde ela foi?

**Maria:** Pois é.. tira da casa e vai pra onde? ai ela falava: “tia do céu, e agora o que vai ser de mim, eu não tenho ninguém.. eu não tenho família.. “ eu falava: “não, calma Maura, pra tudo tem solução.. hoje só não tem solução pra morte” e eu sofri também com ela.. e ela chorava... peguei ela chorando muitas vezes... ai sabe que que fizeram com essa menina, tiraram ela da casa e colocaram ela pra trabalhar aqui (na instituição) ai ela ficou perambulando assim... chegava pelo fundo da casa e vinha conversar comigo e chorava.. ai colocaram ela no quartinho, morando num quartinho (é onde mora a mãe folguista) ali no fundo, e um dia trabalhava numa casa e outro dia trabalhava na outra, nossa se você vê o sofrimento dela, eu sofria junto com ela. Ai apareceu uma mulher aqui que morava sozinha e viu ela e chamou ela pra morar junto, e fazer companhia, diz que ela ta bem. Mas tem coisas que dá uma alegria, mas é muito sofrido. Nosso trabalho aqui é muito bonito, mas você analisa o quanto que é sofrido, o quanto que é sofrido..

**Pesquisadora:** O que é feito para promover o desenvolvimento das crianças?

**Maria:** aqui eles têm muitas atividades, principalmente os maiores. Os pequenininhos vão de vez em quando pra salinhas brincar ou fazer tarefa com a professora. Ai lá eles fazem atividades, né, e tem a evangelização dominical

**Pesquisadora:** e o que você faz pra promover o desenvolvimento das crianças?

**Maria:** a gente brinca, eu converso muito com eles, tento dar conselhos, explicar pra eles as coisas.

**Pesquisadora:** É realizado algum planejamento de atividades na rotina da casa?

**Maria:** Não, não têm, os que estudam tem uma professora que dão o reforço... os que vão pra escola.. só isso mesmo..

**Pesquisadora:** E na rotina, geralmente vocês servem o café..

**Maria:** É.. o almoço, o lanche da tarde, a janta.. e assim, tem assim muitas festinha aqui pra eles... muitos visitantes.. eles fazem festinha

**Pesquisadora:** E as visitam também podem entrar aqui na casa?

**Maria:** Podem..

**Pesquisadora:** E o que você acha disso?

**Maria:** Quer dizer, eu não me incomodo com visitas, porque você vê que eles gostam, e eu fico satisfeita de receber as pessoas, eles tem que ter um horário, é, porque aqui as pessoas as vezes não respeitam não, os visitantes não respeitam não. Já aconteceu muitas vezes de eu ta dando comida pra eles ai as visitas chegam e eles (crianças) largam tudo, nem terminam o pão. Ai até que eles puseram um papel na porta, você viu? porque eu reclamei. Principalmente depois que separou e pôs os menores tudo aqui. Ai sabe que aconteceu essa casa aqui virou? um pólo turístico...porque ai as visitas já vinha direto pra cá e era de turma.. e não respeitava, as vezes as crianças estavam dormindo e pediam pra acordar. Entravam nos quartos.. tava almoçando as visitas tiravam da mesa...

**Pesquisadora:** Mas aqui não era assim? como que era antes?

**Maria:** Não era tudo misturado..

**Pesquisadora:** E por que separou?

**Maria:** Então, separou por isso..pras crianças terem mais privacidade... porque quando tava junto com os maiores...aqui eu tinha menor, aqui, acho que só 3, o resto era tudo mais,, então eles ( os menores) não tinham privacidade de dormir, porque eles( os maiores) levantava cedo pra ir pra escola, ai levantava e acordava os outros.. ai os pequenos não dormiam mais, a tarde não tinha horário, porque os maiores estão sempre andando.. entrando nos quartos.. ai separara pra eles terem mais privacidade.. mas ai, menina, foi só separar, ai pronto! Ai essa casa virou um ponto turístico.. (risos)

**Pesquisadora:** Faz tempo que separou, ou não?

**Maria:** Vai fazer dois anos.. mas ai você tinha que ver o sufoco que era, porque todo mundo que vinha visitar queria vim aqui.. ai eu falei, que se continuasse assim eu não iria continuar aqui.. porque os visitantes vem e até tiram as crianças da cama.. ai colocaram um monte de cartazes .. ai proibiram as visitas no domingo, mas no fim não virou nada porque, eles começaram a reclamar.. reclamar... mas eu gosto de visita, desde que respeite, o horário...o horário de lanche, o horário de almoço, quando ta dormindo, que é o horário de repouso deles, né.. então eu não me incomodo, porque se não respeitar horário é complicado..

**Pesquisadora:** Realmente...

**Maria:** Porque eles chegavam como se eu não fosse nada, chegavam entravam,, já iam tirando os meninos da cama..ai eu quis ir embora, eu falei que desse jeito eu não fico não.. eu vou embora..

**Pesquisadora:** Pra você, o que você faz pra promover o desenvolvimento dessas crianças?

**Maria:** Através de brincadeiras.. de conversas, tem que ta sempre conversando, saindo com eles pra brincar, explicando, né..

**Pesquisadora:** Tem alguma coisa que você gostaria de mudar na rotina da casa?

**Maria:** Não mas isso não depende de mim não..

**Pesquisadora:** Não, mas que você gostaria... que você acha que poderia ser diferente?

**Maria:** Gostaria pelo menos que fosse assim, que pelo menos eles distribuísse melhor nas casas, hoje por exemplo; tem casa aqui que ta com 7 crianças, aqui eu to com 14 crianças, pra você vê, podia ir tirando esses maiorzinhos.. o Diego, já vai fazer 6 anos... pra aliviar um pouco.. eles devem pensar que é porque aqui tem 2 mas não é por ai, né... porque tem 2 de manhã, mas a noite eu to sozinha. 14 crianças pra escovar dente , colocar na cama. Você levanta de manha vai pra cozinha não sabe se vai preparar o café, se vai pentear cabelo..são 14 crianças...

**Pesquisadora:** E ainda ta todo mundo de férias..

**Maria:** Não, mas quando ta estudando é pior ainda, você sabe que horas que é o horário né.. você sabe que horas eu levanto 5:30 horas, pra dar conta de escovar o dente, dar lanche pra eles, tem crianças que tem que ta lá as 7 horas, crianças que já amanhece tudo de cocô, você tem que dar banho, dar mamadeira, pra você ver, é difícil.. tinha que distribuir melhor.. porque pesa demais, eu cheguei num ponto de adoecer.. tem hora que estressa e eu tive que parar.

**Pesquisadora:** E você ficou afastada?

**Maria:** Fiquei dois meses afastada

**Pesquisadora:** Afastada por que?

**Maria:** Então.. estressada, muito estresse, chegou a me dar tonteira.. né.. e também outra coisa, a responsabilidade, inclusive, com visitante.. sabe o Erico, então, menina quando ele veio pra cá, ele deu um trabalho, nossa, menina mas você precisa de ver o trabalho, porque a policia prendeu a mãe dele dentro do supermercado, que ela tava roubando no supermercado, e ele tava junto.. e a polícia prendeu a mãe dele junto com ele. E ele tem trauma de polícia até hoje, e se você ver ele contar, porque ele é muito inteligente, e se você ver ele contar, do jeito que a polícia fez com a mãe dele: “põem a mão pra cima, levanta os braços, abre as pernas” ai né, se você ver ele chorar.. ele gritava a mãe dele de dia e de noite.. não dormia, a mãe dele é uma andarilha, do tipo assim, andarilha que bebia.. e ele gosta muito de pastel, ele gosta da mãe dele por causa disso, ela ia pro boteco beber pinga levava ele e ele ia comer pastel, e ai esse menino mas deu um trabalho. E um dia ele tava aqui tão choroso, e eu pelejando, e ele chorando e chamando a mãe dele, e eu sentada ali (fora da casa) tomando sol, e chega umas visitas ai, você acredita que vieram direto aqui. E eu sentada com ele no colo.. a moça veio e tirou ele do meu colo eu falei: ‘não , ele ta tristinho por causa da mãe dele’ ela: “não, não, deixa eu passear com ele” e pegou o menino tirou ele do meu colo e saiu, chegou ali na frente e soltou o menino largou o menino e oh.. e eu não vi, né, porque eu tava pensando que o menino tava com ela, só vi quando a menina me gritou: “oh, tia, oh tia, vem aqui ver o Erico” menina, ele tomou um tombo do escorregador... e ela (visita) soltou ele e largou, nem olhou mais, e ele machucou todinho, rançou a pele do rosto todinho do braço, caiu de ponta nas pedras, você acredita que ela nem catou o menino.. ela já tava lá em cima, e quando ela viu o menino todo ensangüentado de lá ela já foi embora e não deu nem socorro pro menino. Por isso que eu te falo que é muita coisa que a gente fica até triste porque vem, né, a gente ta aqui lutando pelas crianças, aquele dia eu dormi com ele de tanto que ele passou mal.

**Pesquisadora:** Você sabe da história desses meninos, ou não, não é passado pra você?

**Maria:** Não, não é passado, só essa do Erico que passaram, e outra coisa também que eu acho muito injusto com a gente, e que já aconteceu, aqui comigo já aconteceu muitas vezes.de chegar e falar assim: arruma a roupa da criança que ela ta indo embora. Então.. acho que deve ter um trabalho... e você sabe o que que acontece, eu acho assim.. do meu ponto de vista, eles deveriam chegar com a criança, né entregar pra gente, e falar pra gente: “olham aconteceu isso.. isso.. e isso.. essa criança passou por isso” é melhor pra gente poder trabalhar com essa criança, entender a cabecinha dela, né! porque se você visse o trabalho que esse Erico deu pra gente. Nosso Deus, ele não dormia.. agora ele nem pede pra ver a mãe, parece que esqueceu.

E lá em (nome da cidade) tem um abrigo, que eles vieram aqui pegar o modelo daqui, ai eles vieram aqui e eu conheço tudo lá, as conselheiras de lá. Conheço a moça que é coordenadora do abrigo lá, eles vieram aqui, copiaram, pra ver como que é.. mais ou menos, até eles falaram que se eu quisesse sair daqui, que era pra eu trabalhar lá, né, falou, se você vier embora de lá é só você procurar nós que você ta empregada. Ai um dia eu fui lá conhecer, fazer visita, né, ai a coordenadora falou: “ah Maria, se eu te falar a dificuldade que a gente ta de funcionário, que sabe o que nós estamos fazendo? Estamos fazendo um curso e um treinamento com as mães sociais, você não quer vim pra cá ajudar nós, não?” ai eu falei; “mas nem eu recebi treinamento” (risos).. nem eu tive isso

**Pesquisadora:** Você teve com as suas experiências...

**Maria:** Risos.. tive na marra, eu aprendi muita coisa, ai ela falou que elas (mães ) tão tendo tanta dificuldade que eles tão fazendo curso pra mãe social, e treinamento, eles não contratam mais sem passar pelo curso, e eu acho isso valido, porque eu apanhei tanto, eu apanhei tanto que eu aprendi.. (risos)

**Pesquisadora:** muito obrigada pela entrevista.

## APÊNDICE 2 – TRANSCRIÇÃO DA FILMAGEM DE ANA

4ª filmagem

Data: 07/08/2009

Hora: 15h10 às 15h20

Atividade: crianças acordando – trocando fralda

A Casa 4 está com doze crianças entre seis meses e aproximadamente cinco anos e meio. Algumas já acordaram e estão na sala assistindo televisão, outras estão nos quartos, ainda não se levantaram depois de dormirem à tarde.

A filmagem se inicia quando Ana pega uma fralda no quarto das meninas e vai para o quarto dos meninos, onde Diego (aproximadamente 2 anos) está deitado na cama esperando para ser trocado!

Ana chega e diz: cadê o mijãozinho da titia? cadê meu mijãozinho?! Fala oi Diego... oi Diego! Fala oi!!

Ana começa a trocar a fralda de Diego.

Diego diz: mamãe!

Ana: mamãe não! Titia

Diego: mamãe

Ana: eu chamo titia.

Diego: papai.

Ana: papai também não meu amor!!

Quando Ana está terminando de trocar a fralda, Diego vê um machucado no cotovelo dela e diz:

Diego: dodói.

Ana: cadê o dodói?

Diego aponta para o cotovelo da mãe social.

Ana: sarou o dodói da tia, sarou oh.. e mostra para a criança.

Pedro (aproximadamente três anos e meio) chega e pergunta:

Pedro: o que é isso aqui – e aponta para o braço de Diego.

Ana: o dele é pinta!! É pinta – Ana levanta

Daniel (aproximadamente 4 anos e meio): ôh tia! A tia Maria falou que o bicho papão vem amanhã.

Ana: o bicho papão? - e baixinho acrescenta – não existe bicho papão não!

Diego tenta falar: “ixo aão”

Ana: não existe não viu! – dirigindo-se a Daniel, com uma voz serena e com delicadeza

Termina de dobrar a fralda suja

Diego: o “papato”

Ana vai debaixo do berço e pega a sandália de Diego que aguarda sentado na cama.

Diego: cadê?

Ana arrasta o berço para pegar a outra sandália e diz:

Ana: aqui o “papato”! Vou te emprestar essa sandália viu! – E sorri para a criança

Diego: sandália!

Ana: é, essa sandália é minha viu?

Diego está em cima da cama e tia Ana de joelhos colocando a sandália nele

Diego também sorri para ela e diz: é minha!! (ri mais )

Ana: não é minha.. é da titia, a titia vai te emprestar!!

Diego: é meu “papato”! – E sorri

Diego: mãe!

Ana: titia

Diego: mãe!

Ana: tia

Diego: mãe!

Ana: mamãe não! Tia!

E pega a criança no colo e dá um beijo em seu rosto, ele a abraça!

Com muita ternura.. ainda com Diego no colo Ana diz:

Ana: oh o Pedro. Você falou oi para o Pedro? fala oi Pedro!  
 Diego não fala nada. A tia coloca a criança no chão e volta-se para Pedro;  
 Ana: Pedro fala oi para o Diego?  
 Pedro: oi  
 Ana então chama as duas crianças:  
 Ana: vamo pra lá.. os dois vão! E ela passa pelo banheiro Daniel está fazendo coco ela fala  
 Ana: oh Danielzinho, na hora que você terminar você chama, tá?  
 Vai para o quarto das meninas que também estão acordando e começa a arrumá-las. (estão no quarto, Marina – 4 anos, Daniela – 5 anos, Elen – 4 anos, Clara 4 anos e meio)  
 Marinaa está sentada na cama e tia Ana pega o sapato que está no chão e começa a calçá-la  
 Ana: oh.. vamo calçar.  
 Marina: tia, você ligou para a minha mamãe? (no caso mamãe, e a madrinha social de Marina).  
 Ana: hum?  
 Marina: você ligou pra minha mamãe?  
 Ana; se ligou pra sua mamãe? não não ligou não.. você quer que liga pra sua mamãe?  
 Tem que pedir o número...  
 Nesse momento Daniel grita do banheiro:  
 Daniel: ohh tia!  
 Ana: oi  
 Daniel: acabei  
 Ana: então espera um minutinho que a tia já vai!  
 Marina fala: o tia eu não dou conta de descer do berço sozinha  
 Ana: você não dá conta de descer do berço? ah.. Marina, quantas vezes você desce sozinha! Que depois que você dorme você desce do berço sozinha.  
 Tia Ana continua colocando o sapato em Marina que deita na cama. E diz:  
 Marina: tia eu ainda vou acordar?  
 Ana: acordar você já acordou, você ainda não ta pronta!  
 Marina: eu não quero acordar não  
 Ana: hã?  
 Marina: eu não quero acordar não  
 Ana: mas você já acordou.. agora você ta levantando!  
 Algumas meninas estão conversando no quarto (Clara, Daniela e Elen) e tentavam colocar os sapatos.  
 Ana ao terminar de calçar o sapato em Marina levanta-a da cama e em seguida Elen vai até Ana e diz:  
 Elen: titia, ta doendo.. apontando para a boca  
 Ana: ta doendo ou estava?  
 Elen fica quieta, Ana dobra um edredom do berço e Daniel a grita novamente  
 Daniel: oh tia já acabei!  
 Ana: já vai Daniel!  
 Marina pergunta: o tia posso escovar o dente? – e vai para o banheiro  
 Ana: não minha filha, não precisa escovar dente não! Não vem cá!.. Marina.. escova dente só quando escurece e quando você ta levantando de amanhecer o dia, viu?  
 ( e vai tirando a menina do banheiro).  
 Nisso, Ana volta para o quarto e pega um pente e começa a pentear o cabelo das meninas. Primeiro penteia o cabelo de Marina. Pedê para ela segurar o prendedor de cabelo que está em seu cabelo. Depois volta para as outras meninas que estavam no quarto e diz:  
 Ana: cadê o chinelinho que vocês estavam calçadas?  
 Elen, Clara e Daniela, vão até lugar do armário que ficam os sapatos e começam a escolher o que vão calçar.  
 Daniel grita do banheiro novamente: oh tia Ana!!  
 Ana: espera ai que agora mesmo a tia vai!! Espera um minutinho ai!  
 Elen pega um sapato e diz que está apertado!  
 Ana vai terminando de pentear o cabelo de Marina com muito cuidado, prendendo-o.  
 Ana: Daniela, vem pentear o cabelo, vem?  
 Clara pega um sapato e mostra pra Elen que diz: esse não!  
 Ana: prontinho Marina! Vem cá, Daniela.

E começa a pentear o cabelo de Daniela, também com muito cuidado.  
Elen diz: tem outro mas eu vou calçar esse – com um sapato na mão  
Marina que já tinha saído do quarto, volta e fala pra a tia Ana:  
Marina: já liga tia! Liga amanhã tia (referindo-se a ligação para a madrinha social)  
Ana: aah.. é pra ligar amanhã!  
Marina: não tia, liga agora!  
Ana: então ta!  
Elen, chega perto de Ana e diz:  
Elen: tia, olha aqui tia!e mostra um ursinho que está em sua mão.  
Ana que continua penteando Daniela dá uma olhada e não fala nada.  
Daniel grita novamente do banheiro.  
Ana diz: já vai Daniel!  
Elen repete: já vai Daniel!  
Ana fala para Daniela: fica quietinha agora que a tia vai fazer uma trançinha, aqui ta!  
Clara observa tia Ana fazer a trança em Daniela e Elen diz: tia, oh aqui o bumbum do ursinho, tia.  
Ana: nossa, esse seu ursinho ta sujo demais. Cruz!!  
Elen: tem que pegar o outro  
Ana: deixa ai que a tia lava ele depois  
Elen sai do quarto para pegar outro ursinho  
Ana, percebe que Clara a observa e diz: e ai branquinha, oh, cadê a branquinha da tia, hã?  
Marina e Elen voltam para o quarto, e Diego as acompanha, tia Ana fala que ele não pode entrar lá, porque lá é o quarto das meninas, que era pra ele esperar do lado de fora!  
Ana termina de trançar o cabelo de Daniela e diz:  
Ana: prontinho!  
E vira-se para Clara e começa a pentear o seu cabelo.  
Ana pergunta pra Clara: você quer amarrar ou vai ficar solto?!  
Clara: amarrar.  
Ana termina de pentear o cabelo de Clara com muito cuidado,e percebe que tem um chiclete grudado em seu cabelo ela diz: tem um chiclete aqui, hein Clara!  
Clara: de novo?  
Ana: é, você dormiu com o chiclete na boca, catou o chiclete do chão. Não pode fazer isso... chupa depois que você dormir. Não pode catar chiclete do lixo pra comer.. né! Dormir com o chiclete na boca.. em tempo de ter que cortar o cabelo.  
Tia Ana termina de pentear o cabelo de Clara e tira o chiclete com bastante cuidado. Marina entra no quarto novamente.  
Ana pergunta para Clara: cadê sua xuxinha?  
Marina: ta na mão dela!  
Clara dá a xuxinha pra Ana que amarra seu cabelo e diz:  
Ana: prontinho.. viu!  
Marina pegando um capacete de andar de bicicleta diz:  
Marina: isso é de verdade! É de verdade  
Ana termina de arrumar Clara.  
Marina volta para Clara e diz:  
Marina: Põe o chapeuzinho Clara (referindo-se ao capacete)  
Tia Ana sai do quarto com as duas meninas, e a filmagem termina